

CINTIA LIMA CRESCÊNCIO

VEJA O FEMINISMO EM PÁGINAS (RE) VIRADAS
(1968-1989)

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2012.

CINTIA LIMA CRESCÊNCIO

VEJA O FEMINISMO EM PÁGINAS (RE) VIRADAS
(1968-1989)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História Cultural, sob orientação da Prof^a Dr^a Cristina Scheibe Wolff.

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2012.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

C919v Crescêncio, Cíntia Lima

Veja o feminismo em páginas (re) viradas (1968-1989)
[dissertação] / Cíntia Lima Crescêncio ; orientadora,
Cristina Scheibe Wolff. - Florianópolis, SC, 2012.
1 v.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Feminismo - História - Brasil. 3. Revista
Veja. I. Wolff, Cristina Scheibe. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III.
Título.

CDU 93/99

**Veja o feminismo em páginas (re)viradas
(1968-1989)**

Cíntia Lima Crescêncio

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua
forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

Cristina Scheibe Wolff
Prof.^a. Dr.^a. Cristina Scheibe Wolff - UFSC

Sueli
Prof.^a. Dr.^a. Sueli Gomes Costa - UFF

Joana Maria Pedro
Prof.^a. Dr.^a. Joana Maria Pedro - UFSC

Tânia Regina Oliveira Ramos
Prof.^a. Dr.^a. Tânia Regina Oliveira Ramos - UFSC

Eunice Sueli Nodari
Prof.^a. Dr.^a. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2012.

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer à minha família. À minha mãe, sempre tão curiosa e interessada nos rumos dos meus escritos. Há muitos anos não dividimos o mesmo teto, a mesma mesa de almoço aos domingos, mas é a ti, Dona Denise, que devo boa parte de minhas conquistas. Agradeço à minha irmã Kendra, típica irmã mais velha, implicante e mandona, porém com um coração enorme sempre disposto a me fazer rir. Ao meu afilhado Francisco, pelo amor e carinho. Acredito que tu sejas um dos mais jovens feministas que se tem registro. Por último agradeço ao meu sobrinho Breno que tirou meus olhos e meu coração de minha dissertação durante as festas de final de ano, me obrigando a passar o reveillon no quarto de uma maternidade. Obrigado, pequeno infante, por me mostrar que não só de livros vivem as mestrandas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPQ) pela concessão da bolsa, e da tranquilidade financeira, sem a qual minha pesquisa não teria sido possível.

À minha orientadora Cristina Scheibe Wolff, sempre muito paciente e disposta a lidar com minhas dúvidas mais primárias. Cris, sou grata por teres me guiado e respeitado minhas escolhas, ensinando-me o valor da autonomia.

À professora Joana Maria Pedro que durante o pós-doutorado de minha orientadora esteve disponível à orientação. Não poderia deixar de agradecer à professora que me ensinou a compreender o valor e importância da docência.

À professora Miriam Pillar Grossi. Em suas aulas semanais na disciplina Seminários Temáticos de Gênero, que cursei no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, mais do que contatar um número imenso de bibliografia, pude também aprender a importância de um olhar feminista para o mundo.

Agradeço a generosidade demonstrada pela professora Eunice Suely Nodari que durante o processo seletivo impediu que meu status de estrangeira em Florianópolis me afastasse do sonho do mestrado.

Agradeço aos demais professores e professoras, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em História e do Instituto de Estudos de Gênero (IEG). Envoltos nas diferenças, agradeço a oportunidade de ampliar meus horizontes teóricos.

À equipe do Laboratório de Estudos de Gênero (LEGH) que construiu um acervo muito útil às minhas pesquisas futuras e ainda me brindou com grandes amizades.

À turma que tive oportunidade de fazer o estágio de docência, estudantes que me permitiram, finalmente, dar sentido ao meu desejo de lecionar. Agradeço ainda às minhas companheiras nessa jornada, Daniela e Gilmária. Fomos separadas pelos mais diferentes motivos, mas sem elas não teria tido a coragem e a força de encarar meus medos todas as noites de sexta-feira.

À minha grande amiga Gizele. Meu trabalho teria sido muito mais penoso sem nossas infinitas conversas virtuais. Gi, te agradeço as muitas leituras que fizesse de meus textos e, principalmente, a atenção que sempre dedicasse a mim, mesmo que fosse para ser dispensada em efemeridades.

À Tatiana, grande amiga desde a graduação que, nesse ano, irá dividir comigo novamente as horas de almoço no Restaurante Universitário. Tati, obrigada por ser sempre tão paciente, dedicada e diferente de todas as outras pessoas do mundo.

Ao Daniel que dividiu a vida e a casa comigo por apenas 4 meses, tempo suficiente para me fazer sentir saudades ainda hoje. Dani, obrigada pelos risos incontidos e pela tua graça digna de um príncipe.

Agradeço também aos amigos e amigas que tornaram essa jornada mais divertida. Rochelle, obrigada pelos jantares e saidinhas estrategicamente reanimadoras; Misael, agradeço às infinitas caronas, à companhia nos bares e a paciência religiosa que sempre tivesse comigo; Betty, nossa amizade foi tardia, mas nos momentos mais críticos de escrita eras tu que conseguias mudar de assunto e me salvar do desespero; Elias, amigo que veio lá de cima (Fortaleza) para me convencer de que eu deveria ser mais amena, sem sucesso. Elias, querido, agradeço às risadas e o teu enorme potencial apaziguador. Obrigada por me entenderem, me escutarem, me aturarem e por lembrarem de mim quando precisei me sentir lembrada.

À Millôr Fernandes, produtor de parte dos documentos analisados por mim, coração pulsante deste trabalho, que faleceu quando a versão final já estava praticamente pronta.

Finalmente agradeço às professoras Joana Maria Pedro, Suely Gomes e Tânia Regina Ramos por aceitarem fazer parte da minha banca. Obrigada pela disposição de contribuir com essa pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	13
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	
Extra, extra: Veja, censura e movimentos feministas	29
1. 1 Fundada a primeira revista semanal de informação no Brasil ..	32
1. 2 Movimentos feministas brasileiros e o (des) marco de 1975 ...	40
1. 3 Reivindicações feministas nas matérias de capa	49
CAPÍTULO 2	
Páginas amarelas questionando e divulgando os feminismos....	77
2. 1 Entrevistas com feministas “colorindo” as páginas de <i>Veja</i>	82
2. 1. 1 Sobre feminismos e feministas	84
2. 1. 2 Páginas Amarelas e as nossas grandes reivindicações	104
2. 2 <i>A propósito, o que você acha da revolução feminista?</i>	118
CAPÍTULO 3	
Feminismos, machismo e charges: Millôr Fernandes e as possibilidades do riso	129
3. 1 Feminismo tinha sim	137
3. 2 Machismo tinha não?	147
3. 3 Propaganda, por que não?	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
FONTES.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	177
APÊNDICE.....	189

Lista de imagens

- Imagem 1
Capa – *Divórcio: um debate livre* P. 51
- Imagem 2
Capa – *Divórcio* P. 53
- Imagem 3
Capa – *A mulher no trabalho* P. 56
- Imagem 4
Capa – *A mulher descasada* P. 58
- Imagem 5
Capa – *Um crime sem castigo* P. 61
- Imagem 6
Capa – *A mulher de hoje* P. 63
- Imagem 7
Capa – *Como evitar a explosão* P. 65
- Imagem 8
Capa – *O erotismo da nova mulher* P. 68
- Imagem 9
Capa – *Aids* P. 70
- Imagem 10
Capa – *O que pensa a Constituinte* P. 72
- Imagem 11
Páginas Amarelas – *Betty Friedan* P. 85
- Imagem 12
Millôr – *A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora* P. 143
- Imagem 13
Millôr – *Charge sem título* P. 156
- Imagem 14
Millôr – *Charge Millôr e as nossas grandes reivindicações* P. 159
- Imagem 15
Millôr – *Charge Millôr e o eterno masculino* P. 161
- Imagem 16
Millôr – *Charge Triângulo passiona*l P. 163
- Imagem 17
Millôr – *Charge sem título* P. 165
- Imagem 18
Millôr – *Charge sem título* P. 166

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é narrar uma parte da história da emergência dos movimentos feministas no Brasil entre 1968 e 1989, período não só de ditadura política, mas também de grande efervescência no que se refere à mobilização de movimentos sociais. Para isso selecionei como fonte a semanal **Veja**, fundada em 1968 pela editora Abril, em função da revista ter dedicado um espaço bastante significativo para noticiar reivindicações e debates feministas que aconteciam no país e no mundo. Para efetivação dessa proposta, escolhi para análise: as capas que abordam problemáticas feministas; a seção de entrevistas, denominada Páginas Amarelas, por sempre ter grande repercussão junto ao público e por ter cedido espaço a uma série de feministas e não-feministas; e por último a coluna de humor Millôr, em função do extenso alcance que atinge de entendimento junto a leitoras e leitores, além da frequência com que o jornalista responsável pela coluna, Millôr Fernandes, refletia sobre o tema feminismo. Metodologicamente me aproprio de ferramentas interessantes à história da disciplina análise do discurso, buscando perceber como os discursos veiculados por **Veja** sobre feminismo funcionaram como um instrumento de divulgação do ideário feminista naquele contexto. As seções selecionadas como documentos permitiram a divisão dos capítulos de forma sistemática: no capítulo 1 exploro as capas com o intuito de articular o debate proposto pela revista com o contexto adjacente, ou seja, relação da publicação com o cenário de ditadura e também com a discussão sobre os feminismo; no capítulo 2 analiso a seção Páginas Amarelas, espaço reservado a entrevistas com uma série de feministas e celebridades que comentaram os feminismo como acontecimento; e no capítulo 3, o último, reflito sobre a coluna de humor Millôr que entendo ter contribuído significativamente para a visibilidade das reivindicações feministas. Com essa proposta busco colaborar para a construção da história dos feminismo no Brasil que, em função do que representou a ditadura civil-militar, teve muitas de suas histórias não-contadas.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos feministas no Brasil, **Veja**, discursos.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to narrate a part of the story about the feminists' movements emergence in Brazil between 1968 and 1989, a time of not only political dictatorship but also great effervescence regarding social actions. To achieve my objectives, I selected as a source the weekly **Veja**, founded in 1968 by the publisher Abril, because the magazine devoted a significant space to report about claims and feminist debates that were taking place in the country and the world. In order to refine my research, I analyzed the following magazine's parts: the covers, which addressed women's issues; the interviews section, named as Páginas Amarelas, due to the fact that they always have had a huge impact on the public and also because they gave space to many non-feminists and feminists; and finally, the humor column, Millôr, because of the strong power it has to reach readers' understanding, besides the frequency which the column's journalist, Millôr Fernandes, reflected on feminism. Regarding the method, I incorporate some interesting tools for History that come from discourse analysis, in order to understand how the discourses, conveyed by **Veja** about feminism, worked as an instrument for the dissemination of feminist ideas in that context. The selected sections as documents allowed the division of chapters in a systematic way. In Chapter One, I explore the covers in order to articulate the debate proposed by the magazine with the historic context, for example, the relation of the publication with a dictatorship scenario and also with the discussion on feminism. In Chapter Two, I investigate the section Páginas Amarelas, reserved for interviews with many feminists and celebrities that showed feminism as an event. Finally, in the Chapter Three, I reflect on the humor column, Millôr, which I understand to have contributed significantly to the visibility of feminist aims. So, with this purpose I seek to collaborate on the construction of feminism's history in Brazil, that accords with what the civil-military dictatorship represented, and held many untold stories.

KEY WORDS: feminist movements in Brazil, **Veja**, Discourses.

INTRODUÇÃO

Veja o feminismo em páginas (re) viradas (1968-1989) foi o imperativo que motivou a escrita dessa dissertação. Mais do que um trocadilho com o nome da revista que exploro como fonte, o título adotado posteriormente à construção desse projeto serviu como síntese do objetivo principal do texto que segue nas próximas páginas: ver os feminismos de segunda onda¹ de outro ângulo, de uma forma que permita perceber que uma publicação como a revista **Veja** serviu de instrumento de divulgação dos emergentes movimentos feministas brasileiros. Minha problemática, nesse sentido, foi construída com base no contato repetitivo com os 1.111 exemplares de **Veja** em que pude perceber que entrevistas, notas, reportagens e colunas estavam preenchidas frequentemente com o tema feminismos. A partir disso, não me restava dúvidas: os feminismos foram notícia entre os anos 1968 e 1989.

Inicialmente meu objetivo era fazer uma análise ampla e irrestrita da revista, abarcando todo seu conteúdo, incluindo anúncios publicitários. No entanto, o grande número de referências ao tema de discussão proposto fizeram com que eu efetuasse também um recorte nas seções que pretendia analisar. Selecionei, então: Capas, por serem o cartaz de venda da revista; Páginas Amarelas, em função de serem entrevistas e terem grande repercussão junto ao público; coluna de Humor, visto que o entendimento da seção perpassa inúmeras gerações, gêneros, classes e, obviamente, pela relação de provocação que o autor da coluna, Millôr Fernandes, estabeleceu com tudo que dizia respeito aos feminismos.

¹ Didaticamente o feminismo é dividido em duas ondas: a primeira onda refere-se às manifestações que reivindicavam a ampliação dos direitos civis de mulheres em que se incluía o direito de votar e ser votada no final do século XIX e início do século XX; a segunda onda faz referência as manifestações iniciadas na década de 1960 em que as bandeiras de luta estavam articuladas a questões de sexualidade e de subjetividade, lutava-se pelo usufruto do corpo e combatia-se o patriarcado. Apesar dessa estrutura de ondas ser funcional, é importante pensarmos o feminismo como um acontecimento que se desenvolve de diferentes maneiras em variados espaços.

Nas páginas de **Veja**, a terceira maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados Unidos², um dos mais importantes movimentos sociais do século XX³ ocupou espaços que serviram não só à difusão de suas reivindicações, mas também a divulgação dos próprios movimentos feministas. Foi em função desses dados que a selecionei como fonte, visto que sua ampla circulação denota que o papel de divulgadora desempenhado pela revista alcançava um grande número de pessoas. O recorte temporal foi estabelecido em função da revista ter sido fundada em 1968, concomitantemente a emergência dos movimentos feministas ao redor do mundo e também de ditadura no Brasil. O ano de 1989 foi determinado como marco final em função da elaboração de uma nova Constituição que levava em consideração uma série de demandas feministas. Como a proposta era acompanhar os feminismos figurando nas páginas de **Veja**, e o ano de sua fundação e a Constituição apresentaram-se como momentos fundamentais para esses movimentos, julguei-os adequados.

Uma pesquisa nas edições recentes de **Veja**, mais especificamente entre os anos de 2008 e 2011, denunciam que, ao contrário de quatro décadas atrás, o tema feminismos já não é mais lembrado, e quando o é, resume-se a um papel de coadjuvante, atuando como mero adjetivo que atribui sentido a algo ou a alguém. Mesmo o ano de 2010, marcado por uma campanha eleitoral presidencial em que duas mulheres disputavam o cargo de maior poder na política nacional⁴, não contemplou o tema. Isso seria a comprovação de que os feminismos chegaram ao fim depois de ter questionado a organização sexual, política, econômica, social e cultural da sociedade? Acredito que não.

Céli Regina Jardim Pinto afirma ser importante atentar às novas formas tomadas pelos feminismos no novo milênio. A observação da pesquisadora aponta os novos rumos dos movimentos, muitas vezes considerados equivocados, sinalizadores de seu final, em uma análise mais nostálgica e saudosista. Céli Pinto destaca a dissociação entre o pensamento feminista e o movimento em si e, ainda, o surgimento das

² Disponível em: <http://www.grupoabril.com.br/arquivo/perfilRC.pdf> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

³ HOBBSAWM, Eric. A revolução social 1945-90. In: Era dos extremos. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P. 312-313.

⁴ Destaco que a identidade mulher era reivindicada pelas candidatas Marina Silva (PV) e Dilma Roussef (PT), sendo assumidamente demarcada pelo discurso de posse de Dilma Roussef, após a vitória nas urnas.

ONG's. A dissociação, apesar do próprio termo remeter a algo negativo, refere-se, em minha leitura, ao fortalecimento do pensamento feminista acadêmico, ocupado em produzir teoria e desenvolver pesquisas. Já o fenômeno das ONG's demarca uma fase importante na história do Brasil, em que se discute até que ponto elas não assumem as funções do Estado, eximindo-o de tomar para si suas responsabilidades⁵. Por outro lado, questiona-se ainda a possibilidade da profissionalização da militância feminista enfraquecer seu caráter político e libertário.

Reconhecendo as inúmeras divisões e mudanças pelas quais passaram uma série de grupos feministas ao longo da história do Brasil e para além das controvérsias que debatem o que é um feminismo autônomo ou o que é ser feminista, gostaria de pontuar que conhecer a história dos feminismos brasileiros permite que conheçamos também as trajetórias que nos trouxeram (nós mulheres) ao cenário atual. Penso que o conhecimento sobre disputas, conquistas, derrotas, radicalismos e estratégias possibilitam a compreensão de que se hoje podemos (nós mulheres): decidir sobre nossos corpos, mesmo que de forma ainda limitada; ingressar em profissões antes consideradas masculinas; escolher nossos destinos; comandar universidades; governar países; é porque uma série de mulheres lançou-se na luta por esses direitos.

Rose Marie Muraro, símbolo dos embates no campo do feminismo no Brasil, atuando nas décadas de 1970 e 1980 no comando da Editora Vozes e exercendo grande influência nas práticas feministas brasileiras afirmou que: *É com o feminismo que a mulher aprende a adquirir uma identidade autônoma, isto é, deixa de ver-se com os olhos do homem e passa a ver-se com seus próprios olhos, tal como multimilenariamente fez o homem*⁶. Alheia às controvérsias que as opiniões dessa autora podem causar e ciente de que [...] o termo feminismo indica um conjunto de teorias e de práticas historicamente variáveis em torno da constituição e da legitimação dos interesses das mulheres⁷, afirmo que, ao longo dos 3 capítulos componentes dessa dissertação, busco perceber os feminismos como pensamento,

⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. P. 91.

⁶ MURARO, Rose Marie. Os seis meses em que fui homem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2001. P. 105.

⁷ ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, G.; PERROT, M. (org) História das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamento, 1994. P. 590.

acontecimento e discurso efetivamente plurais e significativos na construção da história das mulheres no Brasil.

Nesse sentido, destaco que escrevo esse trabalho engajada em uma perspectiva feminista, visto que acredito ser a máxima “por uma história feminista” de grande valia para a construção de uma nova narrativa histórica. O que vai de encontro ao discurso de que os feminismos foram enterrados em alguma rua que foi palco de manifestações durante a década de 1970. Os feminismos como pensamento e como prática não só existem como assumem novos contornos em tempos de globalização, novas mídias e importantes mudanças políticas. Assim como a historiadora Joana Maria Pedro relativiza o nascimento dos feminismos brasileiros pelos cafés de Paris⁸, coloco em suspenso a idéia corrente de seu final, na medida em que, se já não se tomam mais as ruas com cartazes e palavras de ordem, ainda preservam-se os microfeminismos, atuantes nos governos, em ONG’s, em associações, em fóruns, entre outros.

Justifico meu tema de pesquisa e minha abordagem embasada no grande mistério que sempre percebi em torno do tema. Hoje identifico que essa concepção era fruto do meu nulo contato com leituras que pudessem me explicar, no mínimo, o que eram os feminismos. Na graduação, embora tenha cursado uma boa universidade, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, tanto a história contemporânea quanto a história do Brasil foram disciplinas que omitiram deliberadamente a história dos movimentos feministas de primeira e segunda onda. Nesse período meu conhecimento dependia de iniciativas particulares que me levaram a imergir na história dos movimentos feministas na pós-graduação. A historiografia ainda mantém uma dívida com muitas histórias que se desenvolveram juntamente à história ditatorial brasileira. É uma pequena parte dessa dívida que pretendo sanar.

Do ponto de vista teórico destaco que busco nos estudos de gênero ferramentas analíticas que julgo importantes para a construção de uma história feminista. Consciente das colaborações de Joan Scott para a compreensão do gênero como cultural⁹, dos alertas feitos por Linda

⁸ PEDRO, Joana Maria. Os feminismos e os muros de 1968 no Conesul. In: Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica – N. 26-1, 2008. P. 62. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/57/52> Acesso em: 12 de maio de 2011.

⁹ Ver, a esse respeito, SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, jul./dez. 1995.

Nicholson no que se refere aos perigos do essencialismo¹⁰, e dos conselhos de Judith Butler ao solicitar cuidados com o uso da categoria gênero¹¹, visto que também ela é promotora de exclusões, saliento que lanço um olhar de gênero às minhas fontes, o que significa estar atenta às diferenciações que discursivamente constroem noções hierárquicas de masculino e feminino¹². Aproprio-me da categoria gênero como instrumento interessante de análise das fontes, sendo assim, lanço um olhar de gênero à documentação, olhar que acredito ser importante a muitas pesquisas, independentemente de sua vinculação teórica.

Essa dissertação alia-se ainda a (des) construção de alguns modelos e pré-conceitos, tanto teóricos quanto causais. Ao colocar a revista **Veja** como difusora e divulgadora dos feminismos proponho pensar a imprensa para além do seu estatuto tradicionalmente instituído. Para além das páginas amarelas, numeradas, repletas de fotografias, penso a revista como produto de seu meio e tempo, mas também, de seus produtores e produtoras, afinal, os discursos da revista não são entidades abstratas, mas falas de sujeitos, dentro de suas subjetividades. Além disso, é preciso tratar os discursos produzidos pela revista como coexistindo a outros discursos, atravessando e sendo atravessada por eles, o que a análise do discurso chama de interdiscurso, a memória do dizer¹³. A escolha das seções a serem analisadas também está articulada a essa consideração, visto que privilegiei trechos de **Veja** que contam com autoria assumida.

Considerando a crescente importância das formações discursivas e o aumento significativo de interesse da história pelos sentidos dos discursos, metodologicamente recorro às ferramentas propostas pela análise do discurso. A disciplina tem como premissa atentar a densa e rica relação que, no processo de interpretação, se dá entre o discurso e a história. Respeitando a sugestão de Michel Pêcheux que na década de 1980 apontava que a análise do discurso circula entre a

¹⁰ Ver, a esse respeito, NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: vol.8, n.2/2000.

¹¹ BUTLER, Judith. Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2002. P. 311.

¹² Ver, a esse respeito, PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Contexto, 2009.

¹³ ORLANDI, Eni P. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. P. 30-31.

análise como descrição e a análise como interpretação¹⁴, busco aliar essas abordagens. A partir dessa perspectiva, nessa dissertação mobilizo elementos dessa disciplina e os utilizo como ferramenta metodológica. Desse modo, não proponho analisar os discursos da revista **Veja** sobre feminismos, mas me apropriar de categorias e possibilidades que podem enriquecer meu olhar histórico sobre as fontes. Eni Orlandi afirma que:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando¹⁵.

A análise do discurso não visa uma análise linguística puramente, em que os termos sejam semanticamente analisados e compreendidos. Essa metodologia objetiva o discurso, que implica o trabalho de explicitar, descrever e interpretar montagens sócio-históricas de sentidos. O discurso não é estanque, ele é produzido por mulheres e homens a partir de suas subjetividades, experiências, contextos, tempos. Por isso, explorar a revista **Veja** exige o mapeamento das relações que ela estabeleceu com seu meio; refletir sobre o tema feminismos supõe compreendê-lo como acontecimento, movimento; e pensar o discurso anuncia a necessidade de se compreender as diferentes possibilidades de sentido que estão limitadas pelas fontes, pela bibliografia, pelo meu próprio conhecimento.

Parto do pressuposto que os sujeitos leitores da referida revista estão sendo afetados pelos sentidos propostos por esses discursos, sentidos submetidos ainda às teias complexas da língua e da história. Desse modo, leitoras e leitores estão sendo constituídos por esse aparato que não é simples transmissão de informação. Isso porque [...] *os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras [...]*¹⁶. Percebo, portanto, os discursos como constituídores de subjetividades. No entanto, esse

¹⁴ PÊCHEUX, Michel. O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990. P. 50.

¹⁵ ORLANDI, Eni. P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009. P. 15.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 54.

trabalho não pretendeu uma pesquisa acerca do público leitor no que se refere à recepção, mas sim uma pesquisa sobre **Veja**, revista produzida por mulheres e homens, sujeitos que são também leitores e constituídos por subjetividades. Nesse caso, é importante lembrar que um texto deriva de outros e aponta para outros¹⁷.

É relevante ressaltar o “lugar comum” para pesquisadoras e pesquisadores que se ocupam de teorizar e propor uma metodologia de análise do discurso. Esse “lugar comum” é exatamente o que afirma que sentidos e sujeitos sempre podem ser outros, como defendido por Eni Orlandi¹⁸, que vai ao encontro da observação de Michel Foucault que aponta ser a análise do discurso incapaz de desvendar a universalidade de um sentido¹⁹. Reforçando essa perspectiva, Michel Pêcheux afirma que [...] *todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]*²⁰. Nesse encaixe afirmo que minhas considerações dos 3 capítulos seguintes não são definitivas ou esgotadoras dos sentidos possíveis de serem extraídos de um texto, mas apenas enunciatórias de diferentes possibilidades. Possibilidades que, em se tratando de imprensa, parecem ainda mais ricas e instigadoras. Assim, embora os esforços empreendidos na análise sejam objetivos, em se tratando de discurso, o sentido sempre pode ser outro²¹. Conforme Alan Munslow, o eixo fundamental dessa forma de conhecimento desconstrutivista é exatamente a dúvida sobre a exata representação da realidade²², o que, para uma disciplina que requer o status de ciência, é um grande problema a ser resolvido e/ou evitado. Contudo, não entendo essa assertiva como algo negativo, e sim instigante, na medida em que desafia pesquisadoras e pesquisadores a um forte rigor no tratamento das fontes.

Segundo Tânia Regina de Luca, o trato da imprensa na sua conversão a documento e fonte histórica exige certos cuidados que, superficialmente, transformam o impresso em fonte e objeto de pesquisa, na medida em que, ao assumir a imprensa como fonte, nesse

¹⁷ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2007. P. 18.

¹⁸ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 37.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996. P. 70.

²⁰ PÊCHEUX, Michel. Op. cit., 1990. P. 53.

²¹ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2007. P. 60.

²² MUNSLOW, Alan. Desconstruindo a História. Tradução de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. P. 82.

caso a revista **Veja**, é preciso todo um mapeamento do grupo responsável pela publicação, a identificação dos colaboradores e fontes de receita, a localização do público alvo²³. A partir dessa perspectiva, pesquisadoras e pesquisadores não podem eximir-se de lidar com a imprensa sempre como objeto, já que o rigor metodológico que se preceitua na relação entre historiador e fonte supõe o conhecimento amplo do cenário de produção dos documentos que estão sendo apropriados à pesquisa. A mesma exigência é feita pela análise do discurso, na medida em que, conforme Eni Orlandi, é preciso considerar a importância das condições de produção do discurso: contexto imediato e contexto amplo²⁴.

A escolha da revista **Veja** como fonte apresentou algumas facilidades e também alguns obstáculos. A possibilidade de acessar todo o acervo da revista *online*²⁵, gratuitamente e a qualquer hora do dia foi, sem dúvida, uma vantagem. Já tive a oportunidade de fazer pesquisa em arquivos, movida de itens como luvas e máscaras. Um trabalho penoso, mas que, para uma pesquisadora afeita ao manuseio de documentação, é um grande prazer. Minha experiência com o manuseio do acervo digital foi outra, mas ainda gratificante, principalmente porque tive a oportunidade de localizar outras edições, cruzar informações antes não levantadas, enfim, ter a possibilidade de acesso irrestrito à fonte. As cartas dos leitores citadas no capítulo 2, a título de exemplo, foram incorporadas ao debate muito posteriormente ao levantamento inicial de fontes. O mesmo se deu com as charges da coluna Humor analisadas no capítulo 3, visto que inicialmente minha proposta era analisar apenas os discursos escritos de Millôr Fernandes. Portanto, embora não tenha tido contato com a materialidade física das edições analisadas, o amplo contato virtual que pude estabelecer com elas permitiram que minhas escolhas mais tardias pudessem ser incorporadas.

As 5 tabelas que constam no apêndice, elaboradas com base nas necessidades apresentadas por cada capítulo, foram um meio encontrado para organizar a escrita. Adequiei cada uma delas aos objetivos que

²³ Ver, a esse respeito, LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

²⁴ Contexto imediato é o que envolve o discurso, seu suporte, sua produção, sua assinatura. O contexto amplo é o que traz para discussão os efeitos da sociedade, suas instituições, enquanto a memória atua como interdiscurso, ao acionar dizeres e experiências (ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 30-31).

²⁵ <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>

projetei inicialmente. Com exceção do capítulo 1, em que a tabela, pela simplicidade, não teve uma função metodológica, nos capítulos 2 e 3 elas foram fundamentais para que eu pudesse visualizar, compreender e então analisar as informações que elas me concediam, não só do ponto de vista numérico, mas do ponto de vista de conteúdo.

Vale lembrar que a revista **Veja** tem sido alvo de uma série de trabalhos já há alguns anos, trabalhos que vem se multiplicando em função da publicação do seu acervo em meio digital. Destaco a tese de Carla Luciana Souza da Silva, intitulada Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002), defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFF em 2005 e recentemente publicada pela Edunioeste (2009). Há ainda a tese de doutorado de Luciana Rosar Fornazari Klanovicz, intitulada Erotismo na cultura dos anos 80: censura e televisão na revista Veja, defendida em 2008 no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Outros trabalhos que utilizaram a revista **Veja** como fonte também são citados ao longo de meu texto, mas cito esses dois em função do primeiro ter feito um levantamento muito rico e extenso sobre a produção de **Veja** e o segundo por amparar-se em uma perspectiva de gênero.

Em termos de publicação aponto o livro de Maria Fernanda Lopes de Almeida, lançado em 2009 e intitulado Veja sob censura (1968-1976) como fonte essencial de conhecimento da história da revista. Mesmo que o nítido envolvimento da autora com o jornalismo a tenha impedido de elaborar uma análise mais crítica, a obra afirma-se como importante fonte de consulta no que se refere à história de **Veja** e das pessoas que passaram por ela. Em um panorama mais amplo, o título Um Acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil, publicação de 2000 de autoria de Anne-Marie Smith, permite contato com a rotina da censura e sua relação com revistas e jornais da época.

No que se refere ao tema feminismo no Brasil destaco a dissertação de mestrado de Anette Goldberg, intitulada Feminismo e Autoritarismo: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante, defendida em 1987 no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Acredito que o trabalho dessa pesquisadora tenha sido um dos primeiros a tentar contar a história dos feminismos de segunda onda nascentes em terras brasileiras, mostrando sua complexa pluralidade. De trabalhos mais recentes, saliento uma série de dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e vinculados ao Laboratório de Estudos de Gênero. A leitura de

muitas delas colaboraram para a escrita dessa dissertação e algumas foram citadas ao longo do texto.

Das publicações destaco Uma História do Feminismo no Brasil de Céli Regina Jardim Pinto, amplamente explorado. Também me apropriei de muitos textos de Joana Maria Pedro, em função da pesquisadora dedicar muito de sua produção à reflexão sobre historiografia dos feminismos. Saliento ainda a importância das publicações da Revista Estudos Feministas, disponível *online*, que permitem acesso a textos de suma importância na área dos estudos de gênero e dos estudos feministas. Do acervo da revista fiz amplo uso. A internet, de maneira geral, foi importantíssima para o levantamento bibliográfico, dezenas de textos apropriados às minhas discussões só foram acessados porque estavam disponíveis digitalmente.

Na crença da importância da escrita da história dos feminismos brasileiros e mergulhada no sonho longínquo de que prateleiras que narram e problematizam a história da ditadura sejam divididas com a história dos feminismos no Brasil, apresento os 3 capítulos dessa dissertação, organizados tematicamente como a revista **Veja**, não porque tenha me apropriado do discurso da fonte, mas acreditando que a leitura dessa dissertação seja uma das muitas leituras possíveis de **Veja**, devidamente analisada, criticada, relativizada e localizada, tanto espacial quanto temporalmente. Eni Orlandi alerta que se espera que o deslocamento permita que um/uma analista não entre na formação discursiva, mas que estabeleça uma relação crítica com o conjunto de formações²⁶. Essa divisão de capítulos, pautada na organização da própria revista, portanto, não é uma entrega da pesquisa às formações discursivas de **Veja**, mas um recurso analítico, além de uma estratégia de escrita.

O primeiro capítulo, **Extra, extra: Veja, censura e movimentos feministas**, foi dividido em 3 partes: na primeira busco construir um breve histórico da revista e da sua relação com a censura, por identificar que a própria metodologia que leva em consideração a produção de discursos exigia um maior conhecimento sobre a fonte. Em um segundo momento narro parte da história dos movimentos feministas brasileiros e sua relação com o feminismo internacional, com o intuito de contextualizar a cobertura de **Veja** sobre o assunto. Por último focalizo as capas da revista que em 10 ocasiões noticiaram eventos concernentes à temática feminista.

²⁶ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 85.

Em **Páginas amarelas divulgando e questionando os feminismos**, o segundo capítulo, foi contemplada a análise da seção Páginas Amarelas, em que celebridades, políticos, intelectuais e feministas foram entrevistadas e entrevistados pelos mais variados profissionais do jornalismo. Nesse trecho, por exigências metodológicas da própria fonte, fiz uma divisão, em função de haver 2 nichos de entrevistadas e entrevistados e, além disso, em vista da repercussão que as entrevistas costumam ter na seção de Cartas. Nesse sentido, esse capítulo divide-se em 2 eixos que compõem as suas 2 partes: no primeiro analiso entrevistas com feministas; no segundo exploro as entrevistas com pessoas de destaque que foram questionadas sobre os movimentos feministas. Esse debate foi articulado à repercussão dessas falas nas cartas de leitores e leitoras das edições seguintes.

No terceiro capítulo, **Feminismos, machismo e charges: Millôr Fernandes e as possibilidades do riso**, analiso a coluna de humor de Millôr Fernandes, muito famoso por seu deboche antifeminista. Inicialmente a coluna chegou a ser intitulada Supermercado Millôr, mas acabou por ser nomeada com o mesmo nome de seu autor. Em função do colunista permanecer na revista **Veja** apenas até 1982, esse capítulo especificamente contempla até esse período, visto que seu sucessor não elegeu os feminismos como um alvo de humor. No terceiro e último capítulo são analisadas às referências de Millôr aos feminismos e também ao machismo, temas que compõem os dois primeiros tópicos. No terceiro tópico analiso uma seleção de charges que, com mais ênfase, funcionaram como divulgadoras dos feminismo.

CAPÍTULO 1

EXTRA, EXTRA: VEJA, CENSURA E MOVIMENTOS FEMINISTAS

*Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os leitores do País. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros*²⁷. Victor Civita²⁸ em 11 de setembro de 1968 escreveu o editorial de lançamento da revista **Veja** saudando a publicação que planejava romper fronteiras regionais e informar todo o país semanalmente dos acontecimentos nacionais e internacionais. O fundador da editora Abril²⁹ louvou a qualidade da equipe formada para colocar a semanal nas bancas e ainda reforçou:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação nova e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA³⁰.

Poucos meses antes da decretação do Ato Institucional número 5³¹, citado como um dos atos institucionais mais significativos da história da ditadura brasileira, **Veja** lançou seu primeiro número com o compromisso de informar objetivamente a população em prol da escolha de novos rumos. Independente do contexto, portanto, a revista afirmou o compromisso de noticiar acontecimentos científicos, tecnológicos,

²⁷ Carta do Editor. **Veja**. São Paulo: Abril. n.1, P. 20. 11 set. 1968.

²⁸ Victor Civita nasceu em 1907 em Nova York, mas naturalizou-se brasileiro. Fundou o Grupo Abril, um dos maiores grupos editoriais do país. Faleceu em 1990. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/biografias/victor-civita.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

²⁹ A editora foi fundada em 1949 em São Paulo e sua primeira publicação foi **O Pato Donald**. Depois estendeu o público e passou a publicar: **Capricho**, **Quatro Rodas**, **Manequim** e **Veja**, dentre outras. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/biografias/victor-civita.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

³⁰ Carta do Editor. Op. cit., 1968. P. 11.

³¹ Parte do conteúdo do AI5 é discutido nas páginas a seguir e o texto completo pode ser acessado no link: http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm

artísticos, educacionais, a um país de proporções e diferenças continentais. Até esse momento o regime de opressão não era intenso e a liberdade de imprensa ainda existia³², mas apenas 90 dias depois do lançamento de um dos maiores investimentos editoriais do período, no mês de dezembro, o cenário passou a ser outro.

Apesar de submetida à censura do regime e aos objetos de interesse editoriais, **Veja**, ainda assim, publicou centenas de exemplares com referências aos nascentes feminismos de segunda onda, concedendo, inclusive, matérias de capa a temas como divórcio, violência contra as mulheres, aborto. Com essa constatação não pretendo acusar um engajamento com a causa feminista, contudo, cabe um olhar mais atento a essa publicação que em 2002 ocupava o primeiro lugar em tiragens, contabilizando mais de um milhão de exemplares, despontando como líder do mercado das semanais de informação no Brasil³³.

A revista que em seu número de estréia afirmou seu compromisso de informar a população, não se eximiu de noticiar em suas capas assuntos de interesse feminista. Historiograficamente, no entanto, nossa história continua sendo escrita sem levar em consideração a importância daquele momento do ponto de vista da história das mulheres e, ainda, da história dos movimentos feministas brasileiros³⁴. Com base nesse argumento elaboro um capítulo dedicado a historicizar a revista aqui utilizada como fonte, mas também dedicado à reflexão sobre a emergência dos movimentos feministas no Brasil a partir de suas matérias de capa entre os anos 1968 e 1989, temporalidade que demarca a emergência dos movimentos feministas em território nacional. Para isso não é necessário forçar uma relação, visto que as fontes, quando questionadas, acenaram para um contexto bastante efervescente no que se refere às mulheres e as suas reivindicações.

Nesse sentido, meu objetivo perpassa 2 diferentes eixos: o primeiro deles é pautado na necessidade de compreensão da fonte sempre como objeto; e o segundo está inspirado na interessante

³² ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Veja sob censura (1968-1976). São Paulo: Jaboticaba, 2009. P. 92.

³³ NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002. P.18.

³⁴ Algumas das obras que pensaram a história dos movimentos feministas brasileiros podem ser consultadas nas referências bibliográficas ao final da dissertação.

cobertura de **Veja** no que concerne às causas feministas, cobertura que se estendeu por diferentes seções da revista, incluindo as capas, objetos de minha análise nesse primeiro capítulo. Utilizo esse segundo eixo para localizar leitoras e leitores nos debates feministas do período, buscando demonstrar que as capas da revista dedicaram um espaço relevante à divulgação dos debates de interesse feminista. São elas que norteiam minha construção de parte da história dos movimentos feministas brasileiros que, como tentarei demonstrar nas páginas que seguem, construiu-se como plural e dialógico. Quantitativamente o número de capas dedicadas ao tema feminismo é bastante baixo, apenas 10, o que equivale a um percentual de 0,09%, como pode ser verificado na tabela 1. Se levados em consideração os 1.111 exemplares levantados para essa análise, o número poderia ser considerado irrisório. No entanto, não planejo privilegiar a quantidade de referências nas capas e sim o que significava colocar os feminismo no “cartaz” de propaganda da revista.

Inspirada pela assertiva de Carlos Fico, portanto, historiador que reconhece que [...] *a história do Brasil entre 1964 e 1985 não se restringe à ditadura militar*³⁵, pretendo, além de construir um histórico sobre a revista **Veja**, o que permite a leitoras e leitores conhecer também o cenário de ditadura que viveu o Brasil entre 1960 e 1970; narrar parte da história dos movimentos feministas que se desenvolveram em território nacional em concomitância com a ditadura.

A história dos movimentos feministas no Brasil ainda é uma história parcialmente contada, assim como muitas outras que acabaram descartadas em função do que significou o terror da ditadura civil-militar e também pelos próprios domínios de interesse da história. Acredito que o olhar lançado para essas capas seja uma forma de expor que apesar dos horrores de um cenário nada propício a reivindicações sociais, mulheres uniram-se e provaram, mesmo diante dos obstáculos, que a mudança era possível. As capas de **Veja** não só anunciavam os acontecimentos do período, como também denunciam hoje que a mobilização e a repercussão pública, atingida pelas mais distintas manifestações feministas, nos trouxe (a nós, mulheres), ao cenário atual.

³⁵ FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, p. 29-60 – 2004. P. 36. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2011.

1. 1 Fundada a primeira revista semanal de informação no Brasil

Com a data de 11 de setembro de 1968 **Veja** lançou seu primeiro número com a histórica capa vermelha em que uma foice e um martelo entravam em choque. Na legenda “O grande duelo no mundo comunista”³⁶. No seu interior, ausência total de matérias assinadas. Alguns meses depois, no dia 13 de dezembro foi decretado o Ato Institucional de Número 5, um dos mais conhecidos e rígidos dos dezessete emitidos durante o regime civil-militar brasileiro.

O texto do AI5 não citou de maneira objetiva os meios de comunicação e os cuidados que eles deveriam ter para não ser alvo da ação repressiva do Estado, no entanto, os poderes concedidos ao presidente fizeram com que a censura fosse imposta, tomando feições violentas e fortemente arbitrárias. Dentre suas resoluções destaco: poder de decretar o recesso do Congresso Nacional, intervir nos estados e municípios sem as limitações previstas pela Constituição, suspender direitos políticos de qualquer cidadão e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais; bem como o direito de suspender *habeas corpus*. Sendo que, aos artigos previstos pelo ato não cabia apreciação judicial. A fuga dos limites da Constituição fez do AI5 um dos mais marcantes da história desse período. Isso sob a justificativa de que:

[...] atos nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais, comprovam que os instrumentos jurídicos, que a Revolução vitoriosa outorgou à Nação para sua defesa, desenvolvimento e bem-estar de seu povo, estão servindo de meios para combatê-la e destruí-la³⁷.

De acordo com o conteúdo do documento, ações subversivas estariam fazendo uso das concessões do próprio Estado para ir contra a chamada *revolução*, isto é, o golpe civil-militar de 1964 que tirou Jango da presidência e deu início ao autoritarismo do regime que, é importante lembrar, contou com apoio de civis.

De acordo com Carlos Fico, no esforço de contestar a teoria do golpe dentro do golpe, o referido ato foi uma forma de reafirmação da [...] *importância, como projeto, do que se pode chamar de “utopia*

³⁶ Capa. **Veja**. São Paulo: Abril. n.1. 11 set. 1968.

³⁷ Disponível em: http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm Acesso em: 10 de julho de 2011.

*autoritária”, isto é, a crença de que seria possível eliminar quaisquer formas de dissenso (comunismo, “subversão”, “corrupção”) tendo em vista a inserção do Brasil no campo da “democracia ocidental e cristã”*³⁸. É importante lembrar que, a despeito da ampla bibliografia sobre o assunto e ainda das inúmeras manifestações que ainda causa, a eliminação das formas de dissenso foi empregada à custa do desrespeito à Constituição, à liberdade de imprensa, ao direito de reunião e, inclusive, aos direitos humanos.

Nesse cenário a imprensa foi objetivamente atingida em função de poder significar uma ameaça, exatamente aquela propulsora do dissenso citado por Carlos Fico. O caráter noticioso, informativo e, possivelmente, tendencioso dos meios de comunicação era considerado um risco aos objetivos do golpe que tinha como [...] *justificativa ideológica a defesa geopolítica do território contra o “perigo comunista”*³⁹. A imprensa, de maneira geral, era entendida como uma ameaça, na medida em que poderia fazer críticas ao governo e à situação que se encontrava o Brasil. Poderia ainda divulgar ações e ideias contrárias ao regime vigente, difundir ideais ao mostrar, por exemplo, como a oposição lidava com regimes ditatoriais em outros países. Enquanto o regime buscava ampliar seus poderes, também sobre a imprensa, **Veja** surgiu com um formato inovador e prometendo ao público romper as fronteiras regionais para um país que [...] *precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos*⁴⁰.

Contrariando as possibilidades de sucesso naquele contexto, a edição de número 1 chegou às bancas depois da produção de 13 edições piloto. Inspirada no modelo **Time** norte-americano, o nome **Veja** tinha como objetivo expor o intuito principal da revista, o de ser vista, com o uso de muitas imagens. Seu slogan “Leia e Veja” fazia uso do imperativo para demarcar o caráter da publicação. Nela, leitoras e leitores poderiam ler e ver os principais acontecimentos do Brasil e do mundo. O projeto de criação da revista foi entregue para Roberto Civita⁴¹. Mino Carta⁴² foi convidado a regressar à Abril para encabeçar

³⁸ FICO, Carlos. Op. cit., 2004. P. 34.

³⁹ SILVA, Carla Luciana da. **Veja**: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002). Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2005. P. 44.

⁴⁰ Carta do Editor. Op. cit., 1968. P. 21.

⁴¹ Roberto Civita nasceu na Itália em 1936, formou-se em física nuclear e jornalismo. Foi o fundador da revista **Veja**, sendo ainda hoje o chefe da publicação. Com a morte do pai, Roberto Civita, herdou a editora Abril

o projeto que foi um dos maiores investimentos da editora. Segundo Maria Fernanda Lopes de Almeida: *O primeiro impasse entre Mino Carta e os Civita – Victor e Roberto – foi quanto à autonomia editorial. Para o jornalista genovês, o convite para dirigir a nova revista só poderia ser aceito se ele tivesse autonomia absoluta*⁴³. Anne-Marie Smith destaca, contudo, que a grande imprensa era organizada verticalmente, sendo assim, a palavra final vinha do proprietário⁴⁴, a quem Mino Carta acabou se submetendo.

Os primeiros dois anos da publicação não foram de grande sucesso em função das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da revista para localizar um eixo editorial. Uma das causas apresentadas como obstáculos era o desconhecimento dos jornalistas em relação às ideias bases: semanal, informação e nacional⁴⁵. O interesse da publicidade, portanto, tardou e os problemas financeiros acumularam-se. Apesar do princípio problemático apresentado pela jornalista e historiadora Maria Fernanda Lopes de Almeida, que teve acesso irrestrito ao acervo censurado de **Veja**, destaco a afirmação de Anne-Marie Smith. Segundo a pesquisadora, a grande imprensa, como empresa, não se deu de todo mal no período de 1964-1985, visto que a maioria dos lucros vinha da publicidade e não das vendas⁴⁶. Boa parte da publicidade de **Veja**, inclusive, era financiada pelo Estado, o que justificaria também o interesse da revista em não contrariar os desígnios do regime então vigente.

comandada por ele ainda hoje. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/biografias/victor-civita.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

⁴² Mino Carta nasceu na Itália em 1933 e no Brasil construiu uma sólida história profissional junto ao jornalismo brasileiro. Assumiu a edição de **Veja** desde seu primeiro número, acompanhou apreensões da revista durante a ditadura e, embora tenha trabalhado até 1975 na revista, em depoimento posterior elaborou fortes críticas a Roberto e Victor Civita. Segundo o jornalista: “[...] os senhores Civitas vieram o Brasil como terra de grandes oportunidades, coqueiros à beira-mar e caipirinha de maracujá”. CARTA, Mino. In: *Pela Democracia, contra o arbítrio: a oposição democrática, do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. P. 63. Hoje Mino Carta é editor da revista **Carta Capital**.

⁴³ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 23-25.

⁴⁴ SMITH, Anne-Marie. Um acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 55.

⁴⁵ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 49.

⁴⁶ SMITH, Anne-Marie. Op. cit., 2000. P. 57.

Carla Luciana da Silva coloca em suspenso parte da história heróica narrada por Maria Fernanda Lopes de Almeida. Especulando sobre as relações que o dono da Abril mantinha com grupos internacionais, a primeira autora sugere que a sobrevivência de **Veja** nos seus primeiros anos tinha uma relação direta com grupos editoriais externos, como os da **Times** e da **Newsweek**⁴⁷. Sendo uma empresa, fundada em um contexto liberal, portanto: *Os princípios liberais de Veja conviviam tranquilamente com a ditadura*⁴⁸. Não utilizo a bibliografia para elaborar uma face maniqueísta da revista aqui analisada, no entanto, julgo importante refletir sobre a complexa relação que a imprensa, de maneira geral, estabeleceu com o regime.

A historiografia afirma com frequência que *A imprensa foi um catalisador do golpe de 31 de março de 1964*⁴⁹. Ainda assim é primordial frisar que o crescimento da truculência e a instauração efetiva de modalidades de censura, tanto prévia (bilhetinhos) quanto autocensura⁵⁰, fez com que a imprensa, incluída a revista **Veja**, passasse a rever os rumos políticos do Brasil. Se em 1964 via-se o golpe como uma contraposição ao crescimento da esquerda, com o acirramento do caráter autoritário do governo a revista teria mudado de posição. Maria Fernanda Lopes de Almeida aponta que com a direção “inesperada” tomada pelo regime, a imprensa tratou de repensar sua postura:

O que vimos foi o estabelecimento de um governo autoritário, com cassações de mandatos parlamentares, expurgos de sindicalistas e prisões arbitrárias, que teve seu apogeu com a decretação do AI-5. Foi nesse momento que a postura da imprensa brasileira mudou rapidamente: de defensora do golpe a contestadora⁵¹.

Apesar da visão um tanto otimista da citação acima, Carla Luciana da Silva reforça o engajamento político-econômico de **Veja** em uma perspectiva liberal, o que a teria levado a articular-se a um modelo

⁴⁷ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 57.

⁴⁸ Ibidem, p. 65.

⁴⁹ SMITH, Anne-Marie. Op. cit., 2000.P. 29.

⁵⁰ Conforme Anne-Marie Smith, os bilhetinhos eram uma forma da chamada autocensura. Neles constavam assuntos proibidos. Não traziam origem ou timbre oficial, não eram entregues aos órgãos da imprensa, um funcionário do jornal ou revista copiava seu conteúdo e assinava mostrando que fora informado. Já a censura prévia era realizada na Polícia Federal ou nas próprias redações que contavam com a presença de um censor que controlava a escrita dos impressos (Ibidem, p. 141).

⁵¹ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 83.

conveniente aos seus interesses como empresa, não pautada na democracia, mas na livre-iniciativa, no mercado⁵². Sendo assim, embora considere o desconforto da revista em lidar com os inúmeros empecilhos que a censura imposta pela ditadura civil-militar causava, acredito que, para alguém dos heroísmos, é preciso alocar a publicação dentro de um projeto maior, não meramente informacional, mas essencialmente capitalista. Essa consideração não invalida o fato de **Veja** ter também sofrido com a censura, assim como impressos alternativos que contestavam objetivamente o governo.

A censura na imprensa foi exercida por oficiais do Exército até janeiro de 1969, ainda sendo orientada por bilhetinhos e telefonemas. A partir de setembro de 1972, passa ser responsabilidade da Polícia Federal. Nesse período, a maioria dos órgãos da grande imprensa, como *Tribuna da Imprensa*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, a revista *Veja* e, também, da imprensa alternativa, como *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e *O São Paulo*, semanário da cúria de São Paulo, passaram a conviver com a censura prévia⁵³.

Como pode ser evidenciado pelos órgãos que sofreram censura, não havia distinções. Desde **Veja**, integrante da grande imprensa, até o semanário alternativo **O Pasquim**, fundado com a colaboração de Millôr Fernandes, autor da coluna Humor analisada no capítulo 3, foram tratados democraticamente pelo aparato censório. Se até 1972, como denota a citação, os bilhetinhos e telefonemas eram informalmente distribuídos pelas redações, a partir de então censoras e censores passaram a dividir os espaços com profissionais do jornalismo. A partir de 1970 a edição de **Veja** teria começado a receber os bilhetinhos, sendo que a censura prévia estabeleceu-se entre 1974 e 1976. Eventualmente a vigilância era amenizada, mas um mero deslize fazia com que retornasse ou fosse reforçada⁵⁴. Ao contrário do que previa, quando dei início ao levantamento bibliográfico, a censura prévia não teve fim em função da reivindicação da imprensa, tendo sido apenas notificada pelo Estado⁵⁵.

Independentemente da relação que a revista estabeleceu com o governo, também **Veja** utilizou alguns meios para mostrar ao seu público leitor que a censura era uma realidade presente em sua redação.

⁵² SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 66.

⁵³ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 93-94.

⁵⁴ Ibidem, p. 121-122.

⁵⁵ SMITH, Anne-Marie. Op. cit., 2000. P. 98.

Para denunciar a censura, um dos recursos utilizados pela revista, a partir de final de 1974, foi o uso das arvorezinhas, símbolo da editora. Havia diversos textos que acompanhavam cada anúncio, na qual citava a história e o compromisso da Abril com o futuro do País e com seu público leitor⁵⁶.

O argumento de Maria Fernanda Lopes de Almeida é frequente no histórico de publicações que desejaram demarcar ao público que não houve consentimento com os horrores promovidos pela ditadura brasileira. O recurso, de fato, foi utilizado, como pode ser evidenciado em uma breve leitura de alguns exemplares, o que não invalida a complexidade do problema da censura. Conforme Anne-Marie Smith: *Mesmo alguém que apoiava o regime militar não podia considerar legítima uma prática que era gritantemente inconstitucional. Ele a acatava, mas nunca iria dignar-se de entrar em contato físico direto com ela*⁵⁷. A citação colabora na relativização que pretendo aplicar também as afirmações de Carla Luciana da Silva no que se refere à relação de **Veja** com o governo.

Anne-Marie Smith ressalta que a autocensura, principalmente, promovia uma sensação de impotência, de impossibilidade, na medida em que era absolutamente impessoal. Enquanto reagia-se aos riscos de censores e censoras com árvores, diabinhos, poesias, a reação aos bilhetinhos e telefonemas era improvável, provocando um cenário de acomodação⁵⁸, caracterizando-se, portanto, como um *acordo forçado*⁵⁹.

Depois de conviver 2 anos com a censura prévia, em 1976, em Carta ao Leitor assinada pelo substituto de Mino Carta, José Henrique Guzzo, foi saudado o retorno da liberdade à redação de **Veja**: *Pela primeira vez em mais de 2 anos, VEJA chega às mãos de seus leitores, neste número 405, como sempre deveria ter chegado, sem censura prévia por parte das autoridades*⁶⁰. O encerramento da vigilância à produção do jornalismo de **Veja** para Carla Luciana da Silva foi bem mais do que um triunfo do livre direito de expressão. A historiadora especula que a saída de Mino Carta da direção da revista apenas 4 meses antes foi determinante nessa nova fase da revista, livre da ação censória⁶¹. A substituição de Mino Carta por José Henrique Guzzo veio

⁵⁶ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 137.

⁵⁷ SMITH, Anne-Marie. Op. cit., 2000. P. 186.

⁵⁸ Ibidem, p. 189.

⁵⁹ Ibidem, p. 198.

⁶⁰ Carta ao Leitor. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 405, P. 19. 09 jun. 1970.

⁶¹ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 63.

acompanhada da nomeação de Élio Gáspari⁶² como diretor-adjunto, jornalista que mantinha relações estreitas com membros do governo⁶³. Apesar disso, **Veja** teria se engajado a favor da campanha das *Diretas já!*. Se em 1964 o país era considerado imaturo para a democracia⁶⁴, a década de 1980 foi considerada propícia à construção de novos rumos, rumos louvados pela revista em sua primeira carta ao leitor, citada no princípio desse capítulo.

Nos anos de censura vividos por **Veja** muitas são as controvérsias que buscaram explicar seu comportamento. Se por um lado vincula-se o sucesso da revista ao seu caráter liberal e a sua relação estreita com o regime, por outro se mostra que, assim como outras publicações, a semanal da editora Abril conviveu de perto com a realidade da censura. Realidade que a rigor não foi assim tão heróica, na medida em que a

[...] imprensa não foi um alvo importante do terrorismo oficial. Ser membro da imprensa não oferecia o nível de risco enfrentado por membros de outros grupos, em particular pessoas que pertenciam a organizações clandestinas. Não obstante, o terror e a agressão estavam ao alcance do regime em sua tentativa de controlar a imprensa⁶⁵.

Desse modo, julgo relevante evitar o culto a qualquer tipo de ação, em função de entender que o olhar crítico deve prevalecer em benefício da pesquisa. O cenário certamente era de tensão, mas o poderio da Editora Abril deve ser levado em consideração.

No que diz respeito às temáticas que mais perturbavam o aparato da censura, surpreendentemente, os feminismos não são listados.

⁶² Élio Gáspari lançou em 2002 pela Companhia das Letras 2 livros dedicados a contar a história da ditadura, são eles: A ditadura envergonhada e A ditadura escancarada, ambos tidos como referência nos estudos sobre ditadura no Brasil. Apesar disso, Mário Maestri e Mário Augusto Jakobskind, em resenha das obras, elaboraram uma forte crítica ao jornalista por identificá-lo como aliado dos governos militares, o que teria feito com que seus livros envergonhassem a historiografia. Ver, a esse respeito, MAESTRI, Mário; JAKOBSKIND, Mário Augusto. A historiografia envergonhada. In: Revista Espaço Acadêmico – Ano III – Nº 24 – Maio de 2003 – Mensal. s/n. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_gaspari.htm Acesso em: 20 de novembro de 2011.

⁶³ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 64.

⁶⁴ Ibidem, p. 65.

⁶⁵ SMITH, Anne-Marie. Op. cit., 2000. P. 193.

Embora Anette Goldberg e outras pesquisadoras destaquem os grupos de esquerda, portanto, de oposição ao regime, como os locais de emergência dos feminismos⁶⁶, a pesquisa de Maria Fernanda Lopes de Almeida não demonstrou as questões feministas como uma preocupação por parte da censura. No término de seu livro, a autora afirma:

Ao analisar a censura em *Veja*, vimos que o maior teor de vetos recaiu na unidade temática *Questões Políticas*. Ou seja, se verificarmos os subtemas, encontraremos matérias sobre desaparecimentos políticos, casos de torturas e mortes, cassação de mandatos parlamentares, prisões arbitrárias, crítica ao governo, casos de violência policial e uso excessivo de poder por parte de policiais, corrupção governamental, conflitos entre a Igreja e o Estado e críticas do exterior⁶⁷.

Indo ao encontro do que a historiografia sobre ditadura tem mostrado, a citação destaca que a política, no seu sentido institucional, era o grande mote merecedor de atenção da estrutura da censura. Lembrando que durante a crise financeira e editorial dos primeiros anos, foi na cobertura política que **Veja** descobriu seu eixo⁶⁸. Movimentos sociais como os feministas não são sequer nomeados como um motivo de preocupação, ao contrário do movimento estudantil, costumeiramente lembrado como uma ameaça. Provavelmente os motivos da negligência das autoridades competentes no que se refere às informações sobre os movimentos feministas brasileiros não serão desvelados por meu trabalho, porém, é importante considerar a censura imposta pela própria sociedade civil a tudo que dizia respeito ao feminismo. Talvez essa postura tenha amenizado as possibilidades de preocupação com esses movimentos. Gostaria de levantar algumas questões, não necessariamente dialógicas, que ajudem a compreender a ampla circulação dos feminismos nas páginas da revista, apesar de seu caráter nitidamente transformador. Para cumprir essa intenção busco construir a partir das próximas páginas uma narrativa sobre a história dos

⁶⁶ A relação da emergência dos feminismos com as esquerdas é elaborada também pela historiografia de outros países do Cone Sul. Ver, a esse respeito, WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). In: História Unisinos. 13(2), Maio-Agosto 2009. p. 124-130. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/V13n2/art02_wolff.pdf Acesso em: 20 de julho de 2011.

⁶⁷ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 303.

⁶⁸ Ibidem, p. 51.

movimentos feministas brasileiros, relacionando-os aos feminismos internacionais, notadamente estado-unidense e francês. Articulou essa história ainda às capas da revista **Veja** que em 10 oportunidades, apenas depois de 1975, divulgaram temas de interesse feministas.

1. 2 Movimentos feministas brasileiros e o (des) marco de 1975

O ano de 1975 é considerado o grande marco dos feminismos brasileiros. A instituição por parte da Organização das Nações Unidas - ONU do Ano Internacional da Mulher e da Década da Mulher, naquela ocasião, são as grandes justificativas para apontar essa data como a fundadora dos movimentos feministas com caráter nacional. Na capa de **Veja** também foi em 1975 que um tema de preocupação feminista figurou na primeira página, mesmo que acompanhada pela foto de um homem, Nelson Carneiro, deputado proponente da Lei do Divórcio, sancionada 2 anos depois.

Joana Maria Pedro, ao refletir sobre uma série de narrativas que apontam as fundações dos feminismos brasileiros a partir da decisão da ONU, salienta o cuidado necessário a esse tipo de paradigma, na medida em que ele desconsidera os movimentos da própria história⁶⁹. A autora aponta:

Tem sido constantemente referenciada a importância do Ano Internacional da Mulher e do apoio da ONU para o Brasil. Vivendo, desde 1964, em plena ditadura militar, durante a qual qualquer reunião, especialmente de grupos constantemente vigiados, era um risco muito grande, a Década da Mulher e o Ano da Mulher proporcionaram o lançamento de vários eventos de questões relativas à Mulher. Convém destacar, antes de mais nada, que a iniciativa da ONU foi a repercussão do que estava acontecendo desde os anos 1960 e, principalmente, no início dos anos 70, em vários países da Europa e nos Estados Unidos, nos quais as manifestações feministas

⁶⁹ Ver, a esse respeito, PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In: Revista Brasileira de História, v. 26, p. 249-272, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n52/a11v2652.pdf> Acesso em: 11 de junho de 2011.

enchiam as ruas das cidades, para reivindicar direitos; dentre estes, o de livre disposição do corpo⁷⁰.

Sendo assim, julgo importante refletir, a partir do conteúdo da citação, sobre o contexto anterior à declaração da ONU. Afinal, a autora afirma ser o ano de 1975 um marco importante, no entanto, esta afirma ainda que a iniciativa da ONU foi fruto de um cenário efervescente no que se refere às manifestações feministas. Levando em consideração que os feminismos brasileiros relacionaram-se objetivamente com os movimentos da França e dos Estados Unidos⁷¹, pretendo dar início a essa narrativa com a descrição de eventos anteriores a esse marco fundador, visto que a bibliografia aponta não só o contexto brasileiro propício a esses debates, mas também a existência de uma série de mulheres brasileiras vivendo nos países citados. Mulheres essas que retornaram ao país após a anistia e fundaram uma série de grupos que a partir da declaração da ONU e do relaxamento da repressão não precisavam mais manter-se no anonimato, ou com sedes em outros países. Pensando na circulação do pensamento feminista início o presente tópico comprometida com o objetivo de relacionar o contexto feminista brasileiro ao todo, entendido aqui como França e Estados Unidos, países nos quais brasileiras fundaram grupos feministas durante a ditadura civil-militar.

De acordo com Ana Alice Alcântara Costa:

Após um pequeno período de relativa desmobilização, o feminismo ressurgiu no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 1960, a exemplo do movimento estudantil na França, das lutas pacifistas contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos e do movimento hippie internacional que causou uma verdadeira revolução nos costumes. Ressurgiu em torno da afirmação de que o “pessoal é político”, pensado não apenas como uma bandeira de luta mobilizadora, mas como um questionamento profundo dos parâmetros conceituais do *político*, até então identificada pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que ai

⁷⁰ PEDRO, Joana Maria. O feminismo que veio da França. In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur César; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (org.). Relações de poder e subjetividades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. P. 56.

⁷¹ As pesquisas (monografias, dissertações e teses) elaboradas no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina embasam essa afirmação.

acontecem. Isto é, no campo da *política* que é entendida aqui como o uso limitado do poder social⁷².

A citação remete ao contexto norte-americano e europeu, cuja repercussão foi mundial. A insatisfação com a guerra e o cansaço promovido por discursos normatizadores e hierarquizantes fizeram da década de 1960 um dos momentos mais contestatórios do século XX. Atacando a noção de política, ao afirmar o pessoal como político, o feminismo de segunda onda estabeleceu novas reivindicações que se distanciaram da luta por direitos políticos e civis que marcaram o feminismo de primeira onda.

A expressão “o pessoal é político”, conforme Joana Maria Pedro, era o principal mote dos grupos de consciência que se desenvolveram principalmente nos Estados Unidos ainda antes de 1968⁷³. A metodologia empregada pelas feministas americanas com o objetivo de promover a construção de uma identidade comum, embora tenha tido algumas adeptas brasileiras, como Branca Moreira Alves, não foi tão bem aceita no Brasil, país que, de acordo com a pesquisadora, sofreu mais influência do feminismo francês. O motivo para essa adesão teria sido o grande número de mulheres exiladas que residiram na França e, ainda, a maior rejeição dispensada ao país norte-americano, considerado imperialista. Para um feminismo que foi gestado em meio à esquerda, portanto, o feminismo francês pareceu mais adequado. Essa constatação não invalida o inegável contato das brasileiras que residiam em Paris com o feminismo praticado nos Estados Unidos e nem mesmo o contato do público brasileiro com a bibliografia feminista estado-unidense. A entrevista com Betty Friedan publicada em 1971 na seção Páginas Amarelas de **Veja**, analisada no próximo capítulo, é um sinalizador do reconhecimento mundial que o pensamento feminista dos Estados Unidos estava ganhando.

⁷² COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. In: Gênero. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1 sem, 2005. P. 10 Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-115122costa.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2011.

⁷³ PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In: Revista Brasileira de História, v. 26, p. 249-272, 2006. P. 68. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n52/a11v2652.pdf> Acesso em: 11 de junho de 2011.

Betty Friedan é considerada o grande ícone do feminismo americano em função de ter publicado o livro Mística Feminina⁷⁴ em 1963, obra dedicada a refletir sobre a imagem difundida de mulher como dona de casa, mãe e esposa perfeita. Segundo Ana Rita Fonteles Duarte:

O livro caiu como uma bomba nos Estados Unidos e provocou, em muitas leitoras, o desejo de dispor de uma associação. Em outubro de 1966, fundou-se, em Washington, uma Conferência Nacional, onde se constituiu uma organização nacional de mulheres, conhecida como NOW – National Organization for Women. À frente da organização estava Betty Friedan, a essas alturas feminista assumida⁷⁵.

A obra de Betty Friedan teve forte importância no desenvolvimento do feminismo nos Estados Unidos. A organização NOW, citada pela autora, foi a promotora de uma série de manifestações, eventos, palestras e mobilizações que combatiam o sexismo, o estímulo ao consumismo e a cultura que concebia a mulher como objeto⁷⁶. Posteriormente criticada por ter sido a precursora de uma espécie de feminismo liberal, admirador do individualismo e, conseqüentemente, das conquistas individuais, Betty Friedan foi o exemplo do que se convencionou chamar de mulher liberada⁷⁷, expressão inúmeras vezes utilizada por Millôr Fernandes. Mesmo que Joana Maria Pedro aponte as intensas relações entre as feministas brasileiras e o feminismo francês, em função das viagens a Paris, ou mesmo por conta do exílio, o impacto do feminismo estado-unidense também precisa ser considerado. Porém, enquanto o *american way of life* restringia as mulheres estado-unidenses ao seu lugar de dominadoras

⁷⁴ Ver, a esse respeito, FRIEDAN, Betty. Mística Feminina. São Paulo: Editora Vozes, 1971.

⁷⁵ DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: Morre a feminista que estremeceu a América. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 14 (1): 336, janeiro-abril, 2006. P. 289.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ A mulher liberada seria a mulher fruto da modernização da década de 1970, caracterizada como mulher forte, independente e construída a partir de motivações liberais e individualistas. GOLDBERG, Anette. Feminismo e Autoritarismo: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante. Tese de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Outubro de 1987. P. 25.

dos eletrodomésticos, como salienta Céli Pinto⁷⁸, no Brasil o contexto de ditadura apresentava outras questões, aparentemente mais urgentes, como defendiam os grupos de esquerda.

A identificação do feminismo brasileiro com influências francesas, como já demonstrado, não inviabilizava o contato com o pensamento feminista de outros países. Joana Vieira Borges, em dissertação dedicada a refletir sobre a circulação de bibliografia feminista no Brasil, mais especificamente do livro O Segundo Sexo, constatou:

[...] a preocupação que as autoras brasileiras têm em estarem citando autoras feministas internacionais em seus trabalhos como uma forma de apresentarem-se inseridas em um debate mais amplo promovido pelo movimento feminista, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Caracterizando um período na história das leituras feministas, Simone de Beauvoir aparece - ao lado de Betty Friedan - como uma das autoras mais citadas nos escritos feministas nacionais deste período⁷⁹.

A citação, embora remeta há anos posteriores, quando passou a existir uma preocupação de teorizar o contexto brasileiro no que se referia à situação das mulheres, faz menção ao contato que, inevitavelmente, foi estabelecido também com a obra considerada ícone do movimento feminista de segunda onda dos Estados Unidos. Ao lado do título O Segundo Sexo, Joana Borges identifica Mística Feminina como uma das obras mais citadas.

O livro de Simone de Beauvoir, publicado em 1949 na França, tornou-se leitura obrigatória nos estudos sobre mulheres e de gênero, tendo se tornado uma das obras pioneiras dos movimentos feministas pós-1960. Atacando a perspectiva biológica que reservava às mulheres determinados espaços e funções, a filósofa francesa defendia que eram as construções do social que embasavam os discursos sobre os destinos da mulher. Danda Prado, citada pela historiografia como uma das precursoras dos feminismos brasileiros na França, relatou ter lido o livro O Segundo Sexo ainda em 1960. Em 1964, quando Simone de Beauvoir visitou o Brasil acompanhada de Jean Paul Sartre, a feminista brasileira

⁷⁸ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. P. 41.

⁷⁹ BORGES, Joana Vieira Borges. Para além do tornar-se: ressonâncias das leituras feminista de *O Segundo Sexo* no Brasil. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2007. P. 100.

declarou seu estranhamento ao perceber o tratamento que Simone de Beauvoir dedicava ao companheiro:

Claro está que esperava de uma feminista uma atenção nada menos que prioritária, apesar daquele momento anteceder meu banho de feminismo *in loco*, então na França e desquitada. Ainda nessa vinda, os recebi em casa para um jantar, em que aparentemente a maior preocupação de Beauvoir continuava centrada em Sartre, até mesmo com a comida que seria servida, pois, segundo ela, seu companheiro tinha alucinações ou algo parecido, quando diante de camarões⁸⁰.

Danda Prado, uma das exiladas brasileiras na França, fundadora do Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris em 1970, grupo que iniciou as atividades do periódico *Nosotras* em 1974⁸¹, narra anos depois sua surpresa com o comportamento da feminista francesa, autora da obra que a ajudou a pensar sobre a situação das mulheres. Reconhecendo que seu *banho de feminismo in loco* teria se dado no berço da influência feminista brasileira, a França, a psicóloga que se refugiou na Europa em função da perseguição ao seu pai, Caio Prado Junior, faz ressalvas em relação à postura de esposa zelosa demonstrada por Simone de Beauvoir. Destaco essa questão para demonstrar que até mesmo as influências eram atravessadas por tensões.

O grupo fundado por Danda Prado, no entanto, não era uma exclusividade da França. Célia Sampaio e Walnice Nogueira Galvão, ao retornarem dos Estados Unidos e Europa em 1972, criaram em São Paulo um grupo de reflexão com professoras universitárias ligadas a militância política de esquerda⁸². Branca Moreira Alves teve a mesma iniciativa no Rio de Janeiro, promovendo discussões sobre os debates mais recentes dos Estados Unidos e Europa⁸³. Embora existentes, os grupos apontados como principais nesse contexto eram os formados na França, em função de terem maior liberdade de ação.

De acordo com Céli Regina Jardim Pinto, o mais importante deles foi o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, fundado em 1975. Ele teria sido fruto de rachas ocorridos em outros grupos da cidade, também de brasileiras: *A importância do Círculo em termos ideológicos*

⁸⁰ PRADO, Danda. Memórias Feministas. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. *Leituras de resistência*: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. P. 24.

⁸¹ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 53

⁸² PEDRO, Joana Maria. Op. cit., 2011. P. 52.

⁸³ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 54.

*foi a presença simultânea de uma postura política de esquerda claramente identificada com a luta de classes e de um trabalho interno de grupo de reflexão no melhor estilo do feminismo europeu*⁸⁴. O feminismo brasileiro pensado na França, portanto, articulou-se a um debate dentro de uma perspectiva de esquerda, levando em consideração questões como luta de classes, tema que não era latente no feminismo estado-unidense e liberal de Betty Friedan.

Céli Pinto narra que nesses primeiros anos as feministas brasileiras em Paris faziam um trabalho de proselitismo, enviando material para o Brasil, fazendo contato com outras organizações feministas, buscando aumentar o número de integrantes, organizando comissões e assembléias. Enquanto isso as feministas brasileiras estavam restritas as suas reuniões mais íntimas e privadas, isso em função da censura e da opressão⁸⁵.

Joana Maria Pedro afirma que a formação desses grupos em Paris não foi livre de disputas. Utilizando o exemplo do grupo formado por Danda Prado, Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, a pesquisadora ressalta que se estabeleceu uma competição entre ele e os brasileiros do Front e o Círculo de Mulheres em Paris, acusados de instrumentalizarem as mulheres e desconsiderarem suas propostas e reivindicações⁸⁶. Danda Prado relata, em depoimento posterior, que inicialmente também acreditava que o comunismo acabaria com os problemas da discriminação sexual, junto com o problema de classe, contudo, essa ideia original foi repensada, na medida em que ela percebia as lutas das mulheres sendo deixadas de lado⁸⁷.

Embora parte da historiografia identifique relações entre a emergência dos feminismos brasileiros com os desenvolvidos na França e nos Estados Unidos, relações que privilegio, em função da revista **Veja** ter dado visibilidade a essa perspectiva, é importante ressaltar que esse modelo narrativo também afeta as histórias feministas de outros países do Cone Sul. Nos países em que os feminismos emergiram em um contexto semelhante ao brasileiro, de ditadura, o argumento de que o contato com idéias feministas deu-se no exterior é frequente, como aponta Joana Maria Pedro⁸⁸. A partir de entrevistas a pesquisadora

⁸⁴ Idem. 54.

⁸⁵ Ibidem, p. 55.

⁸⁶ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., 2011. P. 54-55.

⁸⁷ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 71-72.

⁸⁸ PEDRO, Joana Maria (A). Trajetórias Políticas em mudança: tornar-se feminista no Cone Sul. In: PEDRO, Joana Maria; AREND, Sílvia Maria Fávero;

destaca que muitas das mulheres do Cone Sul tornaram-se feministas sem nunca terem saído de seus países, bem como em contato com países menos lembrados pela bibliografia: Brasil, México, Venezuela, Itália⁸⁹. Também nesses outros países a resistência às ideias feministas estava presente em meio à militância de esquerda, demonstrando que esse obstáculo esteve presente além das fronteiras dos grupos brasileiros⁹⁰.

Conforme Céli Pinto:

[...] o feminismo era mal visto no Brasil, pelos militares, pela esquerda, por uma sociedade culturalmente atrasada e sexista que se expressava tanto entre os generais de plantão como em uma esquerda intelectualizada cujo melhor representante era justamente o jornal *Pasquim*, que associava uma liberalização dos costumes a uma vulgarização na forma de tratar a mulher e a um constante deboche em relação a tudo que fosse ligado ao feminismo⁹¹.

A perspectiva apresentada pela citação não parece nada positiva, visto que o movimento, aparentemente, não tinha um nicho, um local de pouso, ou seja, um lugar efetivo de acolhimento. Se o conservadorismo dos generais era contrário à causa feminista, o conservadorismo da esquerda intelectualizada também o era, corroborando que, embora as esquerdas tenham sido o espaço de emergência dos feminismos, foi também em meio a ela que os nascentes movimentos encontraram grande parte de seus obstáculos.

Danda Prado, narrando o cenário vivido em Paris, aponta:

Fui advertida pelo “front”, naquele momento, sobre minha participação no movimento feminista e sobre o novo grupo que nós, mulheres brasileiras, estávamos criando. Perguntaram-me qual era a importância, visando o fim da luta contra a ditadura no Brasil, das questões do patriarcado, do divórcio, enfim, das diversas reivindicações feitas pelas mulheres. Aquelas pessoas que recebiam apoio do “front” brasileiro para sua integração na França deveriam, daí em diante, frequentar um novo grupo, para ter outra abordagem de discussão. Dessa maneira, eu e outras brasileiras nos afastamos dessa orientação, mesmo perdendo apoio do “front”, e

RIAL, Carmen Silvia de Moraes (org). *Fronteiras de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. P. 141.

⁸⁹ PEDRO, Joana Maria (A). Op. cit., 2011. P. 145-146.

⁹⁰ Ibidem, p. 142.

⁹¹ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 64.

mantivemos as reuniões de nosso grupo de feminismo [...]”⁹²

A realidade descrita acima provoca a reflexão sobre a assertiva recorrente de que os movimentos feministas tiveram espaço de desenvolvimento em meio às esquerdas. Efetivamente, foram nos grupos de esquerda que se opunham a ditadura que as mulheres conquistaram espaços de discussão e debates, entretanto, também foi nesses grupos que a causa feminista foi menosprezada, considerada menor, mais um capricho do que propriamente uma luta revolucionária. A acusação de estrangeirismo, muito comum nas charges e palavras de Millôr em **Veja** e nas páginas d’**O Pasquim**, o grande símbolo da imprensa alternativa no Brasil; a acusação da situação das mulheres ser um problema menor frente à situação do país vigiado pela ditadura; foram argumentos que serviram para desqualificar o grande impulso que o contexto dos anos 1960 e 1970 permitia às mulheres brasileiras.

Refletindo sobre os embates promovidos entre grupos feministas brasileiros e grupos de esquerda no começo da década de 1970 na França, Joana Maria Pedro destaca que em uma [...] *análise de gênero, poderíamos dizer que, na relação de poder com os homens, este espaço de atuação foi considerado precioso demais para ser deixado na mão exclusiva das mulheres*⁹³.

Aplicando essa possibilidade às fontes que trago para análise, **Veja**, talvez, exatamente por seu caráter liberal tão fortemente criticado por Carla Luciana da Silva, tenha permitido que suas páginas funcionassem como um instrumento de divulgação dos feminismos. Ouso afirmar que os grupos feministas brasileiros tenham sabiamente se aproveitado dos espaços que se apresentavam, enfrentando o conservadorismo da esquerda, naquele momento mais propício a promoção de reuniões. Mas também explorando o espaço da grande imprensa que se mostrou aberta à cobertura do tema, mais especificamente de **Veja** que, não só entrevistou uma série de feministas e permitiu a Millôr dezenas de colunas dedicadas às questões feministas, como concedeu 10 capas a temas relacionados aos feminismos brasileiros. Capas que, relembro leitoras e leitores, começaram apenas em 1975.

Embora já tenha demonstrado que o contato brasileiro com as idéias feministas é anterior ao marco concebido como o grande triunfo feminista da década de 1970 no Brasil, não é possível negar que a

⁹² PRADO, Danda. Op. cit., 2009. P. 27

⁹³ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., 2011. P. 68.

instituição do Ano Internacional da Mulher e da Década da Mulher pela ONU não tenham tido um impacto positivo nos movimentos feministas no Brasil, visto que, a partir de então, os grupos que se organizavam no exterior poderiam formar-se aqui e, além disso, a proteção da ONU permitia maior segurança para a fundação de novas entidades com caráter feminista.

Anette Goldberg destaca que no encalço da decisão da ONU Therezinha Zerbini fundou o Movimento Feminino pela Anistia em São Paulo, irradiando iniciativas em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Paraná e em Santa Catarina. No mesmo ano foi fundado o Centro da Mulher Brasileira - CMB, primeiro centro neofeminista do Brasil. Em São Paulo foi fundado o periódico **Nós Mulheres** e no Paraná o **Brasil-Mulher**⁹⁴. A partir da iniciativa dessas entidades uma série de eventos, conferências e ações foram desenvolvidas, muitas delas com financiamento e proteção da ONU. A Organização das Nações Unidas não instituiu o feminismo no Brasil, afinal, isso não se faz por decreto. Contudo, o patrocínio da ONU e a lenta distensão política permitiram a publicização das manifestações feministas. Manifestações que também figuraram nas capas de **Veja**.

1. 3 Reivindicações feministas nas matérias de capa

Ulpiano Bezerra de Menezes propõe que historiadoras e historiadores lancem o olhar para o campo da visualidade como objeto detentor de historicidade⁹⁵ e também como documento de *natureza discursiva*⁹⁶. Assim, da mesma maneira que outras fontes, as imagens precisam ser compreendidas no seu contexto amplo, de produção, autoria, distribuição, trajetória, bem como em seus sentidos iconográficos. Penso que a sugestão do pesquisador vai ao encontro dos meus esforços nesse capítulo em que utilizo as capas da revista para refletir sobre a história da emergência dos feminismos no Brasil. Ao propor a reflexão sobre as capas, pretendo mapear também as discussões promovidas pelos movimentos feministas e apropriadas por **Veja**, mostrando que o debate não era restrito a periódicos feministas ou a círculos de mulheres.

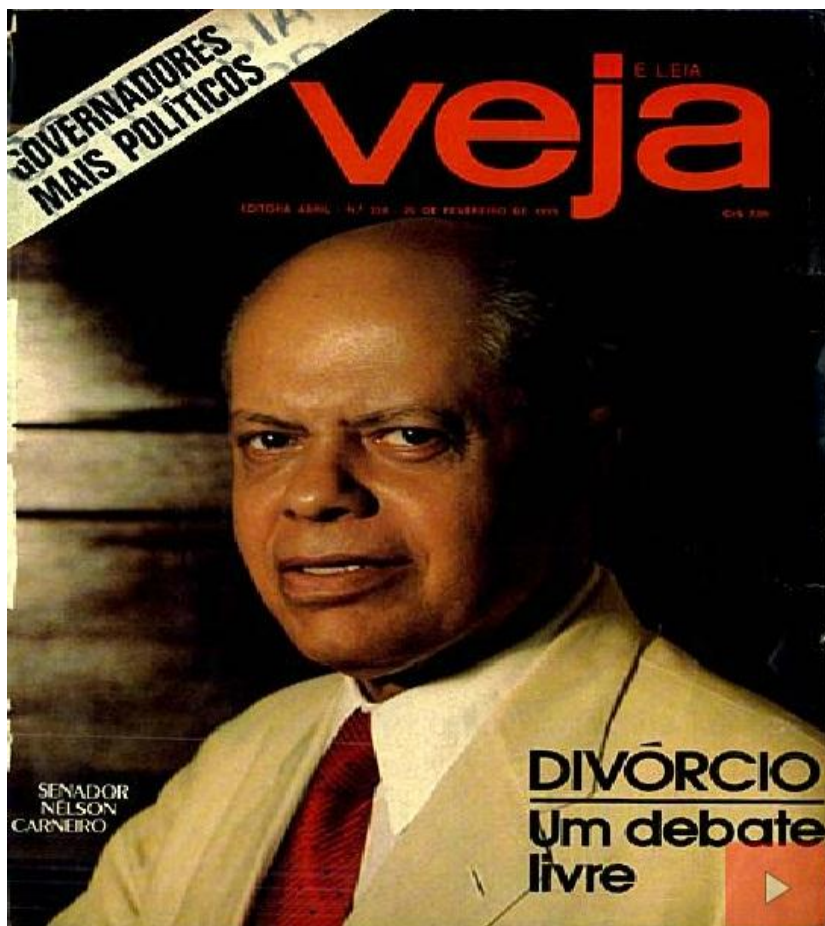
⁹⁴ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 94-95.

⁹⁵ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº45. pp. 11-23, 2003. P. 11.

⁹⁶ Ibidem, p. 16.

As primeiras capas que abordam um tema de nítido interesse feminista foram as de 26 de fevereiro de 1975 e de 22 de junho de 1977. Procuo discuti-las em conjunto por ambas abordarem o mesmo tema, o divórcio e, ainda, estamparem a mesma figura, o senador Nelson Carneiro, proponente da emenda e depois, autor da lei que regulamentou o divórcio no Brasil. A primeira anunciou em sua chamada “Divórcio: um debate livre”, reivindicação encabeçada com intensidade pelos movimentos feministas de segunda onda brasileiros. Na segunda capa a tarjeta em amarelo afirma apenas “Divórcio”, anunciando um pouco abaixo em letras menores a vitória da *emenda divorcista*.

Imagem 1



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 338. 26 fev. 1975.

O interesse do debate feminista sobre o divórcio, embora pareça um pouco óbvio, no Brasil tinha uma conotação profundamente relacionada às discussões sobre família e patriarcado. O conceito de família foi construído sobre um modelo patriarcal, ligado à linhagem e à questão do poder reprodutivo dos homens, modelo este que até pouco

tempo ainda mantinha a mulher juridicamente sob a tutela do sujeito masculino⁹⁷.

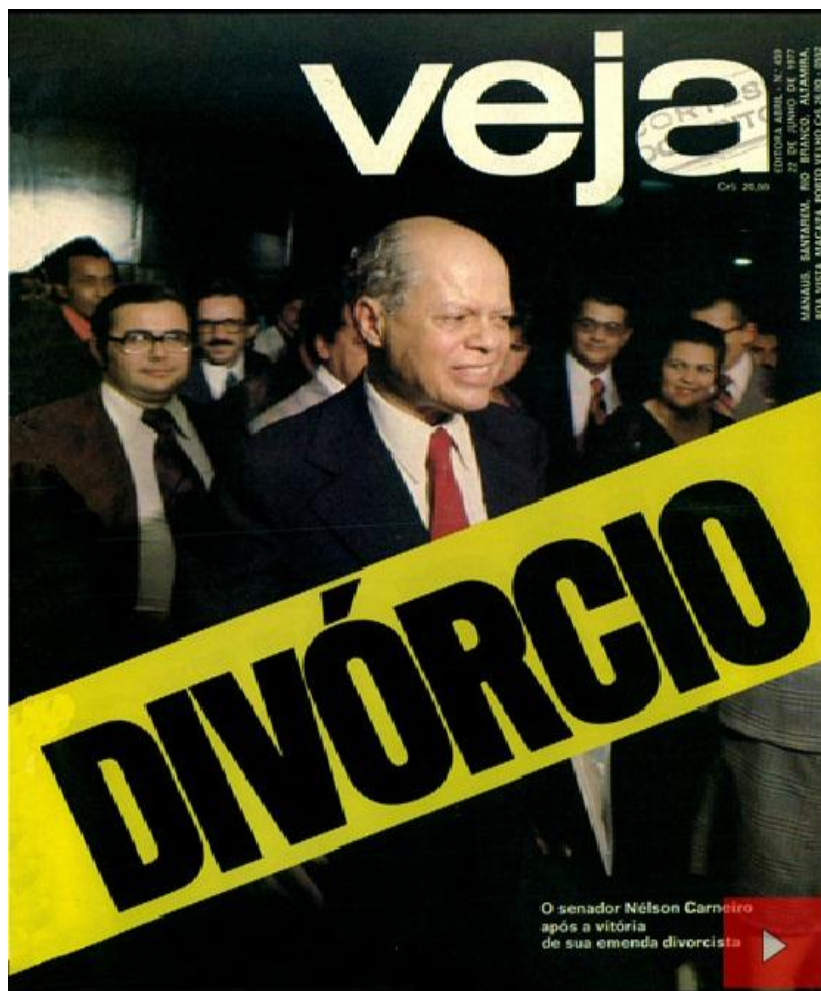
Conforme Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Coller: *O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, e 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos*⁹⁸. A sociedade patriarcal baseia-se na subordinação de mulheres e homens mais jovens, abrangendo essas relações um caráter tutelar, em que se pressupõe o poder da figura patriarcal. As autoras destacam que a família patriarcal brasileira foi importada de Portugal por ocasião da colonização, estando condicionada, portanto, às condições sociais do Brasil da época, terra de latifundiários e escravistas. Sobre isso, Sérgio Buarque de Holanda destacou a tentativa de transferência da cultura européia para o território brasileiro e o deslocamento de instituições, idéias e formas de convívio para as terras conquistadas⁹⁹.

⁹⁷ Ver, a esse respeito, PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁹⁸ NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena Coller. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In: Psicologia e Sociedade, volume 18, n. 1, pp. 49-55, jan-abr/2006. P. 50.

⁹⁹ Ver, a este respeito, HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, Companhia das Letras: 1997.

Imagem 2



Capa. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 459. 22 jun. 1977.

Longe de desejar localizar as origens do patriarcado¹⁰⁰, destaco que a discussão sobre o divórcio, tema das duas capas aqui

¹⁰⁰ Suely Gomes Costa, dentro de uma perspectiva mais atualizada, afirma que: “Nas teorias feministas, o paradigma do patriarcalismo, conceito universal de dominação masculina, tem privilegiado relações (de oposição) masculino e feminino e desigualdades dos sexos, num rígido recorte de territórios a ser

reproduzidas, repercutiam exatamente esse contexto feminista de contestação do patriarcado e, conseqüentemente, da lei que mantinha esposas submetidas à autoridade dos maridos. Nas capas de **Veja** de 1975 e de 1977, portanto, foi estampada uma questão crucial para os feminismos do período. Ironicamente, a lei e a capa tinham como protagonista um homem. Opto por refletir sobre as capas conjuntamente em função de identificar, não só relações interessantes entre elas, bem como uma nítida notícia comum.

É importante frisar as mudanças que a lei discutida durante 2 anos pela revista pontuava¹⁰¹. Se até então o homem era a figura responsável por poder dissolver o casamento, considerado o chefe da família, e a mulher conservava para si a pecha de mulher desquitada, o que significava não ser casada nem solteira, a partir da Lei 6.515, Lei do Divórcio, ou Lei Nelson Carneiro, de 1977, o casamento poderia ser dissolvido legalmente, e por iniciativa também da mulher, sem necessidade de apontamento de um motivo judicialmente reconhecido. Até então o Estatuto da Mulher Casada de 1962 (Lei 4.121/1962) mantinha o homem como chefe da família e a mulher como sua colaboradora¹⁰². No dia 16 de junho de 1977, 6 dias antes da segunda capa de **Veja** sobre o assunto, a emenda que tornava o divórcio legítimo no Brasil foi aprovada.

De acordo com Carla Luciana da Silva as capas são o “cartaz” publicitário da revista, o instrumento de conquista do leitor esporádico. Nela, geralmente, estampa-se o principal assunto da semana¹⁰³. Assim, o

revisto. Ainda que o paradigma do patriarcalismo tenha sido relevante para o processo de tomada de consciência das relações de poder entre os sexos, é preciso revê-lo. Esta escolha teórica oculta muito da complexidade social, quando desconsidera sistemas de poder e subordinação, postos pelas relações de classes, etnias/raças e gerações em suas muitas intersecções[...]” COSTA, Suely Gomes. Movimentos Feministas, Feminismos. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (N.E): 264, setembro-dezembro de 2004. P. 25.

¹⁰¹ O debate coberto por **Veja** tinha apenas era recente, mas Marlene de Fávéri aponta que Nelson Carneiro, antes mesmo de tornar-se senador, em 1952, já solicitava que fosse retirada da Constituição a expressão “vínculo indissolúvel”. FÁVERI, Marlene. Desquite e Divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. In: Caderno Espaço Feminino, Vol. 17, n. 01, Jan -. Jul. 2007. P. 341. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/anguem/article/viewFile/445/414> Acesso em: 10 de março de 2011.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 114.

tema divórcio era vendável. Na primeira capa destaco a tarja lateral “Governadores mais políticos”, isso porque o debate sobre o divórcio, embora apontado pela chamada como livre, era uma discussão que adentrava a arena religiosa. Aparentemente, a expressão estampada na capa clamou para que os governadores fossem, efetivamente, menos religiosos e mais políticos. A emenda proposta por Nelson Carneiro nesse ano, de concessão do divórcio após 5 anos de desquite ou depois de 7 anos de separação de fato, não teve resultado¹⁰⁴. Entretanto, apesar da primeira derrota, a capa denunciou que tipo de debate a revista propunha. Debate que, em tese, deveria atrair o público.

Alheia ao conteúdo da reportagem no interior da revista, me atendo ao conteúdo da capa que julgo impossível não interpretar. Entendendo toda a produção discursiva de **Veja**, apesar de sua auto-identificação como revista de informação, como um complexo processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos e não meramente transmissão de informação¹⁰⁵, a percebo sim como um agente que não só demarcou o assunto a ser debatido, mas também a natureza desse debate: como algo *livre* e *político*. Se é preciso perceber o significado desse texto naquele contexto em que arena religiosa e política entravam em disputa, o identifico como um texto marcadamente favorável a emenda proposta pelo então senador Nelson Carneiro.

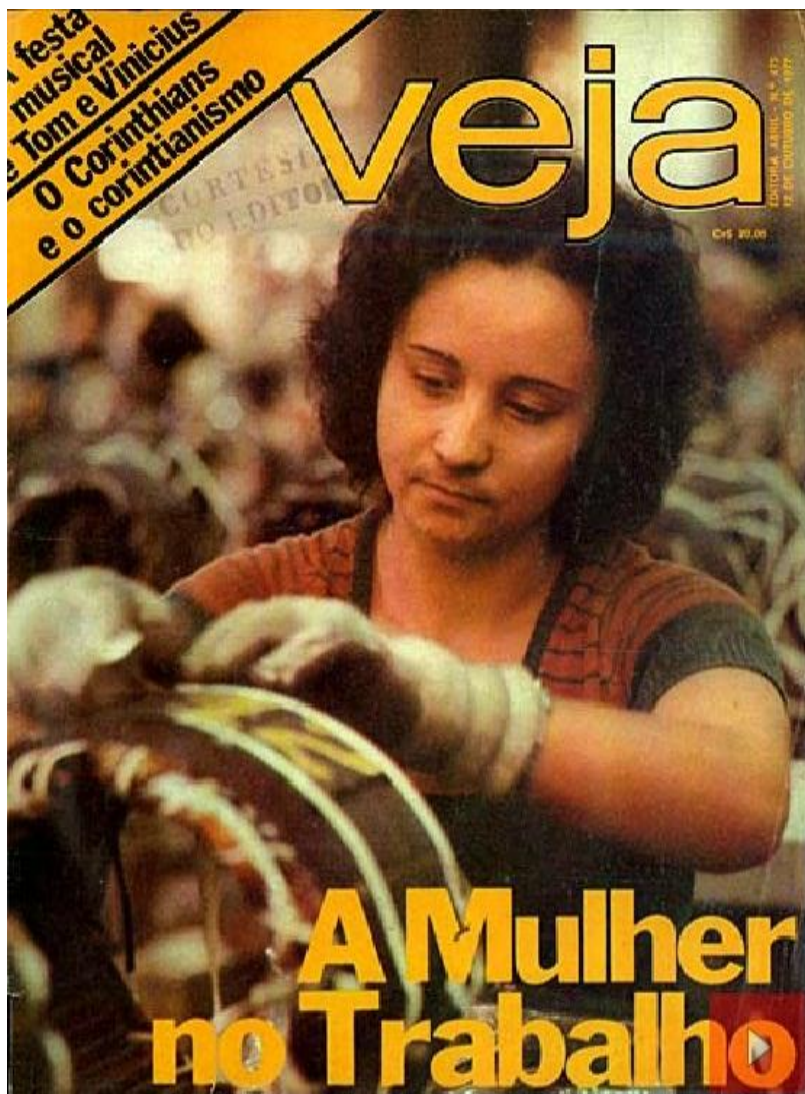
A próxima capa que trago para análise é a de 12 de outubro de 1977, cuja chamada não poderia ser mais significativa para a proposta de minha pesquisa: “A mulher no trabalho”.

Na capa uma mulher é representada manipulando um equipamento, utilizando luvas em um cenário, aparentemente, industrial. Destaco que essa mulher não foi representada atrás de uma mesa, como secretária, ou mesmo como professora. A mulher que trabalha foi apresentada em um ambiente novo, de uma fábrica, talvez um dos grandes símbolos de modernização dos nossos tempos. Saliento ainda que a imagem remete a um mulher de cabelos crespos, pele amendoada. Portanto, concluo que o esforço é de representar uma mulher brasileira.

¹⁰⁴ FÁVERI, Marlene. Op. cit., 2007. P. 344.

¹⁰⁵ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2009. P. 21.

Imagem 3



Capa. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 475. 12 out. 1977.

Embora o ambiente fotografado seja “(des) feminilizado”, a imagem leva a algumas reflexões que se articulam às discussões propostas por Eva Alterman Blay e discutidas no próximo capítulo, no

que se refere ao maior ingresso das mulheres no mercado de trabalho, fato sempre comemorado.

De acordo com Paola Cappellin:

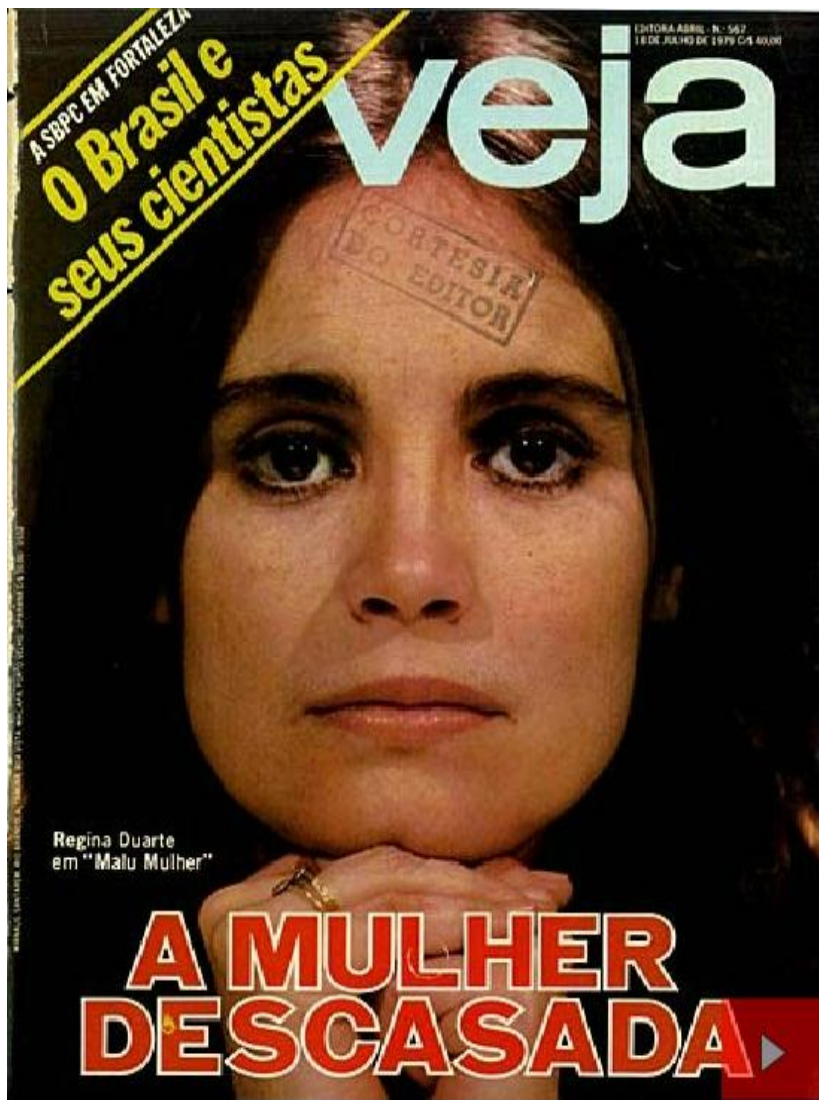
Parece haver uma certa euforia na simples constatação que há um contínuo aumento da presença das mulheres no mercado de trabalho. Caberia sempre avançar na análise avaliando sob quais condições elas trabalham, que lugares elas ocupam, quais garantias de estabilidade elas obtém, que grau de segurança elas tem para planejar suas vidas pessoais e familiares¹⁰⁶.

Os motivos de ressalvas da autora perpassavam também as preocupações feministas do período que, embora considerassem a importância do ingresso das mulheres no contingente trabalhista, também percebiam os problemas do sistema explorador e desigual, não só do ponto de vista de gênero, mas também do ponto de vista capitalista. A capa, portanto, agenda uma das questões mais discutidas na década de 1970 no Brasil.

Já a capa de 18 de julho de 1979 dialoga diretamente com as duas capas que noticiaram o divórcio.

¹⁰⁶ CAPPELLIN, Paola. Promover a integração das mulheres no século XXI. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. P. 314.

Imagem 4



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 566. 18 jul. 1979.

Nela a atriz Regina Duarte, interpretando na época uma mulher divorciada no seriado *Malu Mulher* da Rede Globo, foi apresentada com feições sérias sob a legenda “A mulher descasada”. O programa, um dos

maiores sucessos do período, causava também muita polêmica em função de debater temas como sexualidade, aborto, homossexualidade feminina e uma série de outros assuntos considerados tabus. Como protagonista, nada menos do que uma mulher divorciada, Malu, socióloga, descasada e mãe de uma adolescente de 12 anos¹⁰⁷. Temas como amor, corpo, desejo, sexualidade, assuntos que foram por muito tempo rejeitados pela própria academia¹⁰⁸ foram tratados semanalmente em canal aberto e **Veja** não ficou alheia à discussão.

A capa, para além da relação que estabelece com a questão do divórcio que havia sido recentemente votado como lei, evocou todo o contexto da série, muito conhecida do público. O interdcurso, entendido aqui como a memória do dizer¹⁰⁹, não só atua sobre mim, que assisti a reprise do programa já na década de 1990, como deve ter atuado sobre o público de **Veja**, ao deparar-se com a capa de feições dramáticas e tema candente. O assunto tabu não só foi assumido pela emissora que produziu o programa, como também por **Veja** que estampou em sua capa a protagonista do seriado.

Ana Alice Alcântara Costa destaca que no final dos anos 1970 e começo dos anos 1980

O movimento feminista se proliferou através de novos grupos em todas as grandes cidades brasileiras e assume novas bandeiras como os direitos reprodutivos, o combate à violência contra à mulher, e a sexualidade. O feminismo

¹⁰⁷ O programa Malu Mulher foi ao ar no dia 24 de maio de 1979, permanecendo como sucesso de público até 22 de dezembro de 1980. “*Malu Mulher* foi inspirada no filme *An Unmarried Woman*, comédia de Paul Mazursky, lançado em 1978 e que no Brasil ganhou o título *Uma Mulher Descasada*. O diretor Daniel Filho queria falar das dificuldades na vida de uma mulher separada e da emancipação feminina. As primeiras reuniões de criação do seriado aconteceram na casa do diretor, com a participação da futura equipe de produção e roteiristas do programa – em grande parte, mulheres –, Regina Duarte e a socióloga Ruth Cardoso, amiga pessoal da atriz. Foi por sugestão de Ruth Cardoso que Cristina Medicis, encarregada da pesquisa para o seriado, entrevistou estudantes de sociologia da Unicamp, em Campinas, para colher informações que ajudassem a construir o perfil de Malu”. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249902,00.html> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

¹⁰⁸ Ver mais: ENGEL. Magali. História e Sexualidade”. In: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 297.

¹⁰⁹ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 21.

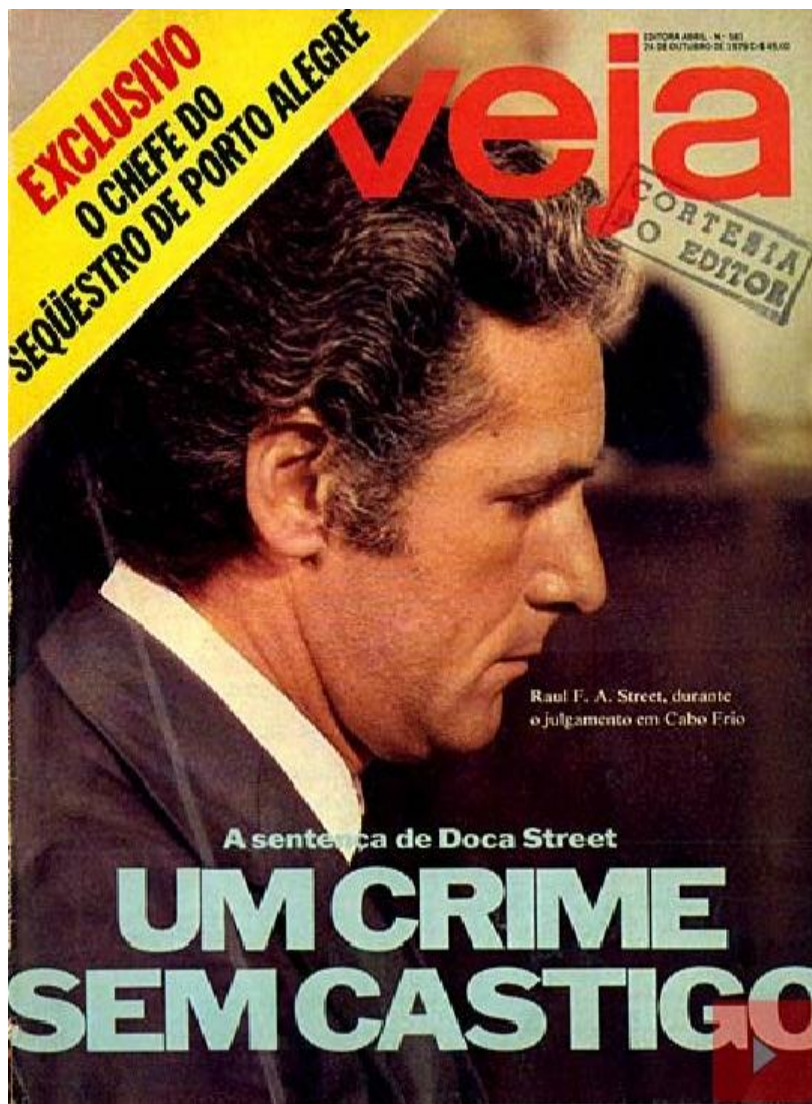
chegou até a televisão revolucionando os programas femininos [...]¹¹⁰

O seriado *Malu Mulher*, portanto, e a repercussão que obteve na mídia, estava articulado também às mudanças que ocorriam em função da atuação dos movimentos feministas do período.

No mesmo ano outra capa demarcou um debate profundamente importante para os movimentos feministas naquele momento. O evento divulgado pela edição de 24 de outubro de 1979, talvez, tenha colaborado com grande intensidade para a mobilização pública no que se refere ao tema violência contras as mulheres. A capa de **Veja** protagonizada pela figura de Doca Street, que assassinou sua então companheira Ângela Diniz e alegou diante da justiça o argumento da defesa legítima da honra, chocou o país e a publicação da editora Abril, como pode ser evidenciado pela chamada da capa. A revista não se mostrou alheia à possibilidade de um julgamento pessoal. Doca Street foi inocentado no julgamento, mas **Veja** deu sua sentença: “Um crime sem castigo”, deixando bastante clara sua posição sobre a decisão da justiça. Anos depois o assassino foi condenado a cumprir 15 anos de prisão.

¹¹⁰ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op. cit., 2005. P. 15.

Imagem 5



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 581. 24 out. 1979.

Céli Pinto destaca que o tema violência contra a mulher no Brasil sempre foi tratado como uma questão privada, desde os mais antigos tempos (negras e senhoras). Reforçaria esse poder de mando do

homem sobre a mulher uma moral católica e sexista. No século XX a mulher foi às ruas para trabalhar, mas isso não alterou a situação de submissão na esfera doméstica. Doca Street foi inicialmente absolvido da morte de Ângela Diniz, provocando uma campanha pública contra a violência e a jurisdição, inaugurando uma nova fase da história da violência contra a mulher no Brasil¹¹¹.

O crime impune lamentado pela capa de **Veja**, embora seja um episódio triste no que se refere ao combate a violência contra as mulheres, permitiu que um problema ainda considerado de ordem privada se tornasse de ordem pública¹¹². Entendendo a mídia como um lugar de interpretação, na medida em que rege a interpretação para mobilizá-la¹¹³, compreendo a capa de **Veja** como um grande reforço na mentalidade que se desenvolveria nos anos seguintes que, vale lembrar, não esteve restrita aos círculos feministas e a grupos de mulheres, visto que atingiu a sociedade civil de maneira geral. Não se trata de afirmar a imprensa atuando como manipuladora de massas, mas como efetiva colaboradora no que se refere à formação de opinião e de subjetividades. E a chamada da capa ao denotar que aquele foi um *crime sem castigo* deixa explícita a opinião que a revista gostaria de mobilizar.

Já na virada da década a capa de 24 de setembro de 1980 é bastante significativa no que se refere ao seu conteúdo imagético. Na chamada: “A mulher de hoje”. Na imagem que a acompanha uma mulher quebrada, literalmente, sua carapaça rígida se ergue em direção ao topo, com o olhar para o futuro, ao contrário da estátua que jaz no pé da página de olhos fechados. Ao fundo prédios completam o cenário, deixando claro que essa mulher de hoje é uma mulher urbana.

Ao contrário da capa que noticiou a trabalhadora, essa tem a pele clara e um leve sorriso nos lábios. A imagem, em minha leitura, apresentou uma visão bastante otimista no que se refere à situação das mulheres, apontando-as rompendo com amarras e vislumbrando um novo futuro. “A investigação no lar brasileiro”, expressão que explica a

¹¹¹ PINTO, Céli Regina Jardim. . Op. cit., 2003. P. 80.

¹¹² As discussões referentes à questão da violência contra as mulheres viraram o século XX. Hoje, após a decretação da Lei Maria da Penha, que prevê que crimes contra mulheres de qualquer natureza sejam punidos com o rigor da lei, os esforços para que a lei saia do papel e torne-se efetiva ainda são necessários. Ver, a esse respeito, A lei no enfrentamento da violência doméstica. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. pp. 345-417.

¹¹³ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 16.

chamada principal, reforça que mudanças familiares e cotidianas fazem parte da vida da mulher daquela época.

Imagem 6



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 629. 24 set. 1980.

A anistia, as conquistas e as transformações provocadas na mentalidade de brasileiras e brasileiros, aparentemente, colaboraram para a percepção da existência de uma *mulher de hoje*. Se é de hoje, evidentemente, é diferente da de ontem, da mulher do passado, dos anos

anteriores. A constatação elaborada pela capa, mesmo que não faça menção aos feminismos, de certo modo pontua o cenário de mudanças.

A *mulher de hoje* estava sendo construída com base na destruição do que era considerado antigo, despedaçava-se pelas ambições do presente. Essa mudança se deu também na ordem política, na medida em que ao longo da década de 1980 as mulheres passaram a ser alvos dos partidos políticos em função de seu potencial numérico. Dessa maneira, as demandas das mulheres começaram a ser incorporadas a programas de partidos e plataformas eleitorais¹¹⁴. As mulheres mudaram, os movimentos feministas acompanharam a mudança.

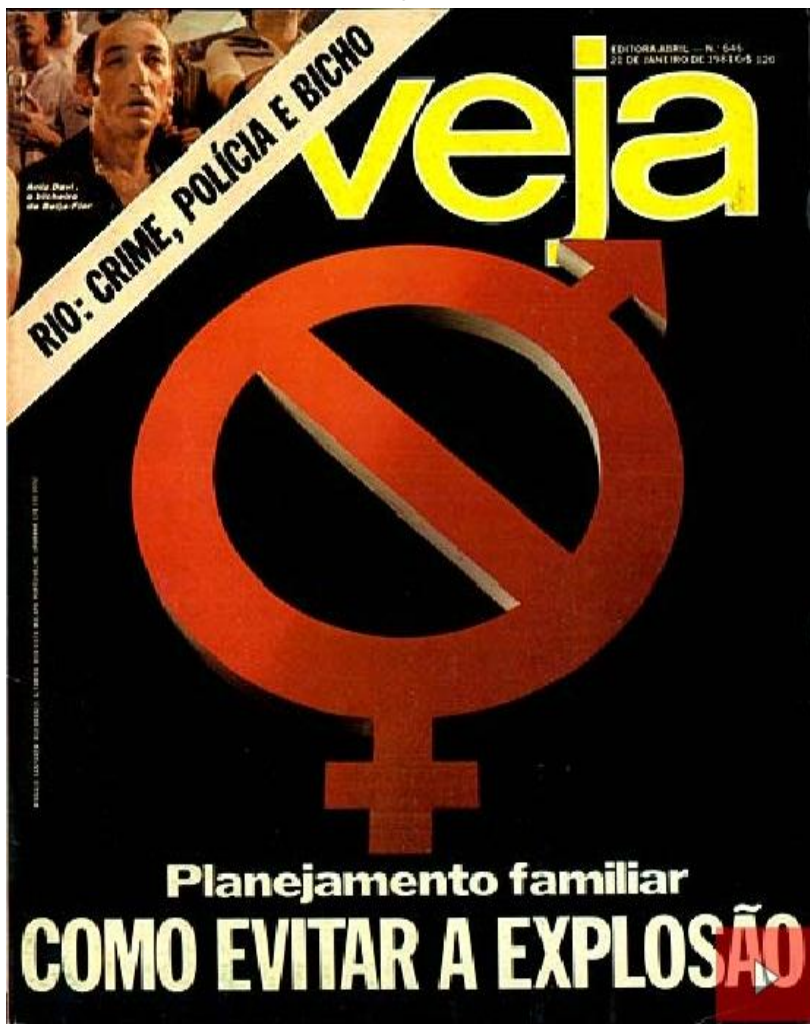
Céli Pinto ressalta que no princípio da década de 1980 surgiu um feminismo de prestação de serviço, com a consultoria de profissionais da saúde e da área jurídica, dando origem a um feminismo profissionalizado que marcou os anos 1990 com as ONG's¹¹⁵. O contexto: o final da anistia, o retorno de brasileiros ao país, o final do bipartidarismo, a agregação das reivindicações de mulheres, o aumento do ingresso das mulheres na vida política, efetivamente, permitiram transformações tanto no que se referem às mulheres, quanto aos movimentos feministas que assumiram novas bandeiras. Bandeiras que incluíam não só a questão da violência, mas também às da saúde e da sexualidade, temas importantes, mas também complexos, como pode ser evidenciado na próxima capa em destaque.

A capa de 21 de janeiro de 1981 trouxe para debate um dos temas que preocuparam os movimentos feministas, principalmente no que se refere ao tratamento de mulheres pobres, freqüentes alvos de campanhas de natalidade, o planejamento familiar. Juntamente da chamada “Como evitar a explosão” justificada pela expressão “Planejamento familiar”, a imagem do símbolo masculino e feminino, denotando que o problema era de homens e mulheres. Enquanto mídia e Estado preocupavam-se com o perigo de uma *explosão*, palavra marcada pela ideia de catástrofe, caso o planejamento familiar não fosse uma política preventiva, os movimentos feministas, embora defendessem o livre uso do corpo, o que inclui o direito ao uso de métodos contraceptivos, faziam ressalvas aos meios empregados para isso.

¹¹⁴ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op. cit., 2005. P. 16.

¹¹⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 82.

Imagem 7



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 646. 21 jan. 1981.

De acordo com Joana Maria Pedro [...] enquanto em lugares como a França a pílula somente foi liberada para consumo em 1967, no Brasil a pílula anticoncepcional e o DIU foram comercializados sem

*entraves desde o início da década de 1960*¹¹⁶. Conforme a citação, a pílula e o DIU, dois métodos contraceptivos que alteraram profundamente as estruturas familiares brasileiras, chegaram ao Brasil antes mesmo de ingressarem na França, país cujo movimento feminista destacou-se pela força e pela irradiação em outros lugares do mundo. A antecipação brasileira devia-se a políticas de controle de natalidade preocupadas com a expansão da população pobre e não com liberações de cunho feminista, apesar de ser uma reivindicação do movimento. No Brasil, portanto [...] *este momento foi vivido como expansão de “campo de prova”, como preocupação da expansão da população pobre, e também com o perigo subversivo que essa população poderia trazer*¹¹⁷.

Suely Gomes Costa salienta que a partir dos anos 1970 a esterilização foi um recurso utilizado pelas mulheres para controlar a reprodução, embora os movimentos feministas empreendessem campanhas contra políticas de controle populacional¹¹⁸, em função de não entendê-las como um avanço na conquista de direitos, mas como uma forma de controle do corpo. Céli Pinto destaca que em 1983, com a criação do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PAISM, esse modelo de controle de natalidade passou a ser revisto. Conforme a autora:

O PAISM foi sem dúvida uma das mais bem-sucedidas intervenções de um movimento social organizado na esfera das políticas públicas. O programa abrangia todas as fases da vida da mulher, da adolescência à velhice, tomando em consideração aspectos não apenas biológicos, mas também sociais, das condições em que a maioria das mulheres viviam¹¹⁹.

O Programa formado com forte influência das reivindicações feministas apresentou-se como uma alternativa às políticas empregadas até então, muito criticadas. Destaca-se nesse antigo modelo a Sociedade

¹¹⁶ PEDRO, Joana Maria Pedro. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: Revista Brasileira de História. Vol. 23 n° 45. São Paulo, ANPUH, jul/2003. P. 241. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100010&script=sci_arttext Acesso em: 10 de agosto de 2008.

¹¹⁷ Ibidem, p. 243.

¹¹⁸ COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. In: Revista Estudos Feministas. (2) 2002. P. 316.

¹¹⁹ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 84.

Civil Bem-Estar Familiar no Brasil - BEMFAM, sociedade civil internacional que atuava no Brasil¹²⁰ e era profundamente criticada pela perspectiva feminista, como pode ser exemplificado pela fala de Branca Moreira Alves no capítulo seguinte.

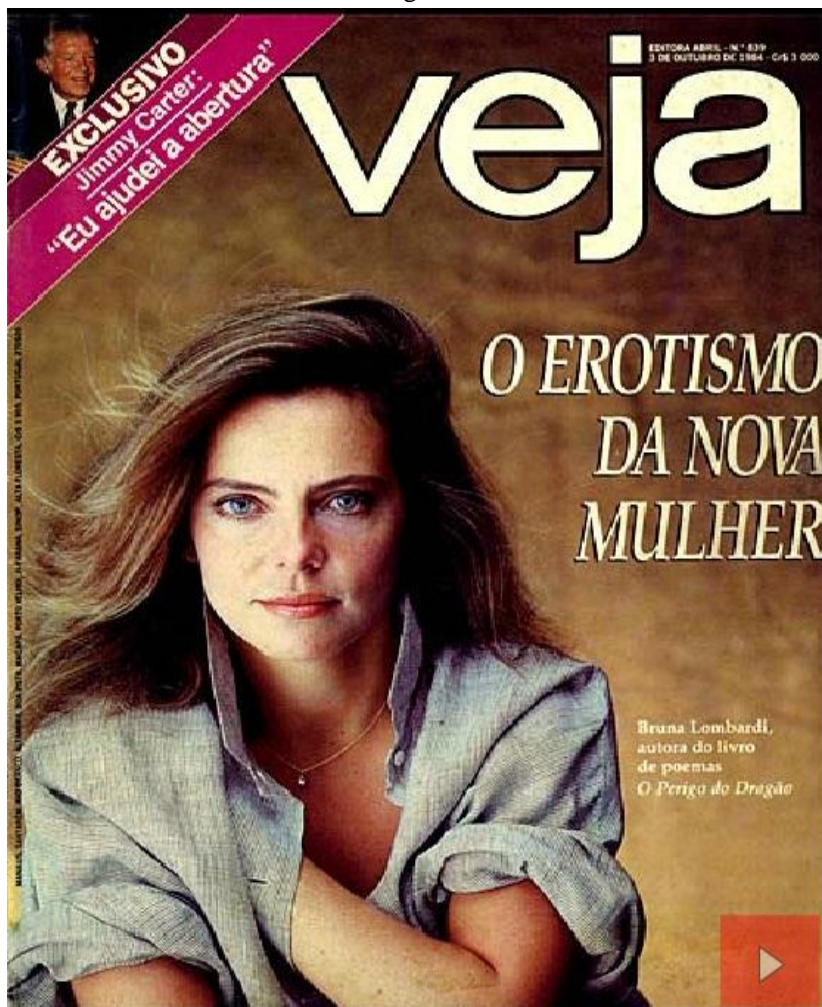
A capa de **Veja** com um evidente tom apelativo que visava a conquista do público consumidor, apesar de deixar claro que o planejamento familiar era uma função de homens e mulheres, visto que preservava em sua capa os símbolos correspondentes aos dois sexos, não refletiu além, confirmando seu engajamento com uma classe média que, em tese, não precisava ser controlada. Nessa capa em específico identifiquei a revista reforçando seu compromisso elitista¹²¹, apesar de continuar servindo de divulgadora a temas pertinentes à causa feminista.

A próxima capa que destaco para análise teve como protagonista a atriz Bruna Lombardi, na época lançando seu livro O Perigo do Dragão. Na edição de 3 de outubro de 1984 a chamada não poderia ser mais significativa: “O erotismo da nova mulher”. No encaixe dos debates feministas sobre sexualidade, prazer, corpo, uma série de revistas femininas passaram a colocar esses temas em debate. **Veja**, mesmo que tenha uma proposta editorial distinta, também tomou para si uma discussão que adentrava à literatura, à televisão e os grandes meios de comunicação. Debater erotismo, portanto, não era uma tarefa apenas de mulheres.

¹²⁰ PEDRO, Joana Maria Pedro. Op. cit., 2003. P. 242.

¹²¹ Ver, a esse respeito, AUGUSTI, Alexandre Rossato. Jornalismo e Comportamento: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Mestrado em Comunicação e Informação. Programação de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

Imagem 8



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 839. 03 out. 1984.

Luciana Klanovicz demarca o ano de 1985 como de efetivo momento de abertura ao debate sobre erotismo, em função do fim da ditadura e o começo da redemocratização¹²². A capa aqui reproduzida

¹²² KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. *Erotismo na cultura dos anos 80: censura e televisão na revista *Veja**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. – UFSC -

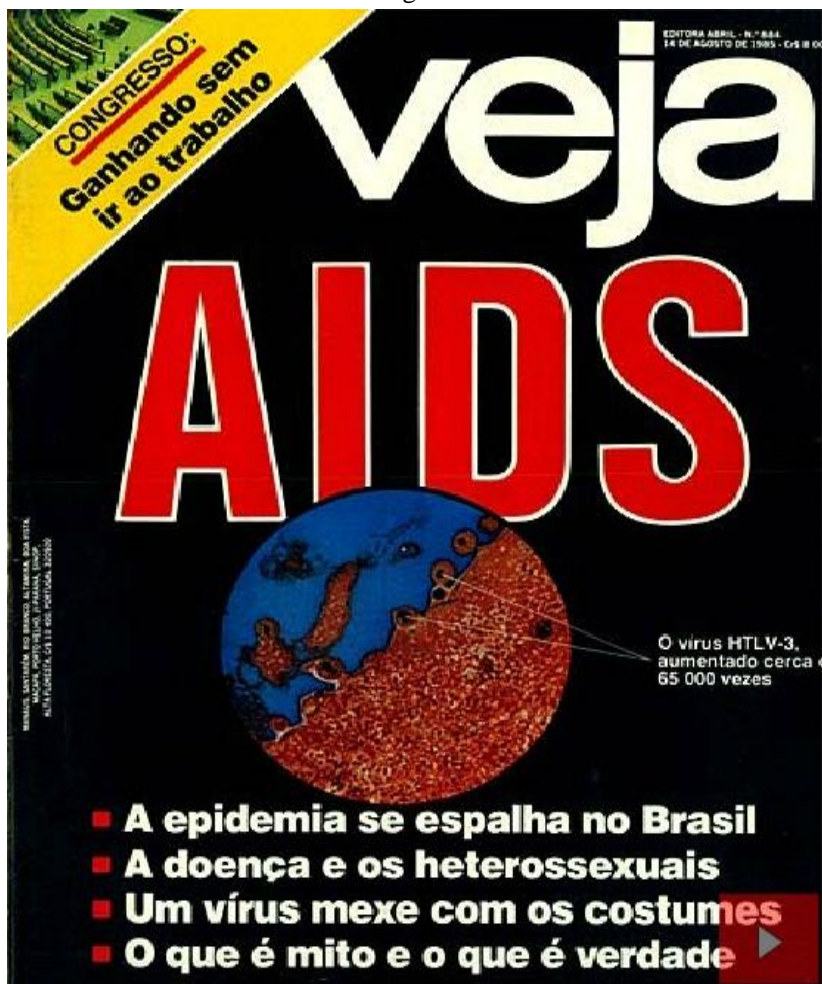
demonstra a latência do tema ainda em 1984 e aponta que o erotismo é da *nova mulher*. De certo modo dialogando com a capa de 24 de setembro de 1980, em que se representou a *Mulher de hoje* a revista entrou em um debate que renderia muitas polêmicas durante 1980, como demonstra a tese da pesquisadora, dedicada a refletir sobre o erotismo na cultura dessa década e as dificuldades de aliar o conservadorismo de anos ditatoriais com o progressismo da imprensa e da televisão¹²³. É interessante reforçar ainda a figura que estampou a capa, Bruna Lombardi, considerada um dos símbolos de erotismo da época, mas também, uma escritora, o que a qualificava também intelectualmente a ponto de ser matéria de capa corporificando o *erotismo da nova mulher*.

Já em capa de 14 de agosto de 1985 meu critério de escolha foi, de certo modo, interrompido, na medida em que identifico o tema da capa como grande bandeira dos movimentos feministas mais recentes. Na chamada “Aids”, palavra acompanhada de um globo terrestre em que o vírus foi representado alastrando-se de maneira assustadora. Novamente o apelo à vendagem é nítido.

2008. P. 25. Disponível em: http://unicentro.academia.edu/LucianaKlanovicz/Books/165777/Erotismo_na_cultura_dos_anos_1980_censura_e_televisao_na_revista_Veja_Eroticism_in_the_1980s_culture_Censorship_and_Television_in_Veja_Magazine Acesso em: 30 de julho de 2011.

¹²³ Essa mesma pesquisadora discute a respeito da dificuldade dos periódicos feministas em debater questões sobre erotismo e sexualidade. Ver, a esse respeito, KLANOVICZ, Luciana Rosar Fonazari; ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. Sexualidade e erotismo nas páginas dos periódicos feministas (Brasil e Argentina – Décadas de 1970 – 1980). In: PEDRO, Joana Maria; Wolff, Cristina Scheibe; Veiga, Ana Maria (org). Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

Imagem 9



Capa. *Veja*. São Paulo: Abril. n. 884. 14 ago. 1985.

O tema Aids ao longo da década de 1980¹²⁴ ainda estava restrito a estigmatização vinculada aos homossexuais, o que pode ser

¹²⁴ Ver, a esse respeito, ÁVILA, Jânio Tomé Matias. *Veja, os anos 80 em revista: leitura e memória cultural*. Dissertação de mestrado defendida na Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2005.

evidenciado por uma das notas da chamada “A doença e os heterossexuais”, uma espécie de: O que os heterossexuais tem a ver com isso? Já na década seguinte, Céli Pinto, ao identificar uma pluralização das lutas e a multiplicação do fenômeno das ONG’s, situa a criação de organizações não governamentais no Brasil com o intuito de dar assistência a mulheres portadoras do vírus HIV¹²⁵. Suely Gomes Costa, identificando assim como Céli Pinto a importância do PAISM para as mulheres, faz ressalvas ao Programa que, embora pertinente, deixou questões como a da Aids de fora de sua alçada. Também a autora aponta as ONG’s como importantes no combate à doença¹²⁶. Mesmo que nesse período a Aids não fosse destacada como um problema de mulheres, saíndo que essa capa, em um certo sentido, sinalizou muitos dos rumos feministas a partir da década de 1990, momento em que ocorre um processo de “feminilização” da doença.

A última capa que trago para análise é a de 4 de fevereiro de 1987. Nela o cenário de Brasília, capital da república, é cercado por temas que estavam em voga por ocasião da votação da Constituinte.

¹²⁵ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 97.

¹²⁶ COSTA, Suely Gomes. Op. cit., 2002. P. 315.

Desenvolvimento da Mulher - CNDM, órgão criado em meio as discussões sobre os perigos da institucionalização das lutas feministas.

A criação do CNDM, pelo então presidente José Sarney em 1985, foi motivo de futuras conquistas, mas não sem disputas. Apesar da criação do Conselho ir de encontro a uma série de debates feministas sobre a questão da autonomia, o CNDM, que durou até 1989, tinha orçamento próprio, secretaria e sua presidente tinha status ministerial¹²⁷. Sua atuação não foi marcadamente feminista, mas as mulheres que fizeram parte do Conselho conseguiram abarcar praticamente todas as reivindicações feministas que foram, em grande parte, incorporadas pela Constituinte.

Segundo Céli Pinto, o Conselho:

Começou por promover uma campanha nacional na televisão por meio de outdoors com o slogan ‘Constituinte pra valer tem que ter direitos da mulher!’. Reuniu em Brasília um grande grupo de feministas em um encontro do qual resultou um documento entregue aos constituintes chamado ‘Carta das Mulheres’; participou formalmente com relatos nas subcomissões de Direitos e Garantias Individuais, Saúde, Segurança e Meio Ambiente, Família, Menor e Idoso; distribuiu em todo o Brasil uma ‘carta-modelo’ para ser enviada pelas mulheres aos constituintes com as principais reivindicações dos movimentos de mulheres; organizou uma comissão de alto nível formada por advogadas para o exame de substitutivos e anteprojetos das subcomissões, assim como para a elaboração de emendas; apresentou o documento ‘Propostas à Assembléia Constituinte’, defendendo os direitos das mulheres em um conjunto de temas; acompanhou e assessorou constantemente a bancada feminina na Câmara e as votações de interesse específico das mulheres¹²⁸.

Ainda que contrária à legalização do aborto, a Constituinte estava disposta a considerar a “Igualdade total de direitos para a mulher”, como denota a notícia da capa. O CNDM, conselho que pressionou o Congresso fazendo com que **Veja** noticiasse suas ações na primeira página, em meio a muitas controvérsias em função de significar um risco à autonomia, abarcou grande parte das reivindicações feministas e fez com que elas fossem levadas à votação da Constituição em 1988. O documento elaborado pelo Conselho e incorporado em

¹²⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 71-72.

¹²⁸ Ibidem, p. 74-75.

grande medida ao texto final da Constituição brasileira dissertava sobre os direitos das mulheres no que se referiam a: trabalho, saúde, direitos de propriedade, sociedade conjugal. Redefinia o conceito de estupro e sua classificação penal, entre outras. Grande parte das demandas foram incorporadas, com exceção do aborto, que sequer foi reivindicado, embora se fizesse menção ao direito sobre o corpo¹²⁹. A deputada Ruth Escobar em entrevista analisada no próximo capítulo justifica essa atitude.

Ana Alice Alcântara Costa destaca a potência do grupo que ficou conhecido como *lobby* do batom.

Através de uma ação direta de convencimento dos parlamentares, que ficou identificada na imprensa como o *lobby* do batom, o movimento feminista conseguiu aprovar em torno de 80% de suas demandas, se constituindo no setor organizado da sociedade civil que mais vitórias conquistou. A novidade desse processo foi a atuação conjunta da chamada “bancada feminina”. Atuando como um verdadeiro “bloco de gênero”, as deputadas constituintes, independentemente de sua filiação partidária e dos seus distintos matizes políticos, superando suas divergências ideológicas, apresentaram, em bloco, a maioria das propostas, de forma suprapartidária, garantindo assim a aprovação das demandas do movimento¹³⁰.

A extinção do Conselho após a Constituinte demonstra que a longo prazo aquele modelo de intervenção era ineficiente, mas a curto prazo o órgão criado em 1985 mostrou-se de suma importância para os rumos seguidos pelos movimentos feministas da década de 1990 que se viram com a necessidade de implementação efetiva das decisões constitucionais e também diante de novas bandeiras e formas de organização.

As capas de **Veja** selecionadas para iniciar minha dissertação denunciam, a meu ver, como os debates feministas do período não ficaram restritos a círculos fechados de mulheres. Eles foram incorporados a grande mídia, tornando-se efetivamente públicos e não restritos a grupos de reflexão ou a reuniões fechadas. Não se trata de invalidar a importância de ações, periódicos e eventos que tinham um caráter eminentemente feminista, mas sim de perceber como as pautas levantadas por mulheres engajadas na causa tomaram grande

¹²⁹ Ibidem, p. 75-77.

¹³⁰ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op. cit., 2005. P. 18.

repercussão, fazendo com que a maior revista de informação daquele momento concedesse cobertura a assuntos relevantes como divórcio, trabalho, igualdade de direitos.

Minha intenção não é provar que a revista aqui analisada colaborou com os emergentes movimentos feministas brasileiros por identificar-se com suas bandeiras de luta e interesses, contudo gostaria de pontuar que **Veja** funcionou como uma importante divulgadora das pautas feministas. Talvez por seu público leitor ser em grande medida formado por mulheres instruídas e abastadas, assim como boa parte das feministas brasileiras; talvez porque o retorno financeiro estivesse aliado a cobertura de temas efervescentes no período; talvez porque **Veja**, como aliada de uma perspectiva liberal percebesse na mulher liberada a possibilidade de crescimento econômico para o país e, conseqüentemente, para si própria. Talvez todos os porquês somados possam esboçar uma resposta adequada ao interesse da publicação da editora Abril no que concerne aos feminismos.

Esse interesse, demarcado pelas capas aqui reproduzidas, ao que tudo indica, não teve na censura um obstáculo. Com exceção do tema erotismo, tratado com ressalvas mais em função do moralismo, do que propriamente em decorrência de convicções políticas, a agenda feminista foi cumprida e figurou centenas de páginas da semanal. Não é conveniente aqui elaborar um paralelo entre o espaço conquistado em meio aos grupos de esquerda e as brechas cedidas por **Veja** para divulgação dos feminismos. No entanto, arrisco dizer que o feminismo bom para o Brasil defendido na seção Páginas Amarelas, seja um sinalizador interessante das possíveis justificativas que leitoras e leitores desse trabalho possam projetar para explicar os motivos de ser possível ler e ver os feminismos nas páginas de **Veja**. Os feminismos interessavam e, conseqüentemente, vendiam.

CAPÍTULO 2

PÁGINAS AMARELAS QUESTIONANDO E DIVULGANDO OS FEMINISMOS

*A senhora gosta de homem?*¹³¹, perguntou Élio Gáspari à Shere Hite em entrevista publicada em **Veja** em 11 de outubro de 1989. O jornalista hoje conhecido por aventurar-se nos campos da história, após longo diálogo com a feminista estado-unidense, rendeu-se a mais primária das dúvidas sobre mulheres identificadas com os movimentos feministas: gostam de homens, afinal? A amostra um tanto pessimista em relação à abordagem concedida pela produção da revista ao assunto, no entanto, enfrentou a boa disposição editorial, a demanda do público e o desejo de divulgação de uma série de feministas que, ao longo dos anos 70 e 80, permitiram-se interrogar por jornalistas de **Veja**. E esse interesse nos rumos feministas não era restrito a mulheres identificadas com a causa, também personalidades que, por serem figuras notórias e formarem opinião, foram questionadas sobre o tema e compuseram o quadro de uma das seções mais famosas da história de **Veja**: as Páginas Amarelas.

A seção sempre contempladora de figuras de destaque da sociedade brasileira e mundial marcou a história de **Veja** e também a história da própria imprensa, na qual a revista é considerada uma das suas principais protagonistas. Leitoras e leitores de todo o país foram habituados a verificar semanalmente quem foi o contemplado (normalmente homens) com as habituais três ou quatro páginas brasileiramente amareladas de entrevista. Trabalhos acadêmicos, citações em *sites*, referências na televisão ou no rádio, ao lembrarem de entrevistas realizadas por **Veja**, fazem questão de demarcar o seu lugar de publicação: Páginas Amarelas. Segundo afirmação de Carla Luciana da Silva, que em sua pesquisa focou o período pós-ditadura, em se tratando dessa publicação, juntamente com os editoriais e as capas, a referida seção é a parte mais relevante da publicação, em função de denunciar o interesse por certas falas¹³².

Apesar de estar eternizada como espaço de entrevistas, a seção só começou a ser publicada a partir da edição de número 39, em que o interrogado inaugural foi Nelson Rodrigues. Inicialmente ainda opacas pelo papel cru e pela tinta negra, as páginas de entrevistas aos poucos

¹³¹ Entrevista com Shere Hite (Jornalista Élio Gaspari) - O homem deve mudar. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 1100, P. 8. 11 out. 1989.

¹³² SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 22.

foram colorindo o começo da revista, coloração que teria se dado ao acaso. De acordo com Maria Fernanda Lopes de Almeida, a proposta foi incorporada nos seus primeiros anos, quando **Veja** ainda buscava uma série de acertos editoriais que permitiriam seu sucesso. A autora afirma que:

Veja só começou a dar lucro e a vender mais após uma série de mudanças significativas. Uma delas foi a introdução da entrevista das ‘Páginas Amarelas’, logo nas páginas iniciais, trazendo um assunto relevante, de preferência com uma personalidade. Elas se tornaram amarelas porque a editora tinha um estoque de papel, de gramatura diferente, dessa cor. A idéia inicial é de que fossem na cor bege, ou ocre, mas depois de consagradas, não puderam mais ser mudadas: a tonalidade passou a ser mais forte e aplicada sobre o próprio papel da revista¹³³.

Como já discutido no capítulo anterior, **Veja**, apesar de ter sido fruto de um grande investimento, viveu momentos difíceis nos seus primeiros anos, motivados pelo escasso interesse publicitário e ainda pela baixa vendagem, em função da dificuldade encontrada pela revista de descobrir seu eixo e sua forma própria de escrita¹³⁴. Algumas mudanças, entre elas a introdução de entrevistas com personalidades, teriam colaborado para estimular a consolidação da publicação que ainda esforçava-se na adaptação de um modelo estrangeiro aos padrões nacionais.

Na seção Páginas Amarelas de **Veja**, do passado e do presente, é possível localizar personalidades da televisão, do cinema, da música, intelectuais, políticos, economistas, empresários, atletas, literatos e, vale lembrar, feministas. Aparentemente, o percentual de referências aos feminismos, tanto no que se refere às feministas entrevistadas, quanto aos questionamentos feitos pelos repórteres sobre o assunto, não é extenso: 2,89% do total de entrevistas realizadas no período analisado, isto é, de 1969 (princípio da publicação de entrevistas na edição 39) até o último número de 1989. Somadas foram realizadas 1.072 entrevistadas nesse intervalo, como pode ser verificado na tabela 2, sendo que 31 debateram sobre o assunto feminismos. Entretanto, é importante levar em consideração a amplitude dos interesses da revista, ocupada em preencher suas páginas com uma gama imensa de assuntos, o que transforma o número superficialmente inexpressivo em uma soma profundamente significativa, visto que demarca o interesse no tema e a

¹³³ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 49-50.

¹³⁴ Ibidem, p. 51.

concessão de páginas consideradas valiosas para a fala de feministas ou ainda, para os questionamentos acerca dos feminismos.

De acordo com Carla Luciana da Silva, a seção seria um instrumento para expressar aquilo que está sendo defendido ou ainda uma tentativa de estabelecer o consenso, podendo ser o reforço de algo já dito ou a possibilidade de dizer algo (através de outrem)¹³⁵. Nas coloridas páginas de entrevista da revista, percebo assim, não só diferentes figuras públicas, nomeadas por Victor Civita como detentoras de personalidade única¹³⁶, como também distintas possibilidades, em função de uma série de fatores como contexto e repórter, além das motivações da própria **Veja** em querer divulgar falas de determinadas personalidades.

Nesse sentido, no presente capítulo, além de serem alvo de destaque as personagens entrevistadas que figuraram as Páginas Amarelas, seja por serem feministas ou por serem pessoas reconhecidas como formadoras de opinião, são alvos de reflexão também jornalistas convocados para protagonizarem a autoria de uma das poucas seções ainda assinadas¹³⁷. Isso em função de entender que, mesmo considerando as relações que se estabelecem entre os textos, é preciso também perguntar quem são esses autores/entrevistadores, por quais circunstâncias são animados/animadas, motivados/as por que contextos, tendo em vista quais projetos¹³⁸. Considero relevante compreender a participação dos/das jornalistas nesse fazer então apagado pelo estatuto de **Veja** como uma revista instituída de maneira formal e que, muitas vezes, colaborou para o apagamento dos sujeitos que fazem parte do “sujeito **Veja**”¹³⁹. Acredito que não é interessante ignorar esses sujeitos, afinal, se hoje constato que alguns dos repórteres foram biógrafos de mulheres que lutaram na esquerda, ou que são rechaçados pela historiografia por serem considerados aliados dos governos militares, é

¹³⁵ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 125.

¹³⁶ Carta ao Leitor. **Veja**. São Paulo: Abril. n.1746, P. 09. 10 abr. 2002.

¹³⁷ Informações sobre os profissionais foram citadas no texto ou em nota de rodapé, quando localizadas.

¹³⁸ Michel Foucault em Arqueologia do Saber convoca a analista de discurso a não se ocupar simplesmente do esforço de localização do autor, em vista da complexidade do acontecimento. FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2010. P. 193.

¹³⁹ Carla Luciana da Silva em sua tese sobre **Veja** afirma que a constituição da revista enquanto sujeito faz parte de sua instituição como partido neo-liberal, aliado ao capital e ao mercado externo. A construção do “sujeito **Veja**” nesse prisma ocultaria opiniões dissonantes, fazendo da revista um eterno esforço de busca de consenso.

porque a atuação delas e deles no mero posto de entrevistador, talvez, possa significar mais do que superficialmente podemos prever.

Cremilda de Araújo Medina, abordando a entrevista como fenômeno dialógico, em que entrevistador e entrevistado estão envolvidos e expressam-se, aponta que entre a definição de pauta e a sua efetivação passa-se pela técnica de comunicação, pelo nível de interação social desejado pelo jornalista, pelas possibilidades de criação e ruptura do entrevistador em relação à instituição comunicacional e, por último, pela especulação da pauta¹⁴⁰. Dessa maneira, primo por atentar à relação entre entrevistador/a e entrevistado/a, em função das próprias mudanças pelas quais estava passando o fazer jornalístico.

Luciana Fornazari Klanovicz aponta que a partir dos anos 80 ocorreram mudanças na relação entre jornalista e objeto, em função da fragmentação e especialização das tarefas, muito ligadas à mecanização¹⁴¹. Conforme Stella Senra, os profissionais da área passaram a dividir a produção da notícia, o que teria colaborado para o enfraquecimento da voz do jornalista¹⁴². Nesse sentido, a primeira autora afirma que:

No caso da *Veja* prevaleciam os jornalistas anônimos na produção de notícias e reportagens analisadas durante os anos da redemocratização. No entanto, seus nomes apareciam nas entrevistas das “Páginas Amarelas”, setor de grande relevância na revista e que sempre inaugurava as edições¹⁴³.

A pesquisadora em questão privilegiou os anos 80 em sua análise, entretanto, estendo esta perspectiva também à década de 1970, visto que no período as entrevistas também eram, em sua maioria, assinadas, ao contrário das reportagens e matérias do restante da revista, com textos em grande parte não assinados, sendo, portanto, impossível identificar sua autoria.

As Páginas Amarelas são, portanto, um dos poucos espaços de **Veja** em que é possível identificar uma autoria assumida, uma história específica que permite levantar possibilidades a respeito das curiosidades e questionamentos feitos por esse ou por aquele repórter. Isso não é o mesmo que dizer que os sujeitos jornalistas são os objetos

¹⁴⁰ MEDINA, Cremilda Araújo. Entrevista – Diálogo possível? São Paulo: Editora Ática, 1995. P. 27.

¹⁴¹ KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Op. cit., 2008. P. 50.

¹⁴² SENRA, Stella. O último jornalista: imagens de cinema. São Paulo: Estação Liberdade, 1997. P. 21.

¹⁴³ KLANOVICZ, Luciana Fornazari. Op. cit., 2008. P. 50.

de análise, mas sim que eles também estão sendo considerados na análise dessas formações discursivas. Conforme Eni Orlandi, dentro de sua historicidade, um texto é atravessado por diferentes formações discursivas. Então, é preciso pensar a relação proporcional do texto: sujeito-autor¹⁴⁴. Entretanto, a análise recai sobre entrevistas assinadas que, além de terem uma entrevistadora ou entrevistador, submetido a uma hierarquia jornalística, tem ainda a figura da entrevistada e do entrevistado que, em teoria, é o autor das idéias expressas no texto final, que figura nas coloridas páginas da revista. Ainda assim, o autor, que se supõe estar na origem do texto, responde pelo que escreve e pelo que diz¹⁴⁵. Nesse caso em específico, tanto entrevistadas quanto entrevistadores e entrevistadoras podem ser considerados autores.

É pensando nisso que, mais do que atentar ao conteúdo das entrevistas, pretendo compreender os motivos para divulgar a fala de feministas e, no caso das entrevistadas apenas questionadas e não sabidamente identificadas como feministas, os significados que norteiam questões como: *A propósito, o que você acha da revolução feminista?*¹⁴⁶. Além disso, em função da importância das Páginas Amarelas e da repercussão que a seção costumava e ainda costuma ter junto a leitoras e leitores, nesse capítulo são também analisadas algumas das cartas recebidas e publicadas pela redação, isso porque intento perceber ainda de que maneira os discursos foram (re) apropriados, (re) significados, (re) adaptados e (re) produzidos pelo público leitor de **Veja**. Levo em consideração também a atuação da censura sobre a seção Cartas. De acordo com Maria Fernanda Lopes de Almeida, censoras e censores estavam atentos não somente aos profissionais de jornalismo, mas também às opiniões de leitoras e leitores¹⁴⁷. Não ignoro o fato das cartas serem selecionadas pela editoria de **Veja** e ainda pelo aparato da censura, contudo, considero-as bastante significativas no estabelecimento de uma relação entre os discursos da revista e a percepção de seus leitoras e leitores sobre seu conteúdo¹⁴⁸.

¹⁴⁴ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 56.

¹⁴⁵ Ibidem, p. 69.

¹⁴⁶ Entrevista com Fernando Arrabal (Jornalista Marco Antônio Rezende). **Veja**. São Paulo: Abril. n. 129, P. 5. 24 fev. 1971.

¹⁴⁷ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P. 272-300.

¹⁴⁸ Parto da premissa que essas cartas podem ter sido produzidas pela própria redação da revista, no entanto, tomo-as como um interessante sinalizador da opinião pública, ou ainda, da opinião pública que **Veja** desejava formar.

Diante do que foi exposto, a título de organização, o segundo capítulo foi dividido em dois tópicos: o primeiro aborda as feministas entrevistadas por **Veja** e que figuraram na seção Páginas Amarelas¹⁴⁹ durante o período de análise proposto. Nesse trecho a análise recai sobre o conteúdo da entrevista, mas também sobre o título, a apresentação da entrevistada em questão e também sob os “olhos” que são um recurso jornalístico em que uma frase da matéria, nesse caso, da entrevista, figura ao centro, em letras maiores, recebendo maior destaque¹⁵⁰; o segundo tópico foca nas entrevistas em que as personalidades políticas, artísticas, esportivas, foram indagadas sobre o tema feminismo e, nesse caso, a reflexão recai sobre o conteúdo das perguntas e das respostas. Em ambos os tópicos procurei identificar algumas informações consideradas relevantes a respeito dos repórteres acionados para entrevistar as feministas e os convocados a questionar sobre os feminismos, isso, quando foi possível acessar dados sobre esses profissionais. Além disso, a seção Cartas foi explorada quando demarcou alguma repercussão da seção Páginas Amarelas nas cinco edições posteriores.

2.1 Entrevistas com feministas “colorindo” as páginas de **Veja**

Nos 21 anos de exemplares analisados, quatorze feministas, 13 mulheres e 1 homem, tiveram a oportunidade de protagonizar uma das seções mais lembradas de **Veja**. A maioria delas é amplamente conhecida nos meios acadêmicos e feministas. Muitas ainda são figuras atuantes no que concerne aos feminismos e mantêm-se publicando livros, lecionando em universidades, atuando objetivamente na política.

A primeira que tomou para si o espaço Páginas Amarelas foi a estado-unidense Betty Friedan, em abril de 1971, por ocasião de sua visita ao Brasil. A última foi Shere Hite, em outubro de 1989, conhecida sexóloga que na década anterior já havia sido contemplada com as páginas amarelas da revista, por ocasião da publicação de seu relatório sobre a sexualidade feminina no Brasil. Apesar dos 2 nomes remontarem a um feminismo internacional, também as feministas brasileiras tiveram espaço nas páginas de entrevista da semanal, entretanto, essa abertura foi mais tardia, sendo Eva Alterman Blay a

¹⁴⁹ Por vezes a revista traz entrevistas em outras sessões, entretanto, privilegio as Páginas Amarelas por entendê-la como uma das seções mais importante de **Veja**.

¹⁵⁰ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2005. P. 125.

primeira feminista brasileira a ser entrevistada em setembro de 1977, seguida por Branca Moreira Alves, Marta Suplicy e outras.

No decorrer do capítulo é possível notar que as temporalidades de visibilidade de um feminismo brasileiro estavam bastante articuladas aos rumos tomados pelo contexto nacional, principalmente no que se refere à declaração da ONU que instituiu 1975 como o Ano Internacional da Mulher. Conforme Cynthia Sarti:

O reconhecimento oficial pela ONU da questão da mulher como problema social favoreceu a criação de uma fachada para um movimento social que ainda atuava nos bastidores da clandestinidade abrindo espaço para a formação de grupos políticos de mulheres, como o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres*, o *Movimento Feminino pela Anistia* [...] ¹⁵¹

A decisão por parte da ONU, portanto, teria colaborado para a consolidação de grupos já atuantes, mas que, em função do cenário de ditadura e repressão, mantinham-se nos bastidores. O importante de ser extraído desse contexto é o que ele possibilitou no sentido peremptório para os movimentos feministas, em função de ter permitido um reconhecimento formalizado dos movimentos feministas como prática organizada e pensante no Brasil. Justifica-se nesse argumento, talvez, o aparecimento tardio de uma feminista brasileira na seção de entrevistas, não pela sua não existência, mas pela conjuntura pouco propícia a discussões de caráter nacional, principalmente se for levado em consideração que as feministas brasileiras, incluídas dentre as feministas latino-americanas, em sua grande maioria, tinham envolvimento com a esquerda, como aponta Ana Alice Alcântara Costa ¹⁵².

A revista **Veja**, por identificar a contemporaneidade do tema e atendendo, provavelmente, a uma demanda, procurou manter leitoras e leitores atualizados sobre o assunto, proporcionando às entrevistadas um prestigiado espaço de promoção de ideias e ideais, cuidadosamente guiado pela entrevistadora ou pelo entrevistador.

A densidade das entrevistas selecionadas para análise motivaram uma divisão singular no tópico que segue, não regido por uma ordem cronológica. Opto por elaborar uma divisão temática a partir

151 SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. Texto preparado para apresentação no XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, 24-26 de setembro de 1998. P. 5. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Sarti.pdf> Acesso em: 07 de fevereiro de 2011.

¹⁵² COSTA, Ana Alice Alcântara. Op. cit., 2005. P. 13.

dos principais conteúdos identificados nas próprias entrevistas e a partir dos temas interessantes a esse trabalho, como pode ser verificado na tabela 2. 1. Nem todos os assuntos puderam ser contemplados, entretanto selecionei os que julguei mais persistentes e relevantes à discussão dessa dissertação que desejava perceber a colaboração de **Veja** na divulgação dos feminismos brasileiros. Sendo assim, os temas feminismos e reivindicações feministas foram percebidos como destaque nas entrevistas, compondo, portanto, os 2 tópicos subseqüentes. Por último, então, exploro as entrevistas com pessoas notórias que não se identificavam como feministas.

2.1.1 Sobre feminismos e feministas

Betty Friedan¹⁵³, ao ser questionada sobre a emergência dos feminismos no Brasil, em entrevista publicada em 21 de abril de 1971, respondeu que: [...] *o problema da libertação da mulher é insignificante frente ao problema social existente*¹⁵⁴. Reproduzindo a opinião de uma série de homens identificados com a esquerda, mas também de mulheres que se diziam marxistas ortodoxas e feministas¹⁵⁵, *A feminista que*

¹⁵³ Betty Naomi Goldstein nasceu em 4 de fevereiro de 1921 no estado de Illinois. Seu pai era dono de uma joalheira e sua mãe abandonou o emprego em um jornal quando se casou. Cursou psicologia, dedicando-se também a trabalhos como jornalista. Em 1947 casou-se com Carl Friedan com quem teve 3 filhos. Manteve-se escrevendo artigos para jornais e com a estabilização da vida financeira do marido mudou-se para o subúrbio. Em 1957 a feminista norte-americana teria iniciado uma série de pesquisas com antigas amigas do colegial, empreitada que teria resultado em maiores reflexões futuras e na publicação do livro A Mística Feminina em 1963, que debatia os papéis de milhões de mães e esposas norte-americanas. Em 1966 colaborou na fundação da National Organization for Women (NOW), uma das mais importantes organizações feministas do período. Betty Friedan encontrou-se com presidentes, com papas e publicou artigos em importantes jornais, como o **New York Times** (Tradução livre). Disponível em: <http://www.notablebiographies.com/Fi-Gi/Friedan-Betty.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012. A feminista estado-unidense faleceu em 2006, na sua casa em Washington, aos 85 anos.

¹⁵⁴ Entrevista com Betty Friedan (Jornalista Ronald de Freitas) - Guerra às panelas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 137, P. 5. 21 abr. 1971.

¹⁵⁵ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 116.

*estremeceu a América*¹⁵⁶ foi introduzida nas páginas de **Veja** sem muita consideração, ao contrário do que se deu com outras entrevistadas posteriormente. Betty Friedan, que segundo Anette Goldberg não foi poupada pela imprensa quando de sua visita, teve uma apresentação pouco generosa nas páginas da semanal. Ronald de Freitas¹⁵⁷ a descreveu, baseado em sua foto:

Baixa, de nariz pronunciado, cabelos grisalhos e voz quase rouca, Betty Friedan não possui um tipo físico atraente. Empolga-se quando fala – e fala muito. Seus gestos são vigorosos (talvez pretendam até ser dominadores). E, na conversa mais informal, ela dá a impressão de estar fazendo uma conferência para um auditório universal¹⁵⁸.

Imagem 11



Entrevista com Betty Friedan (Jornalista Ronald de Freitas) - Guerra às panelas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 137, P. 3. 21 abr. 1971¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Ver, a esse respeito, DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: Morre a feminista que estremeceu a América. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 14 (1): 336, janeiro-abril, 2006. p. 287-293.

¹⁵⁷ Não foram encontradas informações sobre esse jornalista, sabe-se, apenas, que em 2005 ele atuava na revista *Época*, das organizações Globo.

¹⁵⁸ Entrevista com Betty Friedan (Jornalista Ronald de Freitas) - Guerra às panelas. Op. cit., 1971. P. 5.

¹⁵⁹ Betty Friedan: quase uma conferência.

A feminista autora de uma das obras consideradas chaves da segunda onda dos movimentos feministas foi apresentada a leitoras e leitores, juntamente com uma foto pouco atrativa, como uma mulher feia e agressiva. Os detalhes estéticos em nada lembram a apresentação de Helen Gurley Brown¹⁶⁰ que, ao contrário da anterior, dizia-se feminista não militante e comandava a revista feminina americana **Cosmopolitan**. Esta, em entrevista publicada em 18 de setembro de 1974, foi apresentada como *Bem vestida, bem penteada, bem maquiada [...]*¹⁶¹. A revista dirigida pela ex-modelo inspirou a publicação de **Nova** no Brasil, seguindo [...] sua fórmula de abordar todos os assuntos de forma direta e sempre do ponto de vista feminino¹⁶². A Revista **Nova**, editada pela Abril, denotava o impacto dos novos movimentos de liberação das mulheres nos Estados Unidos¹⁶³ e suas repercussões no Brasil, justificando, inclusive, o interesse de **Veja** em entrevistar sua editora chefe.

Optei começar com o caso de Betty Friedan em função de identificar uma forte singularidade em sua figura, na medida em que, ao contrário do esperado, foi apenas ela quem recebeu da editoria de **Veja** uma apresentação pouco simpática e convidativa. Indo de encontro as minhas expectativas, as feministas que compuseram as páginas da revista nos anos seguintes não foram assim tratadas, mesmo que muitas tenham sido de fato provocadas por suas entrevistadoras e seus entrevistadores. A autora de uma das obras consideradas ícones dos feminismos da segunda metade do século XX, portanto, em sua entrevista intitulada “Guerra às Panelas” sofreu o mesmo tipo de

¹⁶⁰ Helen Gurley Brown nasceu no dia 18 de fevereiro de 1922, nos Estados Unidos, em uma família pobre. Durante sua juventude teve uma série de empregos, sempre atuando como secretária. Em 1959 casou-se com David Brown, dono de uma grande produtora de cinema. Em 1962 lançou seu primeiro livro **Sexo e a vida da mulher solteira**, grande sucesso. Em 1965 tornou-se editora chefe da revista **Cosmopolitan** que, sob sua direção, cresceu e transformou-se em um grande sucesso editorial. Ao longo de sua carreira recebeu uma série de prêmios de jornalismo e seu cargo na revista só foi abandonado em 1996 (Tradução livre). Disponível em: <http://www.notablebiographies.com/Br-Ca/Brown-Helen-Gurley.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹⁶¹ Entrevista com Helen Gurley Brown (Jornalista Odilo Licetti) - Um modelo de mulher. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 315, P. 3. 18 set. 1974.

¹⁶² Ibidem, p. 3.

¹⁶³ GOLDBERG, Anette. Op. cit.,1987. P. 48.

perseguição que foi verificada em um alternativo como **O Pasquim**, famoso por seu antifeminismo.

Apesar de ser tentador condenar a revista ou o jornalista pelo tratamento concedido à Betty Friedan, vale reproduzir breve relato de Rose Marie Muraro¹⁶⁴ sobre a feminista: *Ela era muito feia e agressiva, e daí em diante passou a fazer parte do inconsciente coletivo brasileiro como o modelo de mulher que as outras, as que quisessem continuar femininas, não deveriam imitar*¹⁶⁵. O estereótipo, como pode ser verificado, não foi uma exclusividade **Veja**. No entanto, vale ressaltar os diferentes tratamentos concedidos a ambas: enquanto o título de Betty Friedan trazia a sonora expressão *guerra*, o de Helen Gurley Brown fazia referência à sua vida de modelo, apontando-a como “Um modelo de mulher”. Enquanto a feminista militante era apontada por sua companheira de lutas Rose Marie Muraro como um modelo a não ser seguido, a feminista não militante era apresentada como um modelo de feminilidade.

Defendendo abertamente os feminismos, a divisão de tarefas domésticas e a exploração da tecnologia para uma nova solução da divisão do trabalho, a entrevistada Betty Friedan demarcou seu lugar de fala, vinculado a um feminismo liberal que, ainda que criticando a cultura de consumo, manteve-se aliado a uma mentalidade financeiramente tranquila que ia de encontro à realidade brasileira, tema que inspirou as perguntas do jornalista, ocupado em identificar as possibilidades de importação dessa forma de pensar. Desafiando as aspirações dos feminismos que emergiram no Brasil ao longo da década de 1970, Betty Friedan sugeriu uma luta de homens e mulheres contra as injustiças sociais, antes da luta pela libertação das mulheres. É interessante notar que Céli Regina Jardim Pinto relata que uma das barreiras do desenvolvimento dos feminismos junto às esquerdas era

¹⁶⁴ Rose Marie Muraro nasceu em 11 de novembro de 1930 no Rio de Janeiro. Filha de família rica formou-se em física e economia e ao longo de sua trajetória foi autora de uma série de livros que contestavam valores vigentes. Dedicou boa parte de sua vida ao mercado editorial, com destaque para sua atuação na editora Vozes, onde trabalhou com Leonardo Boff por 17 anos. Foi uma das feministas mais combativas nas décadas de 70 e 80. Aos 66 anos recuperou sua visão em uma cirurgia e ainda hoje faz palestras e conferências. Disponível em: <http://www.wix.com/amuraro/icrmm#!vstc0=about> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹⁶⁵ MURARO, Rose Marie. Os seis meses em que fui homem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2001. P. 17.

exatamente essa, a percepção de que a luta das mulheres seria algo irrelevante diante de um país como o nosso¹⁶⁶.

Com seu feminismo de orientação liberal, pautado na expansão do individualismo e da modernização¹⁶⁷, a estado-unidense não percebia um futuro para as lutas nacionais. No entanto, em seguida a entrevistada afirmou que esse atraso poderia ser positivo, visto que, talvez, a sociedade brasileira pudesse ultrapassar estágios: [...] *eu espero que as mulheres e homens brasileiros encontrem diretamente essa igualdade sem passar pela fase de tradicionalismo por que estão passando os Estados Unidos*¹⁶⁸. Procurando pelo deslocamento dos argumentos com base na condução do entrevistador, saliento como a construção do diálogo se deu de maneira pensada e bastante estratégica, visto que ao ser questionada sobre as [...] *poucas chances de um movimento de emancipação feminina se desenvolver no Brasil* [...] ¹⁶⁹, pergunta estimulada pela constatação do problema social existente, Betty Friedan tratou de reverter sua fala no sentido de estimular a construção de um movimento feminista no país.

Em publicação de 25 de dezembro de 1974, foram os feminismos da França que foram noticiados. Nessa ocasião **Veja** publicou a entrevista com Françoise Giroud¹⁷⁰, identificada como [...] *feminista que não participa, na França, do Movimento de Libertação da Mulher*¹⁷¹. O diálogo conduzido pelo correspondente da revista em Paris centrou-se no ativismo político e nas impressões da funcionária do ministério francês sobre os novos rumos das mulheres. Para esse tópico destaque a chamada em letras negrejadas “O MLF está cheio de

¹⁶⁶ Os temas levantados pelos movimentos feministas eram assuntos especialmente condenados, como a questão da sexualidade. PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., P. 84.

¹⁶⁷ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 25.

¹⁶⁸ Entrevista com Betty Friedan (Jornalista Ronald de Freitas) - Guerra às panelas. Op. cit., 1971. P. 5.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Françoise Giroud nasceu na Suíça em 1916, militou ativamente contra a ocupação da França durante a 2ª Guerra, país onde construiu sua vida. Foi diretora da revista **Elle** e co-fundou o semanário **L'Express**. Foi secretária de estado do Governo de Jacques Chirac. Publicou biografias de mulheres famosas como: Lou Salomé, Cosima Wagner, Marie Curie e Alma Mahler. Faleceu em 2003. Disponível em: <http://www.leme.pt/biografias/80mulheres/giroud.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹⁷¹ Entrevista com Françoise Giroud (Jornalista Pedro Cavalcanti) - O poder das mulheres. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 329, P. 3. 25 dez. 1974.

malucas” que, quando colocado em seu contexto original, soa bem menos crítico e ofensivo: [...] *No MLF há muitas mulheres inteligentes. Mas, como em todas as organizações, há também muitas malucas*¹⁷². O trecho manipulado e destacado entre aspas aponta um caminho distinto do destacado pela entrevistada que, mesmo com críticas, fez elogios ao *Movimento de Liberação Feminino* francês. Ressalto que a função dos “olhos” não é trazer ao leitor e à leitora àquela informação mais completa. Contudo, é provável que muitas leituras se restringissem a essas chamadas em destaque, o que conduz o público a assimilar apenas parte da informação relatada por Françoise Giroud. O espaço da seção é funcional para a divulgação do ideário feminista em um contexto de discussões sobre o assunto, no entanto, ele fica submetido aos artifícios jornalísticos e de edição. Isso não invalida o espaço, em minha visão, mas exige maior cautela, na medida em que proponho analisar **Veja** como uma divulgadora dos feminismos, para o bem ou para o mal. Se o jornalista fizesse uma escolha diferente, salientando a inteligência e não a falta de lucidez das integrantes do MLF, a repercussão do texto poderia se dar de outra maneira.

Eni Orlandi sugere que *O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua*¹⁷³. Seguindo a perspectiva proposta pela autora, para problematizar responsavelmente o trecho, julgo adequado estabelecer um paralelo entre os modelos de feminismo arraigados ao senso comum, e a impressão cedida pelo autor da entrevista, que *O MLF está cheio de malucas*. Nesse caso, a história e a língua estimulam à comprovação de que os feminismos eram, de fato, algo insano.

Anette Goldberg destaca que o movimento de liberação feminina, diferentemente dos movimentos feministas, rompeu com a tradição igualitária e emancipatória dos feminismos do passado, levantando questões de diferença, identidade e singularidades, tendo como tônicas questões de patriarcado, autonomia e gênero, diferenciando-se do movimento norte-americano que, efetivamente, reivindicava esse passado¹⁷⁴. Entretanto, aponto que, apesar do entrevistador questionar a feminista francesa sobre o *Movimento de Libertação da Mulher* ele não se constitui como um movimento organizado em si, e sim mais como um aglomerado de reivindicações e mobilizações que emergiram na França no período. Françoise Giroud

¹⁷² Ibidem, p. 6.

¹⁷³ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 32.

¹⁷⁴ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 11.

também afirmou que [...] o MLF, como se sabe, não é um movimento, não tem estrutura e não tem líder¹⁷⁵. Sem me deter nas diferenças entre liberação e libertação, visto que compreendo ser mais uma confusão semântica do que uma distinção ideológica, julgo relevante atentar nesse momento as diferentes raízes feministas que marcaram países como Estados Unidos e França, que são, efetivamente, considerados o lugar de nascimento dos feminismos.

Albertina de Oliveira Costa confirma que, ao contrário do feminismo francês, que tinha suas lutas muito engajadas em debates sobre patriarcado e gênero, o feminismo norte-americano baseou-se na implementação dos grupos de reflexão, com práticas que visavam a transformação pessoal e cultural, partindo mais de uma perspectiva individualista¹⁷⁶. No emaranhado que hoje se convencionou chamar de feminismos, o que pretendo dar destaque é ao fato desses movimentos receberem atenção da revista aqui analisada, informando leitoras e leitores sobre os contextos dos feminismos ao redor do mundo. Em carta publicada duas edições depois da entrevista, uma leitora afirmou *Ser realmente sensacional a entrevista com Françoise Giroud [...]*¹⁷⁷.

Já Shere Hite¹⁷⁸, ao longo de sua fala, não foi questionada sobre os movimentos feministas em si, até porque, o conteúdo do texto pautou-se basicamente na forte repercussão que seu livro Relatório Hite

¹⁷⁵ Entrevista com Françoise Giroud (Jornalista Pedro Cavalcanti) - O poder das mulheres. Op. cit., 1974. P. 6.

¹⁷⁶ COSTA, Albertina. É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação — São Paulo, 1970. Cadernos de Pesquisa, n.66, ago. 1988. P. 50.

¹⁷⁷ Cartas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 332, P. 7. 15 jan. 1975.

¹⁷⁸ Shere Hite nasceu em 1942, formou-se em História Americana e Ideologia das Ciências na Flórida e fez doutorado em História na Universidade de Columbia. É autora de diversos livros, 17 sobre as mulheres, sendo fortemente influenciada pela 2ª onda do movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970. Atuou, entre 1972 e 1978, como Diretora do Projeto Feminista de Sexualidade da National Organization for Women (NOW). SENA, Tito; LAGO, Mara Coelho Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades, estatísticas e normalidades configurando a Persona Numerabilis. In: GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho Souza; NUERNBERG, Adriano (org). Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 08. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/tito_sena.pdf Acesso em: 15 de maio de 2011.

sobre sexualidade feminina¹⁷⁹ estava tendo ao redor de todo o mundo. Contudo, na entrevista de título “Contra os favores do homem”, publicada no dia 24 de maio de 1978, a chamada elaborou a articulação da entrevistada com os feminismos: *A visão de uma feminista que procura destruir mitos sobre a vida sexual da mulher*¹⁸⁰. Na entrevista em que a sexóloga buscou demonstrar e (des) construir uma série de tabus sobre a sexualidade feminina, foi aos movimentos feministas que Shere Hite concedeu parte da receita de sucesso de seu livro.

VEJA - O sucesso obtido por seu livro é uma prova do interesse que a sexualidade feminina desperta nas pessoas.

HITE – Bem, as mulheres estão começando a conversar umas com as outras, mas isso ainda se faz de modo superficial. E, se começaram a discutir a questão, isso se deve em grande parte à contribuição do movimento feminista. Assim, discutindo suas experiências pessoais, vão descobrindo que não são anormais. Mas ainda estamos longe de uma ampla conscientização a esse respeito¹⁸¹.

Shere Hite apontou de início que o sucesso de seu livro estava ligado ao ideário feminista que havia contribuído para um maior diálogo sobre sexualidade. A partir de seu relato saliento ainda uma referência aos grupos de consciência, grupos típicos da segunda onda dos Estados Unidos em que a troca de experiências era estimulada como forma de criar identificação entre as mulheres. Destaco, então, no referido trecho, uma postura bastante franca quanto ao posicionamento político da entrevistada que em momento algum foi condenado ou encarado com chacota pela entrevistadora, muito pelo contrário, o que percebo ao longo das perguntas é o acolhimento das idéias de Shere Hite por parte de Judith Patarra. Com essa constatação é relevante apontar que a jornalista escreveu a obra Iara: reportagem biográfica¹⁸², livro que narra a história de Iara Iavelber, militante durante a luta armada no Brasil,

¹⁷⁹ Ver, a esse respeito, HITE, Shere. O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. Editora Difel, 21ª edição. São Paulo, 1992.

¹⁸⁰ Entrevista com Shere Hite (Jornalista Judith Patarra) - Contra os favores do homem. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 507, P. 2. 24 mai. 1978.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 4.

¹⁸² Destaco que Iara Ialveberg participou da luta armada e foi companheira de Carlos Lamarca, sendo morta pela polícia política em agosto de 1971. Ver, a esse respeito, PATARRA, Judith Lieblich. Iara: reportagem biográfica. Editora Rosa dos Tempos: São Paulo, 1991.

publicado em 1992 pela editora Rosa dos Tempos, famosa por editar inúmeras obras de cunho feminista¹⁸³.

Apenas duas edições depois, a seção Cartas denunciou a disposição da revista no tratamento à entrevistada. Das 5 cartas publicadas, apenas uma fez ressalvas à postura de Shere Hite, todas as outras concordaram com os argumentos da autora e louvaram a entrevista, apresentada como sendo a opinião de uma feminista. Em carta vinda de uma leitora da Bahia constava que [...] *todo homem deveria ter conhecimento sobre a sexualidade feminina*. Outra leitora de Minas Gerais afirmava esperar que [...] *diante das pesquisas de Hite e outros que tentam contribuir, consigamos acabar com todos esses preconceitos que existem*. Um leitor carioca apoiou a postura de Shere Hite, mas ressaltou que ela [...] *não deveria defender tanto o movimento feminista*. Do Rio Grande do Sul uma leitora sinalizou os predicados extraídos da fala de Shere Hite que deveriam ser de toda mulher: [...] *inteligência e capacidade de discernimento*. Por último, um leitor do Espírito Santo concedeu total apoio à pesquisadora, afirmando: *Estou com ela*¹⁸⁴. A repercussão, portanto, foi positiva e serviu de interessante divulgadora no que concerne as disputas sobre a sexualidade das mulheres.

A cobertura da visita de Shere Hite ao Brasil realizada por **Veja**, que se estendeu a outras edições, demarcou não só o debate feminista no Brasil, visto que a entrevista salientou o seu envolvimento com os feminismos, bem como a dificuldade de livrar-se da vigilância da censura. Mesmo diante da abertura política o livro foi proibido depois de permanecer meses no topo da lista dos mais vendidos, por ser considerado pornográfico. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz aponta o fim da censura e a redemocratização como processos retomados com freios cautelosos ao longo da década de 1980, principalmente no que se refere às questões de sexualidade e de erotismo¹⁸⁵. A divulgação da

¹⁸³c “Dedicada a obras de gênero e interesse feminino, a Rosa dos Tempos foi fundada em 1990 pela escritora Rose Marie Muraro e a atriz Ruth Escobar. A idéia era criar, no Brasil, um instrumento que concedesse voz às mulheres, uma editora com ótica feminista. O projeto tornou-se realidade com o apoio da jornalista Laura Civita, da socióloga Neuma Aguiar e do fundador e editor da Record, Alfredo Machado”. Disponível em: http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=8 Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹⁸⁴ Cartas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 509, P. 10. 7 abr. 1978.

¹⁸⁵ KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Op. cit., 2008.

entrevista, por ocasião da publicação do relatório Hite no Brasil, portanto, em função de seu teor e postura, sinalizou novos tempos feministas, novos contextos, imersos também em velhas estruturas.

É o que confirma entrevista realizada com Branca Moreira Alves¹⁸⁶, uma das mais conhecidas feministas brasileiras que em 20 de fevereiro de 1980 teve sua fala publicada em **Veja** sob o título “A conquista do corpo”. Após longa exposição sobre o tema aborto, assunto que vinha ganhando as páginas da mídia, a jornalista Eva Spitz, demonstrando conhecimento sobre os rumos dos movimentos feministas, questionou: *O feminismo, ao que parece, não chegará a nenhum resultado prático enquanto a luta estiver restrita às mulheres*¹⁸⁷. E logo na sequência elaborou uma questão que, talvez, ainda seja um dos grandes impasses dos feminismos na atualidade: *Por que há tantos movimentos feministas? O que separa um do outro?*¹⁸⁸. A resposta da socióloga brasileira vai ao encontro do esforço de Joana Maria Pedro que, buscando desmistificar as narrativas fundadoras dos feminismos no Brasil, identifica uma série de grupos, organizações e eventos que, por uma razão ou por outra, foram ou não lembrados pela historiografia pertinente¹⁸⁹. Ao questionamento, Branca Moreira Alves respondeu: *Existem, realmente, divergências entre um grupo e outro. Atualmente no Rio existem 3 grupos organizados trabalhando segundo pontos de vista e métodos diferentes, embora convergindo para o mesmo objetivo*¹⁹⁰.

¹⁸⁶ De acordo com Anette Goldberg, Branca Moreira Alves fundou o primeiro grupo neo-feminista no Rio de Janeiro, depois de retornar dos Estados Unidos, onde teve contato com grupos de reflexão feminista. (GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 74). Conforme a apresentação de **Veja**, a feminista foi educada em um tradicional colégio. Formou-se em história e tornou-se professora de sociologia da PUC do Rio de Janeiro. Teria abandonado o envolvimento com a religião católica, em função de sua militância política em um período de torturas e repressão, finalmente identificando-se com o movimento feminista. Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 598, P. 4. 20 fev. 1980.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ PEDRO, Joana Maria. Narrativas Fundadoras do Feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 52, p. 249-272 – 2006. P. 250.

¹⁹⁰ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 598, P. 4. 20 fev. 1980.

A bibliografia selecionada para a escrita desse trabalho me permitiria especular os grupos citados pela entrevistada, mas ainda de forma confusa, na medida em que muitas informações são pouco sistematizadas. No entanto, é a própria entrevistadora que colaborou na resposta dessa pergunta, ao questionar *Quais são esses grupos e que pontos de vista defendem?*¹⁹¹, pergunta que foi seguida por uma resposta bem menos complexa do que as possibilidades ideológicas levantadas por Anette Golberg.

O primeiro grupo a ser organizado foi o Centro da Mulher Brasileira, do qual eu faço parte. Sempre pensamos na mulher como um ser oprimido, independentemente de sua classe social. Mas algumas companheiras preferiram particularmente a questão da mulher proletária e daí nasceu o coletivo de mulheres. Mais tarde, com a idéia de fundar um jornal, formou-se um novo grupo. O jornal não chegou a ter periodicidade por falta de condições financeiras, mas o grupo ganhou força e cresceu como sociedade Brasil Mulher¹⁹².

De forma simplificada, Branca Moreira Alves resumiu o cenário das organizações do Rio de Janeiro do período: Centro da Mulher Brasileira¹⁹³, Coletivo de Mulheres¹⁹⁴ e Sociedade Brasil

¹⁹¹ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. Op. cit., 1980. P. 4.

¹⁹² Ibidem, p. 4-5.

¹⁹³ O Centro da Mulher Brasileira foi fundado em 1975 no Rio de Janeiro com verbas conseguidas por Rose Marie Muraro com a ONU, aproveitando da declaração do Ano Internacional da Mulher. A entidade foi criada a partir de um documento elaborado em um evento sediado na Associação Brasileira de Informação - ABI, inspirando seus objetivos, que eram: criação de um centro de documentação; promoção de pesquisas sobre a condição da mulher; promover os dados levantados sobre a condição da mulher, criação de grupos de reflexão; promoção de intercâmbios. Embora a fala da entrevistada tenha sugerido que o Centro focava em questões de mulheres proletárias, o grupo tinha uma formação ideológica bastante heterogênea, mas o contexto opressor do regime exigia que aparentemente a homogeneidade fosse preservada. Algumas mulheres defendiam a criação de grupos de autoconsciência, enquanto outras queriam que o Centro tivesse uma personalidade mais jurídica. Venceu a segunda opção em função do cenário de repressão e excluiu-se a inserção da palavra feminista no nome do Centro. Anette Goldberg identifica 3 orientações ideológicas na entidade: feminismo radical, feminismo liberal e marxismo ortodoxo. Na CMB teria predominado o feminismo liberal, com ênfase na realização pessoal, na conquista de liberdade e emancipação das mulheres. Já em 1977, diante dos

Mulher¹⁹⁵. Sem levantar debates sobre a perspectiva ideológica das entidades, a feminista brasileira informou ao público leitor sobre o cenário carioca no que concerne aos debates feministas. Ainda hoje são as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo que monopolizam as histórias dos feminismos brasileiros, como pode ser evidenciado pela bibliografia utilizada nesse trabalho. É sabido que existiam grupos em outros estados, porém, as informações ainda são escassas e acabam limitando algumas impressões a grupos que de forma mais sistemática permitiram construir um arquivo que ajude a contar sua própria história e também a história dos feminismos no Brasil.

De todo modo, já que me propus a pensar a revista **Veja** como uma publicação que buscou romper barreiras regionais, o que julgo relevante de ser extraído da entrevista de Branca Moreira Alves é, não só a intensa defesa que a feminista fez da legalização do aborto, tema que é tratado no tópico posterior, mas também a riqueza de informações divulgadas sobre o contexto das organizações feministas. Em sua fala, mais do que divulgar sua luta pela conquista do corpo, a entrevistada pode falar do Centro da Mulher Brasileira, um dos grupos mais fortes do período e ainda apontar um novo momento pelo qual passava o feminismo que, segundo ela [...] *ganhou tanta importância fora do Brasil que sua seriedade repercutiu aqui dentro*¹⁹⁶. Identifico essa entrevista, portanto, como uma das mais ricas de todas as selecionadas, na medida em que, além de informar leitoras e leitores do período, permite à pesquisa hoje.

Apesar da identificação de Branca Moreira Alves como uma das poucas feministas que ainda obtém reconhecimento, foi outra feminista que conseguiu romper as barreiras teóricas, políticas e

novos rumos políticos, teria prevalecido a tendência marxista ortodoxa, com foco na mulher trabalhadora, afastando-se cada vez mais do adjetivo feminista (GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 106-127). Em 1979, com a supressão do bipartidarismo, as marxistas ortodoxas puderam, então, defender o seu movimento de mulheres, enquanto o Centro pode retomar uma postura feminista (GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 141).

¹⁹⁴ O Coletivo de Mulheres foi criado em 1979, a partir da Comissão Violência Contra a Mulher, vinculado a um evento promovido pelo Centro da Mulher Brasileira, o 1º Encontro da Mulher Brasileira. Também essa entidade seguia 3 orientações: feminismo radical, feminismo marxista ou socialista e cultura política alternativa (GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 139).

¹⁹⁵ Não foram localizadas informações específicas sobre essa organização.

¹⁹⁶ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. **Veja**. Op. cit., 1980. P. 5.

acadêmicas, em direção ao conhecimento geral do público. Refiro-me a Marta Suplicy¹⁹⁷ que na década de 1980 tornou-se uma das mulheres mais combativas no que se refere às causas feministas. Atenta a isso **Veja** publicou em 13 de junho de 1984 entrevista com a então celebridade, visto que havia estreado há 4 anos o programa TV Mulher¹⁹⁸, em que a psicóloga debatia sexo e sexualidade. Sob o título “Abortar é um direito”, Marta Suplicy, mesmo diante da seriedade do tema tratado, não abriu mão do bom humor, em muito lembrando a senadora hoje que, com certa frequência, aparece na mídia como autora de alguma declaração polêmica. Apresentada como uma mulher muito ocupada, a feminista afirmou: *Estou precisando de uma esposa*¹⁹⁹, explorando por meio da chacota uma expectativa de gênero que ela própria buscava (des) construir. Ainda que sempre controversa em vista da sua abordagem humorada de temas delicados, na entrevista Marta Suplicy foi convidada a debater a derrota de um projeto não aprovado na câmara dos deputados, o da legalização do aborto, bandeira que apoiava, como bem denotou o título de sua fala. Foi exatamente a derrota do projeto de lei que levou a entrevistadora Miriam Paglia Costa a afirmar *O feminismo parece estar em baixa...*, ao que Marta Suplicy respondeu:

Embora as mulheres estejam começando a escrever sua própria história, que até agora era feita pelos homens, o feminismo está num impasse. Na periferia, ele cresce, na classe média continua sendo olhado com desconfiança. O

¹⁹⁷ Marta Suplicy nasceu no dia 18 de março de 1945, na cidade de São Paulo. Filha de um grande industrial, formou-se na PUC-SP em psicologia, com mestrado e doutorado no exterior. Filiada ao PT desde 1982, escreveu livros com foco nas questões das mulheres, apresentou programas de televisão, foi deputada, prefeita e ministra. Em 2010 foi a primeira mulher eleita para o cargo de senadora. Disponível em: <http://www.martasuplicy.com.br/bio-em2010.php> Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

¹⁹⁸ TV Mulher foi ao ar entre 7 de abril de 1980 e 27 de junho de 1986 pela Rede Globo, inicialmente apresentado por Marília Gabriela e Ney Gonçalves Dias. O programa era composto por temas variados, mas todos voltados para o público feminino moderno, debatendo comportamento sexual e direitos das mulheres. Tinha 3 horas de duração e era dividido em sessões. “A sexóloga Marta Suplicy apresentava o quadro *Comportamento sexual*, em que tratava, pela primeira vez na televisão brasileira, de questões como menstruação, orgasmo, impotência etc”.

Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249786,00.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

¹⁹⁹ Entrevista com Marta Suplicy (Jornalista Miriam Paglia Costa) - Abortar é um direito. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 823, P. 5. 13 jun. 1984.

desafio, hoje, é recuperar algo que esquecemos: pensar o movimento junto com os homens. Nós desobedecemos a lei principal da psicologia social: não existe mudança de um papel sem mudança do papel correspondente. Nós mudamos e o homem não. Ficamos com um monte de obrigações e não dividimos nada²⁰⁰.

A entrevistada reconheceu um desafio que foi também identificado por Branca Moreira Alves em sua entrevista, quando afirmou: *Por mais que eu me preocupasse com a situação da classe operária [...] o meu gesto, a minha expressão corporal, a minha fala, a minha cabeça, tudo enfim, era de uma burguesa*²⁰¹. A preocupação com a diferença esteve presente nas falas dessas mulheres e também no desenvolvimento dos feminismos brasileiros, como narrado no capítulo anterior. Além disso, é interessante notar que os 4 anos que separam a publicação das entrevistas, demarcaram também um novo entendimento sobre os feminismos. Se na entrevista de Branca Moreria Alves o cenário parecia promissor, na de Marta Suplicy fala-se de uma baixa dos feminismos, o que incentivou a entrevistada a buscar uma alternativa argumentativa, a convocação dos homens.

Céli Regina Jardim Pinto destaca que a década de 1980 foi marcada por novos rumos feministas, caracterizando-se como um momento de partidarização e de institucionalização dos movimentos feministas no Brasil²⁰². Apesar do pessimismo da entrevistadora, em 1981 foi criado o SOS Mulher²⁰³, em 1983 o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher - PAISM, em 1985 foi instituída a primeira delegacia da mulher²⁰⁴. A baixa dos feminismos citada pela entrevistadora de Marta Suplicy, portanto, em minha análise, refere-se mais a uma transformação das formas dos feminismos do período que, diante da redemocratização, repensaram-se e organizaram-se politicamente com o objetivo específico de atravessar as esferas estatais.

²⁰⁰ Entrevista com Marta Suplicy (Jornalista Miriam Paglia Costa) - Abortar é um direito. Op. cit., 1984. P. 7.

²⁰¹ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. Op. cit., 1980. P. 3.

²⁰² PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 79.

²⁰³ O SOS Mulher foi criado em 1981 em São Paulo com o objetivo de combater a violência contra a mulher, marcando a escrita de uma nova página da história da violência contra as mulheres no Brasil (PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 80)

²⁰⁴ Ibidem, p. 80-84.

Também Elisabeth Badinter²⁰⁵, feminista francesa, foi questionada em entrevista publicada em 30 de outubro de 1985: *O feminismo acabou na Europa?*²⁰⁶, ao que a filósofa respondeu:

Não apenas na Europa, mas, em todo o Ocidente, tudo, ou quase tudo que as mulheres pretendiam, já foi alcançado – ao menos no nível legal. Seja no plano do controle da natalidade ou das relações de trabalho, as reivindicações foram conquistadas. Claro que, no plano das mentalidades, as transformações são mais lentas. Mas, também aí, é uma questão de tempo. Hoje, o feminismo não faz mais sentido²⁰⁷.

A declaração, lida hoje, causa comoção. A entrevistada afirmou não mais haver sentido nos feminismos em função da igualdade estar realizada²⁰⁸. Anos depois, em livro de sua autoria, mesmo sem mostrar-se muito otimista, Elisabeth Badinter elaborou forte crítica aos feminismos da década de 1990, acusando muitas feministas de fazerem um retrocesso, naturalizando novamente as mulheres, luta que já teria sido enfrentada por Simone de Beauvoir em 1940. Com o simbólico título Rumo Equivocado, a filósofa francesa acusou os movimentos feministas do final do século de enredarem-se em meio à teoria e perder o foco de vista. Afinal, se o objetivo primordial dos feminismos é buscar a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos, além de visar a transformação da própria sociedade, ao buscar-se um culpado ou ao se produzir o maniqueísmo, a diferença estaria apenas e novamente sendo reforçada²⁰⁹. Se em 1985 a entrevistada já não via mais sentido nos feminismos, 20 anos depois, mesmo a partir de críticas, ela revisa o tratamento que as feministas vinham concedendo aos homens na efetivação de suas reivindicações, o que, segundo ela, seria um obstáculo ao jogo da igualdade²¹⁰. Independente das mudanças no

²⁰⁵ Elisabeth Badinter nasceu na França em 1944 e é uma figura muito controversa nos meios feministas em vista das críticas que faz aos próprios movimentos. Publicou inúmeras obras e foi traduzida em mais de 20 países. Disponível em: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/14025> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

²⁰⁶ Entrevista com Elisabeth Badinter (Jornalista Paulo Moreira Leite) - Pobres dos homens. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 895, P. 3. 30 out. 1985.

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ BADINTER, Elisabeth. Rumo Equivocado – Feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 92.

²¹⁰ Ibidem, p. 15.

discurso, o que gostaria de ressaltar é que o fim dos feminismos era uma idéia em voga, ainda que combatida ou compartilhada. Apesar disso, no Brasil, os feminismos buscavam novos locais de combate, como ocorreu com a influência que teve o Conselho Nacional de Direitos da Mulher nos rumos da Constituição de 1989.

A próxima entrevista que trago em destaque é exatamente de uma mulher que fez parte do Conselho, Marina Colasanti²¹¹, escritora que em sua fala para **Veja** em 9 de outubro de 1985 diz-se *feminista autônoma*, quando perguntada: *O que é ser feminista?*²¹². Essa nomeação noticiada pela revista confirma o caráter não-feminista²¹³ do CNDM, sempre lembrado pela historiografia pertinente. Questionada pela entrevistadora sobre essa autonomia diante de sua nomeação para o Conselho, Marina Colasanti respondeu:

De fato, a partir dessa nomeação, eu sou menos autônoma, embora continue trabalhando pelos mesmos objetivos. É preciso lutar pelos direitos mais elementares que são negados à mulher – até pela integridade física, que é o primeiro direito do cidadão que não é garantido às mulheres. O problema da violência é prioritário no Brasil. A situação é dramática e é espantoso que quase ninguém se impressione com isso²¹⁴.

A escritora feminista, perguntada sobre sua mais nova atuação política, reverteu o tema inicial e dissertou sobre uma das principais bandeiras de luta dos movimentos feministas da década de 1980: a violência contra as mulheres, identificada como uma das principais frentes de luta dos feminismos²¹⁵, tema abordado no capítulo 3²¹⁶. O que

²¹¹ Marina Colasanti nasceu em 26 de setembro de 1937, na Etiópia. Passou parte da infância na Itália e em 1948 chegou ao Brasil, mudando-se com sua família para o Rio de Janeiro. Estudou pintura, colaborou com periódicos, dedicou-se à escrita. Em 1976 passou a fazer parte da equipe da revista **Nova**, da qual já era colaboradora. Publicou livros, contos, crônicas. Atualmente é colaborada de diversas revistas femininas. Disponível em: http://omundodemarinacolasanti.blogspot.com/2008/09/biografia_25.html Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

²¹² Entrevista com Marina Colasanti (Jornalista Isabel Cristina Mauad) - A felicidade até existe. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 892, P. 5. 9 out. 1985.

²¹³ Esse não-feminismo seria, em realidade, a não participação em grupos ou organizações que defendiam bandeiras de luta feministas.

²¹⁴ Entrevista com Marina Colasanti (Jornalista Isabel Cristina Mauad) - A felicidade até existe. Op. cit., 1985. P. 5.

²¹⁵ ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 2007. P. 59.

desejo salientar na entrevista de Marina Colasanti é o fato de somente ela ter estabelecido uma conexão entre as lutas feministas e a ditadura que, segundo ela, [...] *mobilizava todo o esforço emocional brasileiro*²¹⁷. Questionada se *A ditadura cerceou o processo de emancipação da mulher?*, a integrante do CNDM respondeu:

Sim, ela foi altamente repressora. Isso passou despercebido, pois as denúncias concentravam-se no contexto maior da repressão política, das torturas. Mas uma revista como a *Nova*, por exemplo, sofreu pressão permanente. A revista era censurada, todo o seu conteúdo foi altamente decepado. Houve até um período em que os censores queriam que ela fosse lacrada para o leitor não poder manuseá-la nas bancas de jornais, como se se tratasse de uma revista pornográfica²¹⁸.

Marina Colasanti descreveu a censura como repressora também das idéias feministas, na medida em que **Nova** sofreu forte repressão na sua publicação e distribuição. Mesmo que a entrevistada não tenha se detido na relação da ditadura com os grupos feministas do período, grupos que ela afirmou anteriormente não fazer parte, é interessante ressaltar que uma publicação aparentemente inocente politicamente como **Nova** também foi vítima de pressão, o que denota, no mínimo, atenção dos aparelhos repressores em relação a ideias liberadas divulgadas em uma revista com conteúdo feminino. Em função da historiografia explorada no primeiro capítulo dessa dissertação não deter-se sobre a relação entre ditadura e emergência dos movimentos feministas no Brasil, posso apenas levantar possibilidades, contudo, acredito que o próprio contexto opressor já servia de obstáculo à articulação de grupos e o depoimento acima fundamenta o argumento da preocupação da censura com a divulgação de conteúdo subversor feminista, em função de seu caráter revolucionário.

Foi também o que disse Ruth Escobar²¹⁹ sobre as mulheres em entrevista publicada no dia 2 de abril de 1986, intitulada “O despertar da

²¹⁶ A entrevista realizada com Susan Brownmiller na edição de 17 de setembro de 1976 debate a questão da violência contra as mulheres, no entanto, ela não foi analisada em função de ter sido a única a tratar desse tema objetivamente.

²¹⁷ Entrevista com Marina Colasanti (Jornalista Isabel Cristina Mauad) - A felicidade até existe. Op. cit., 1985. P. 6.

²¹⁸ Idem..

²¹⁹ Ruth Escobar nasceu em Portugal no ano de 1936. Em 1951 mudou-se para o Brasil e a partir de então construiu uma trajetória ligada ao teatro e ao mundo das artes. Nos anos 1980 passou a se dedicar a política, sendo eleita deputada

mulher”, em que a deputada feminista afirmou: *As mulheres são a forma mais revolucionária que existe*²²⁰. No encaço da efervescência política vivida pelas mulheres no Brasil, cada vez ingressando com mais força na política, **Veja** entrevistou a política que vinha tendo marcante atuação junto ao Conselho Nacional dos Diretos da Mulher, questionando sobre os rumos do órgão e dos partidos políticos. Essa entrevista mostra-se bastante reveladora, visto que apontou os novos rumos que vinha tomando a questão das mulheres no Brasil, ainda no encaço da discussão sobre autonomia dos movimentos feministas.

Narrando as dificuldades de [...] *abrigar todas as tendências de mulheres* [...] no Conselho, Ruth Escobar ressaltou:

No começo dos anos 80, as feministas tinham um enorme preconceito contra as mulheres que estavam engajadas em partidos como o PCB, PC do B, MR-8, ou em agrupamentos maoístas, trotskistas. Achávamos que esses movimentos políticos instrumentalizavam a mulher. Hoje penso diferente. Acho que devo tentar ganhar uma mulher mesmo quando ela se mostra mais à esquerda ou mais à direita. No Conselho, atualmente, temos mulheres de todos os partidos, acadêmicas como Ruth Cardoso e Carmem Barroso e feministas históricas como Rose Marie Muraro. É uma composição que deu certo²²¹.

A entrevistada narrou as contradições e disputas que foram posteriormente registradas bibliograficamente. Ruth Escobar, deputada eleita pelo PMDB de São Paulo, não chegou a descrever as fissuras entre movimentos feministas e partidos políticos, mas recorro à Céli Regina Jardim Pinto para esclarecer alguns pontos sobre o debate em relação a autonomia que, em tese, seria cerceada com a articulação dos movimentos feministas e o Conselho do qual a entrevistada fazia parte. De acordo com a historiadora, a criação de ministérios e conselhos amedrontava os movimentos feministas no Brasil e também na Europa, pois colocava em xeque a questão da autonomia do movimento frente ao

estadual por 2 vezes. Fundou juntamente com Rose Marie Muraro a editora Rosa dos Tempos. Hoje Ruth Escobar atua como atriz e produtora cultural. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=839 Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

²²⁰ Entrevista com Ruth Escobar (Jornalista Paulo Moreira Leite) - O despertar da mulher. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 917, P. 5. 2 abr. 1986.

²²¹ Idem.

governo, além de desagradar as radicais que queriam uma transformação profunda nas relações de poder. Assim, uma parcela das feministas que se alocaram no PMDB foi buscar nesses espaços proteção para sua causa, enquanto que as ligadas ao PT continuavam a opor-se à institucionalização²²². O racha que se deu ainda em 1979, com a anistia, atravessou, portanto, a história dos movimentos feministas.

Apesar do longo histórico feminista de lutas articuladas ao que se compreende por esquerda, a deputada, ao ser questionada sobre os usos da esquerda e da direita, no que se refere ao movimento das mulheres, assim respondeu: *A direita instrumentaliza muito melhor. O PDS lançou 5 candidatas a prefeita em novembro passado. O PT apresentou uma*²²³. O que a entrevistada não revelou é o que foi ressaltado também por Céli Regina Jardim Pinto que aponta: *O recrutamento das mulheres ocorreu segundo moldes clássicos: famílias de políticos, popularidade adquirida nos meios de comunicação, história partidária – mas não a partir de organizações de mulheres dentro ou fora dos partidos*²²⁴. Discutindo a participação das mulheres na Constituinte, a pesquisadora revela que, apesar do depoimento de Ruth Escobar em defesa do tímido sucesso da direita na eleição de mulheres, o pensamento feminista não era um marcador, principalmente aquele feminismo que lutava pelo bem estar de operárias e trabalhadoras. Sendo assim, os distintos rumos tomados pelas mulheres durante a década de 1980 precisam ser submetidos a uma série de lentes que indicam uma grande conquista para as mulheres sim, mas também um freio no que se refere à autonomia dos movimentos feministas organizados.

Independentemente da vinculação ideológica dessas mulheres identificadas como feministas, julgo importante demarcar o fato de todas elas, de uma maneira ou de outra, apontarem sim a existência constante de transformações, o que vem articulado a uma afirmação de que ainda existiam movimentos feministas combatentes. É sobre isso que divagou também Bella Abzug²²⁵ em publicação de 3 de setembro de

²²² PINTO, Céli Regina Jardim. 2003. Op. cit., P. 69.

²²³ Entrevista com Ruth Escobar (Jornalista Paulo Moreira Leite) - O despertar da mulher. Op. cit., 1986. P. 6.

²²⁴ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 72-73.

²²⁵ Bella Abzug nasceu em 24 de julho de 1920 nos Estados Unidos, filha de uma família de imigrantes russos. Seu contato com o judaísmo ortodoxo a teria levado a questionar os discursos religiosos sobre os lugares das mulheres na sociedade. Formou-se em direito e atuou durante longos anos na defesa dos

1987, ex-deputada estado-unidense que dissertou, entre outras coisas, sobre o perigo da era Reagan, disposta a reverter uma série de conquistas feministas. Questionada sobre o fim dos feminismos nos Estados Unidos pela jornalista Sarah Cristina Coelho, a feminista declarada afirmou:

O movimento feminista vai muito bem, obrigada. Uma das coisas importantes para entender o movimento feminista nos Estados Unidos é que, desde sua origem, ele teve a função de conscientizar a mulher de seus direitos, não só em nosso país, como em todo mundo. Contudo, em meu país, atualmente, temos um governo reacionário e o presidente Ronald Reagan está tentando bloquear as nossas conquistas. Há um esforço enorme para podar todas as nossas conquistas²²⁶.

Na entrevista em que a Bella Abzug propôs uma nova forma de governo, não do ponto de vista estrutural, mas do ponto de vista de sujeitos governantes, visto que defendeu um planeta governado por mulheres, como bem indica o título da seção “O planeta das mulheres”, os novos embates dos movimentos feministas dos Estados Unidos é que chamam a atenção. Conhecido como o país dos feminismos, em vista de ter dado início ao movimento sufragista em 1848²²⁷, também o vizinho americano foi sondado por uma baixa dos feminismos. Enquanto isso, no Brasil, mesmo que os inimigos não fossem tão declarados como o então presidente Ronald Reagan, as lutas tomaram um novo formato, formato que foi acompanhado por **Veja**.

É sobre isso que versa o tópico seguinte que, ainda que pautado na análise das entrevistas, baseia-se em uma unidade temática, em função das reivindicações feministas serem um grande nicho nas entrevistas publicadas pela revista. Apesar da proposta de minha dissertação ser refletir sobre os feminismos e sua divulgação em si, considero relevante dedicar algumas páginas também as reivindicações que, na fala das feministas, foram divulgadas por **Veja**.

direitos dos trabalhadores. Envolveu-se com a política e militava a favor da paz e dos direitos das mulheres. Fundou em 1971 com Betty Friedan e Gloria Steinen a Organização Política de Mulheres. Faleceu em 1998 (Tradução livre). Disponível em: <http://www.notablebiographies.com/A-An/Abzug-Bella.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

²²⁶ Entrevista com Bella Abzug (Jornalista Sarah Cristina Coelho) - O planeta das mulheres. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 994, P. 5. 23 set. 1987.

²²⁷ ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. Op. cit., 2007. P. 44.

2.1.2 Páginas amarelas e as nossas grandes reivindicações

Millôr Fernandes, alvo de minha análise no capítulo seguinte, com bastante frequência intitulava suas charges com a máxima *Millôr e as nossas grandes reivindicações*. A escolha não era aleatória, afinal o Brasil e o mundo viviam, de fato, um momento de grandes pautas políticas, sociais, culturais, e as mulheres, como venho tentando destacar desde as primeiras linhas dessa dissertação, formaram um dos grupos que mais reivindicaram direitos e melhorias em suas condições de vida entre as décadas de 1970 e 1980. Movimentos feministas lutaram por melhores trabalhos, pela queda de tabus sexuais, pelo direito ao corpo, pela construção de novas formas de relacionamento entre homens e mulheres, pelo direito a assumir mais cargos políticos, pelo combate à violência, pela saúde, pelo “privilégio” de terem sua história contada. A fase, portanto, era efetivamente, de grandes reivindicações, como cansou de repetir Millôr.

Essas frentes de luta, mesmo que circulando desde o começo da década, na seção Páginas Amarelas tiveram seu momento de estréia oficial, ao menos no que concerne aos interesses das brasileiras, em 1977, dois anos após a declaração do Ano Internacional da Mulher, mostrando que, antes ou depois do episódio, os movimentos feministas no Brasil articulavam-se, mas buscavam diferentes maneiras de fazê-lo. O tema de estréia não poderia ser outro: trabalho. A fase do chamado [...] *‘milagre econômico’ teve incidências positivas sobre a situação das mulheres pertencentes ao universo de camadas médias no que nos interessa, cuja presença na força de trabalho se ampliou consideravelmente na primeira metade dos anos 70*²²⁸. No entanto, continua Anette Goldberg:

O que nos parece importante frisar é que todo esse processo modernizador de libertação sexual e profissionalização se deu dentro de uma perspectiva individualista, competitiva, de êxito pessoal e de ascensão social, onde não havia aparentemente motivos para questionamentos a propósito dos ‘gêneros’ feminino e masculino (graças, inclusive, a existência de empregadas domésticas e da relação ‘cumplicidade substitutiva’ com certas figuras femininas do universo familiar), ou para uma identificação com outras mulheres que suscitasse qualquer

²²⁸ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 50.

agrupamento ou mobilização coletiva feminina de novo tipo²²⁹.

Discutido sempre como um fenômeno de mulheres ricas ou de classe média, talvez o grande desafio feminista do período no Brasil tenha sido debater questões trabalhistas de forma bastante territorializada, na medida em que muitas das influências feministas que aqui chegaram, estavam, efetivamente, pautadas na lógica liberal, valorizadora do individualismo, da competição, do êxito pessoal. É o caso da entrevista citada anteriormente com Helen Gurley Brown, em que a editora chefe de **Cosmopolitan** foi apontada como um exemplo do *self made wo/men*. No Brasil, contudo, o debate assumiu um caráter mais problemático, até pelas fortes influências marxistas que marcavam os discursos de muitas feministas brasileiras do período.

E é sobre esse assunto que a socióloga e professora universitária Eva Alterman Blay²³⁰ foi convidada a falar em 21 de setembro de 1977, na entrevista “Os trabalhos da mulher”. Lígia Martins de Almeida, a jornalista encarregada da entrevista, atua ainda hoje, dedicando-se a escrever textos que abarquem questões de mulheres²³¹. A relação entre entrevistadora e entrevistada não é surpreendente, portanto, visto que a editoria da revista encarregou uma repórter interessada nos rumos dos movimentos feministas. A entrevistada é considerada uma das autoras clássicas quando o assunto é trabalho feminino, em um período, década de 1970, em que o tema trabalho era dominante nas pesquisas acadêmicas sobre mulheres²³². O tema do momento foi apresentado,

²²⁹ Ibidem, p. 51.

²³⁰ Eva Alterman Blay nasceu em 4 de junho de 1987 em uma família de origem judaica. Formou-se em sociologia na USP, onde leciona ainda hoje. Aponta sua identificação com os feminismos como tendo ocorrido na década de 1960. Durante a ditadura, em função de pesquisar sobre os temas mulher e trabalho, era convidada por estudantes e sindicatos a dar palestras. Foi presidenta do Conselho da Condição Feminina de São Paulo, órgão suprapartidário. Publicou uma série de livros e assumiu o cargo de senadora em 1986, quando da renúncia de Fernando Henrique Cardoso. BLAY, Eva Alterman. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro (1 fita cassete). São Paulo, Brasil, 04/08/2005. Acervo do LEGH/UFSC.

²³¹ Dentre os textos mais recentes trago em destaque: O silicone e o papel da imprensa, O fim de um espaço só das mulheres, Deselegância, sim. Machismo também, Em defesa das mulheres, Feminismo depois do carnaval. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/authors/all_author/792/news Acesso em: 13 de janeiro de 2012.

²³² GOLDBERG, Annete. Op. cit., 1987. P. 86.

juntamente com Eva Alterman Blay, com estatísticas preocupantes: *Havia, ali, 6 milhões de mulheres integrantes da força de trabalho nacional, desempenhando, em 80% dos casos, as seguintes tarefas: empregadas domésticas (27%), trabalhadoras rurais (18,4%), professoras primárias (8,76%) e auxiliares de escritório (7,9%)*²³³. Referindo-se a pesquisas que buscaram mapear a participação do contingente feminino no mercado de trabalho, os dados apontaram uma tendência muito significativa no que se refere às ocupações das mulheres na década de 1970.

Contrariando a satisfação de Ruth Escobar sobre o aumento do número de mulheres prefeitas, a jornalista responsável pela entrevista afirmou que as conclusões de Eva Alterman Blay sobre as mudanças, como as ocorridas nas eleições municipais, não chegavam a ser um motivo de comemoração: [...] *enquanto paga bem ou abre portas, a atividade pertence à camada masculina; se entra em decadência, transforma-se em área acessível também - e até principalmente - à camada feminina*²³⁴. A partir da constatação do desprestígio do poder municipal, as pesquisas da socióloga integrante da SBPC, não demarcaram motivos de orgulho pleno, apesar das mulheres estarem adentrando o mercado de trabalho com muito empenho.

Dissertando sobre as diferenças educacionais entre homens e mulheres, sobre o problema da prostituição e sobre a questão do trabalho doméstico, a professora universitária, na finalização da entrevista, ao ser questionada se *O Trabalho é um caminho para a emancipação da mulher?*²³⁵, assim respondeu:

Há uma corrente feminista que defende a tese da emancipação diretamente ligada ao trabalho. Eu não concordo. É preciso distinguir trabalho e trabalho [...] Eu entendo que o trabalho da mulher é vantajoso na medida em que ela tem satisfação ou que contribui para diminuir as horas de trabalho do marido. Usar o trabalho da mulher em nome da emancipação para que ela ainda force uma baixa nos salários não tem sentido. Nesse caso, é melhor que a mulher fique em casa. Ela tem que entrar no mercado consciente de que seu trabalho vale tanto quanto

²³³ Entrevista com Eva Alterman Blay (Jornalista Lígia Martins de Almeida) - Os trabalhos da mulher. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 472, P. 3. 21 set. 1977.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Ibidem, p. 6.

o do homem e de que os dois tem de reivindicar menos horas de trabalho e uma remuneração mais justa²³⁶.

Eva Alterman Blay, portanto, mais do que identificar a necessidade de trabalhos reconhecidos e com remuneração mais justa para as mulheres, defendeu que se repensasse a própria lógica trabalhista que oprimiria não só a mulher, mas também o homem. De acordo com Anette Goldberg, apesar da importância de estudos como o da socióloga feminista entrevistada, as mulheres continuavam imersas na sua categoria de classe, sendo que, assim, seus problemas estariam resolvidos diante da revolução social²³⁷. Françoise Giroud, bastante impaciente nas primeiras perguntas de Pedro Cavalcanti, talvez pelo fato do jornalista não compreender o fenômeno da entrevista como uma situação psicossocial, como sugere Cremilda Araújo Medina²³⁸, também foi questionada sobre a valorização do trabalho feminino, ao que ela respondeu:

Se o senhor está querendo me fazer dizer que o trabalho é uma coisa profundamente aborrecida, eu estou profundamente de acordo. Mas o trabalho é a condição humana. É uma coisa que não vai desaparecer tão cedo da superfície da Terra. O que se pode perguntar é se para uma mulher o melhor é trabalhar ou não trabalhar²³⁹.

O que gostaria de destacar do paralelo que busquei traçar entre as duas entrevistadas, separadas continentalmente e também temporalmente, é que ambas percebiam o trabalho como algo penoso, uma obrigação a ser cumprida, bem longe de percepções acerca do enobrecimento que a ação poderia desencadear. O trabalho pensado por ambas feministas não estava sendo reconhecido como uma forma de emancipação simplesmente, mas também como mais um meio de opressão. A partir disso, julgo interessante refletir sobre os feminismos praticados por essas mulheres que, para muito além da igualdade, buscaram novas formas de se compreender o mundo. Para muito além da construção da paridade sexual e de gêneros, os feminismos foram compreendidos como instrumento ideológico, político e discursivo de transformação.

A entrevista com Eva Alterman Blay, no entanto, apesar de nas edições seguintes ter aparecido com boa repercussão junto à seção

²³⁶ Idem.

²³⁷ GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 90.

²³⁸ MEDINA, Cremilda Araújo. Op. cit., 1995. P. 29.

²³⁹ Entrevista com Françoise Giroud (Jornalista Pedro Cavalcanti) - O poder das mulheres. **Veja**. Op. cit., 1974. P. 4.

Cartas, em uma delas não foi louvada, e sim ironizada. Um leitor de São Paulo, assim reagiu às considerações da entrevistada:

Uma vez bem sucedidas as pretensões femininas (não-feministas), o núcleo econômico – que por enquanto tem sido a família – passará a ser o indivíduo, independente do sexo, que ganhará o suficiente para seu próprio sustento mas não o bastante para duas ou mais pessoas. Portanto, se aceitamos a lógica de seus defensores – de que o ganho dos dois sexos não deveriam apresentar divergências entre pessoas que exercem a mesma função - , presumo que as mulheres estão de acordo em não serem mais sustentadas pelos maridos, em não mais reclamarem alimentos em caso de dissolução do matrimônio e, ainda, aceitar apenas parte do sustento dos filhos²⁴⁰.

A carta reproduzida na íntegra acentuou um problema identificado pela pesquisa de Soraia Carolina de Mello no que se refere à desvalorização do trabalho doméstico. Para o leitor insatisfeito com as reivindicações trabalhistas encabeçadas por mulheres, é do direito de valorizar o trabalho doméstico que ele pede que as mulheres abram mão, na medida em que, se querem direitos iguais no trabalho, que tenham direitos iguais no que concerne o lar. Contudo, a carta desconsiderou o valor das tarefas desempenhadas em casa que são, em sua maioria, responsabilidade das mulheres. Sobre isso Soraia Mello faz algumas considerações interessantes.

É muito presente, ainda hoje, a idéia de que cabem às mulheres as responsabilidades por toda a esfera privada (o lar), embasando-se na maternidade como principal aspecto para justificar a naturalização dessa relação. O ingresso na esfera pública não elimina, e em muitos casos nem mesmo nuança, as responsabilidades caseiras femininas. Para as mulheres com melhores condições financeiras, surge a oportunidade de contratar alguém (outra mulher) para lhes “substituir” em casa, o que não livra as contratantes das responsabilidades com a administração e o bom andamento do lar. E a essa outra mulher, a contratada, que no geral tem sua própria casa, se acumulam duas jornadas de trabalho (ambas em casa)²⁴¹.

²⁴⁰ Cartas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 477, P. 10. 26 out. 1977.

²⁴¹ MELLO, Soraia Carolina de. Feminismos de segunda onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1970-1989). Florianópolis, Março de 2010. P. 13.

A pesquisadora, buscando compreender os espaços concedidos ao trabalho doméstico nas reivindicações feministas nas décadas de 1970 e 1980 no Cone Sul, identifica ou uma dupla jornada de trabalho de mulheres sem condições de terceirizar o serviço doméstico, ou ainda uma dupla jornada de trabalho doméstica para mulheres que oferecem esse tipo de serviço. Os homens, na maioria dos casos, ficam excluídos do cálculo, na medida em que as tarefas do lar apresentam-se como naturalmente femininas. Destaco o trecho não apenas para refletir sobre uma outra questão que atravessa a discussão sobre trabalho, mas principalmente para buscar perceber a localização do pensamento do leitor acima que, sem considerar o trabalho doméstico²⁴² sequer um trabalho, não via sentido em mulheres recebendo retorno por seu desempenho.

A esse respeito, Elisabeth Badinter, em entrevista já citada e intitulada “Pobres dos homens”, foi questionada: *Apesar de tudo, nas famílias que não podem pagar uma empregada, é a mulher que faz o trabalho doméstico. Por que isso ocorre?*²⁴³. Paulo Moreira Leite, jornalista responsável pela entrevista, aparentemente ignorou o fato da empregada ser também uma mulher. O que parece um breve lapso linguístico, no entanto, denota, em minha leitura, um processo de desumanização dessas mulheres que, em realidade, faziam um trabalho que outras mulheres dispensavam. Em resposta ao questionamento, a feminista francesa afirmou:

O homem se recusa a fazer o trabalho doméstico porque sente não só que está sendo desvalorizado, ao realizar um trabalho ao qual não se dá a menor importância, como também está sendo desvirilizado. Afinal, o trabalho doméstico sempre foi visto como uma atividade feminina. Com o tempo, isso vai acabar. Primeiro, porque, daqui a cinquenta anos, em poucos países haverá empregadas domésticas. Depois, as próprias mulheres pressionam – elas podem ser mal pagas em seus empregos, mas já não aceitam trabalhar de graça em casa²⁴⁴.

²⁴² No que se refere ao trabalho doméstico, além de Eva Alterman Blay, também Betty Friedan, Elisabeth Badinter, Françoise Giroud, Branca Moreira Alves, dedicaram algum espaço de suas respectivas entrevistas ao tema, no entanto, o tema domésticas já não é tão frequente.

²⁴³ . Entrevista com Elisabeth Badinter (Jornalista Paulo Moreira Leite) - Pobres dos homens. Op. cit., 1985. P. 4.

²⁴⁴ Idem.

A entrevistada, que em páginas anteriores, declarou o fim dos feminismos em todo o Ocidente, em função deste já ter alcançado todas as suas reivindicações, aparentemente, esqueceu-se dos milhares de empregadas domésticas que permitiam que algumas poucas mulheres tivessem uma jornada de trabalho unitária. Afirmando que em 50 anos as empregadas domésticas já não existiriam praticamente, a feminista ignorou uma parcela bastante volumosa das mulheres, cedendo uma perspectiva bastante controversa em relação aos feminismos divulgados por outras entrevistadas. Assim, o feminismo já teria alcançado suas reivindicações que, pela declaração, não tinha relação alguma com domésticas. A declaração de Elisabeth Badinter, contudo, deve ser localizada, visto que é a realidade francesa a referência de sua fala.

Já Branca Moreira Alves apontou o problema das empregadas domésticas a partir de outro olhar, mais crítico e também mais regional. Questionada: *A questão da empregada doméstica é um problema específico da nossa sociedade. Vocês, que pregam a divisão do trabalho doméstico e o direito de trabalhar fora, como encaram essa contradição?*²⁴⁵. A feminista brasileira respondeu:

Se não existisse a categoria empregada doméstica, certamente as mulheres teriam mais consciência da opressão. Mas ela existe e é fruto de um mercado de trabalho que oferece emprego para toda a mão-de-obra adulta. Com isso ela vem diluir as contradições de papéis de sexo dentro da família, já que supre com serviços domésticos o trabalho dos patrões, enquanto ela própria sobrevive de maneira precária. Concretamente, a proposta do movimento feminista é de procurar ajudar a melhorar as condições de trabalho. O Coletivo de Mulheres está discutindo formas de denúncia junto com a Associação das Empregadas Domésticas²⁴⁶.

Algumas informações pontuais são interessantes de serem extraídas da fala da historiadora: primeiro, o trecho demarca com bastante ênfase que os feminismos brasileiros, para muito além da cópia, tinham suas próprias reivindicações; segundo, o fato de estar caracterizada a consciência da opressão como característica de mulheres

²⁴⁵ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. **Veja**. Op. cit., 1980. P. 4.

²⁴⁶ Idem.

de classe média, não das domésticas, apesar de ser anunciada a existência de uma Associação de Empregadas Domésticas²⁴⁷.

O tema trabalho foi, efetivamente, um dos mais recorrentes no que se refere às grandes reivindicações feministas do final do século XX e, no Brasil, ele adquiriu contornos ainda mais interessantes, na medida em que o país, vivendo e superando o sonho do “milagre econômico”, estabeleceu uma forte relação entre o seu sucesso e a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Nessa jornada, muitas conquistas foram alcançadas e, mesmo que donas-de-casa e empregadas domésticas ainda possam sofrer com desigualdades e exploração, uma série de direitos foram assimilados, desde os de ordem cultural, no que diz respeito à divisão das tarefas domésticas, até direitos trabalhistas. Esse mote, portanto, rendeu alguns frutos e avanços. Entretanto, nem todas as lutas foram promissoras e é sobre uma luta ainda em vigor que gostaria de discutir a partir de agora, como segundo e último eixo de reivindicações: a legalização do aborto²⁴⁸, uma das bandeiras feministas mais polêmicas e que, no Brasil, permanece como uma questão a ser resolvida.

O tema, sempre tratado com muita ressalva em função dos ânimos religiosos que costuma provocar, começava a ganhar espaço na seção Páginas Amarelas de **Veja** ainda na década de 1980²⁴⁹, com a

²⁴⁷ Maria Amélia de Almeida Teles afirma que na década de 1970 as feministas, notadamente da classe média, buscavam o contato com mulheres populares. Hoje, conforme a autora, ocorre o processo inverso. TELES, Maria Amélia Almeida. Caminhos Transversais dos feminismos e dos movimentos sociais. In: Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; FÁVERO, Sílvia Maria. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. P. 158.

²⁴⁸ Hoje, no Brasil, está legalizado o aborto em determinados casos. Isto é, se não houver outro meio de salvar a vida da gestante, se a gravidez resultar de estupro e a gestante desejar interrompe-la, os médicos poderão praticar o aborto sem serem punidos (artigo 128 do código penal). Fora esses dois casos, trata-se de um crime previsto em lei denominado “aborto voluntário”. PRADO, Danda. O que é aborto. São Paulo: Brasiliense, 2007. P. 50. O aborto em todos os outros casos não descritos era considerado crime, conforme decreto lei nº 2848 de 7 de dezembro de 1940.

²⁴⁹ Na década de 1990 o debate acirrou-se ainda mais. Tomo o exemplo de Ivone Gerbara, freira entrevistada pela semanal em 5 de outubro de 1993, cujo título foi peremptório, “O aborto não é pecado”. Sua fala causou furor ao defender abertamente a legalização do aborto na seção Páginas Amarelas, inclusive e principalmente com a instituição Igreja Católica. Não só essa seção

entrevista de Branca Moreira Alves, cujo assunto principal, apesar de debater questões já citadas, foi “A conquista do corpo”, que deu título à entrevista. Abaixo do “olho” que afirma *O Estado é quem deve fazer o aborto*, a entrevistadora questionou: *Muitas pessoas que defendem uma medida radical como o aborto mostram-se contrárias ao planejamento familiar tal como é difundido pela Bemfam. Como você vê a questão?*²⁵⁰. Citando um dos temas mais polêmicos do período, a questão do planejamento familiar foi articulada ao tema aborto, o que seria, como foi evidenciado pela resposta, uma relação que os movimentos feministas buscavam evitar.

Nós não somos a favor do aborto como método contraceptivo. É um recurso extremo e por isso somos favoráveis a uma ampla divulgação de informações sobre métodos anticoncepcionais em geral e à intensificação das pesquisas desses métodos tanto para mulheres quanto para homens. Quanto à Bemfam e outros órgãos que atuam nessa área, a nossa crítica dirige-se à política feita de cima para baixo, para atender determinados interesses políticos e econômicos. Nós somos contra o controle da reprodução nas populações pobres como recurso utilizado para escamotear o problema da distribuição de renda²⁵¹.

Branca Moreira Alves, no trecho em destaque, condenou o tratamento que muitas entidades vinham concedendo à questão do planejamento familiar no período, condenação que não era restrita, pois se ampliava a boa parte do ideário feminista, seja por não considerarem o aborto um método válido²⁵², seja por considerarem que as teorias demográficas e o planejamento familiar serviriam como meio de controle de populações pobres. No que se refere à opinião específica da entrevistada acima, acredito que a grande questão reside na segunda alternativa. Até porque, no Brasil, o uso da pílula e de outros métodos contraceptivos esteve ligado a políticas nacionais de controle da natalidade, principalmente focalizado em migrantes, negros e famílias de baixa renda. Tânia Costa destaca que *A necessidade de controlar as*

dedicava páginas ao debate do tema, reportagens procuravam discutir o aborto de forma aberta e distante de tabus.

²⁵⁰ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - *A conquista do Corpo*. Op. cit., 1980. P. 3.

²⁵¹ Idem.

²⁵² Annete Goldberg afirma que planejamento familiar, contracepção e aborto eram temas censurados no ideário feminista de esquerda hegemônico até 1979 (GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 162-163).

*populações, aliada ao fato de a reprodução ser focalizada na mulher, transformou a questão demográfica em problema de natureza ginecológica e obstétrica [...]*²⁵³.

Saliento que não foram quaisquer populações os principais alvos de políticas de controle de natalidade no Brasil, e sim populações de baixa renda, motivo pelo qual a entrevistada condenou a lógica essencial do planejamento familiar. O tema aborto, portanto, imediatamente foi articulado a essa questão, em vista dos futuros riscos de uma explosão demográfica, tema muito debatido na década seguinte e mote de uma capa analisada no capítulo anterior. Mais no sentido do título cedido à entrevista, a jornalista questionou se [...] *a prática do aborto deve ser deixada inteiramente ao arbítrio da mulher*²⁵⁴, ao que a feminista brasileira respondeu, sem hesitar: *Basicamente, o movimento feminista luta para que o controle da natalidade seja uma opção da mulher*²⁵⁵. O controle do corpo, portanto, foi a pauta da entrevista e também dos movimentos feministas do momento que, no Brasil, ainda tinham um longo caminho a percorrer. Conforme Branca Moreira Alves: *A gente não está lutando pela legalização do aborto pura e simplesmente, mas para que ele seja feito pela rede hospitalar do Estado*²⁵⁶. Os objetivos, a partir de um olhar atual, são grandiosos, visto que ainda permanece o debate sobre essas questões, sem vislumbre de sucesso.

Um discurso bastante distinto pode ser evidenciado na entrevista de Esther de Figueiredo Ferraz²⁵⁷, publicada em 25 de agosto de 1982 e realizada por Mirian Guaraciaba. A entrevistada, que era a primeira mulher na história do Brasil a assumir um ministério, o da

²⁵³ COSTA, Tania... Et al. Naturalização e Medicalização do Corpo Feminino: o Controle Social por Meio da reprodução. In: *Interface* (Botucatu), July/Dec. 2006, vol.10, no. 20. P. 5. Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 20 de setembro de 2008.

²⁵⁴ Entrevista com Branca Moreira Alves (Jornalista Eva Spitz) - A conquista do Corpo. Op. cit., 1980. P. 3.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Ibidem, p. 4.

²⁵⁷ Esther de Figueiredo Ferraz nasceu em São Paulo no dia 6 de fevereiro de 1915. Formou-se em direito e filosofia, o que a qualificou para exercer uma série de cargos técnicos e administrativos na área da educação. Em 1982 foi nomeada ministra da educação e cultura do governo do General João Baptista Figueiredo. Faleceu aos 95 anos. Disponível em: http://www.migalhas.com.br/mostra_noticia.aspx?cod=69688 Acesso em: 24 de janeiro de 2012.

educação, convidada a falar por **Veja** sobre o ensino universitário, afirmou: *Sou feminista sim, mas não vivi situações de discriminação profissional [...]*²⁵⁸. Motivada, talvez por essa declaração, ao final, a jornalista questionou:

VEJA - Como a senhora encara a legalização do aborto?

ESTHER – Eu sou professora de Direito Penal e sou contra a legalização indiscriminada do aborto, como querem alguns [...] seria um homicídio. Eu respeito profundamente a pessoa humana o considero o ser apenas concebido já uma pessoa²⁵⁹.

A ministra, portanto, apesar de dizer-se feminista identificou-se como contrária ao direito ao controle do corpo do qual falava Branca Moreira Alves. Mais do que isso, a entrevistada apontou-o como um homicídio, reforçando o que era previsto pelas leis do Estado e também pelo discurso religioso. De acordo com Joana Maria Pedro:

Os discursos produzidos sobre os direitos reprodutivos pela Igreja, medicina, pelos movimentos feministas e pelos juristas, giram em torno da prática do aborto. Prática que traz, indissociavelmente, debates em torno do direito da mulher sobre seu corpo, seu direito sobre a “vida” em formação, ou autonomia do feto²⁶⁰.

O debate sobre a legalização do aborto, dessa maneira, estava articulado não só a questões referentes ao direito das mulheres sobre seus corpos, mas também a uma série de instituições que decidiam, condenavam ou lutavam pelas potencialidades desses corpos. É importante pontuar que, embora o debate sobre a legalização do aborto tenha sido uma das grandes reivindicações feministas, no Brasil, a discussão sempre foi delicada, em função de atravessar as esferas políticas que, por sua vez, estavam profundamente articuladas aos discursos sobre aborto produzidos pelas igrejas. A opinião de uma das mulheres pioneiras na política brasileira, portanto, não era exótica, na medida em que o país ressentia-se da discussão. Ainda assim, das feministas entrevistadas, Esther de Figueiredo Ferraz foi a única a dizer-se contrária a legalização do aborto, mostrando-se, talvez, adepta de um feminismo de primeira onda, com caráter mais conservador.

²⁵⁸ Entrevista com Esther de Figueiredo Ferraz (Jornalista Mirian Guaraciaba) - Sou mulher, e insistente. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 729, P. 3. 25 ago. 1982.

²⁵⁹ Ibidem, p. 6.

²⁶⁰ PEDRO, Joana Maria. (org). Práticas Proibidas – Práticas Costumeiras de Aborto e Infanticídio no Século XX. Cidade Futura, Florianópolis: 2003. P. 190.

Marta Suplicy, uma das feministas engajadas na luta pelo controle do corpo e, conseqüentemente, pela legalização do aborto, assim como Branca Moreira Alves, o defendeu, apontando-o como um direito das mulheres. No contexto da rejeição de um projeto de lei para legalizar o aborto, a jornalista Miriam Paglia Costa questionou: *Como você reagiu à rejeição do projeto da deputada Cristina Tavares?*²⁶¹. A resposta da entrevistada veio acompanhada de uma crítica à política nacional.

Fiquei arrasada, porque vejo que o Brasil continua na Idade Média em relação à condição da mulher. Agora mesmo prepara-se a votação de um novo Código Civil e há promessas de mudanças que favorecem à mulher. Mas, depois do que aconteceu com a lei do aborto, percebo que nada é garantido. Para essas mudanças chegarem, precisamos de pressão e conscientização. No Brasil, ainda é natural a opressão da mulher²⁶².

A perspectiva da sexóloga não era nada promissora e, quando perguntada sobre os instrumentos dessa opressão, Marta Suplicy afirmou: *O Código Civil que ainda submete a mulher ao homem, e anacronismos como a legislação do aborto, que não dá à mulher autonomia sobre seu corpo. Comparativamente, estamos muito atrás de países como Itália, França ou Alemanha*²⁶³. Confirmando sua perspectiva de ordem feminista, a entrevistada dedicou toda a sua argumentação aos direitos das mulheres sobre seus corpos, sem fazer concessões ou aderir à ampliação da legalização de determinados tipos de aborto.

O progressismo da então apresentadora de televisão dividiu a opinião do público que duas edições depois começou a manifestar suas considerações. Uma leitora do Rio de Janeiro afirmou: *Ótima a entrevista com Marta Suplicy [...]*. Um outro leitor do Paraná escreveu ter sido *Excelente a entrevista [...] Espero que ela consiga alcançar todos os objetivos em prol das mulheres*. Mas uma leitora do estado de Goiás assim julgou a publicação: *A entrevista com Marta Suplicy confirma mesmo que estamos no final dos tempos*. Outro leitor, também de Goiás, investiu na sensibilidade e lamentou: *Foram-se os tempos em que se podia considerar o útero como um lugar seguro para se viver por*

²⁶¹ Entrevista com Marta Suplicy (Jornalista Miriam Paglia Costa) - Abortar é um direito. Op. cit., 1984. P. 5.

²⁶² Idem.

²⁶³ Idem.

*algum tempo*²⁶⁴. Nessa edição as opiniões ficaram divididas, sendo 3 cartas favoráveis à legalização do aborto e 3 contrárias²⁶⁵. Entretanto, na edição seguinte a repercussão, tomou novo rumo, e as cartas reivindicaram a religião para combater os argumentos utilizados por Marta Suplicy e por todas as feministas que defendiam o aborto como um direito das mulheres. Em carta um grupo de leitoras de Curitiba lamentou: *Deduzimos que a ilustre psicóloga não conhece nem teme Deus [...]*²⁶⁶. Eni Orlandi afirma que a pergunta regente da análise do discurso é *Como este texto significa?*²⁶⁷ e, aplicando o questionamento ao conteúdo das cartas, relacionado-as à entrevista enfática de Marta Suplicy, deduzo que o texto significou uma grave ofensa a um país profundamente religioso.

Com 3 cartas contrárias às declarações da entrevistada e uma parabenizando a fala “Abortar é um direito”, a entrevista, de certo modo, permite identificar, hoje, o grande embate que o tema aborto provocava e, inegavelmente, ainda provoca, o que confirmou a grande polêmica na época das eleições presidenciais do Brasil em 2010.²⁶⁸ Apesar da complexidade do tema **Veja** não se eximiu de dar publicidade a ele, sem aparentes condenações no que se referem as mulheres que o defendiam, como era o caso de muitas das feministas entrevistadas para a seção Páginas Amarelas.

Bem menos enfática do que Marta Suplicy foi Ruth Escobar, integrante do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Mulher que, apesar de não ser contrária à causa, concedeu um tratamento distinto ao tema quando questionada sobre a questão do planejamento familiar e do aborto.

VEJA – Dentro dessa questão do planejamento familiar, o conselho pretende encampar a questão do aborto?

²⁶⁴ Cartas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 825, P.12. 27 jun. 1984.

²⁶⁵ Os debates acerca da legalização do aborto costumam permanecer em torno da dupla a favor/contra, porém, destaco que, para além das opiniões pessoais, julgo a discussão como relevante a um desenvolvimento coletivo que, dessa maneira, não deve estar articulado à simplicidade de posicionamentos favoráveis ou contrários.

²⁶⁶ Cartas. Op. cit., 1984. P. 12.

²⁶⁷ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 17.

²⁶⁸ Em 2010, Dilma Rousseff e José Serra protagonizaram, no segundo turno das eleições presidenciais brasileiras, uma extensa discussão que envolvia acusações de que a candidata era defensora do aborto. Ver, a esse respeito, <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-aborto-e-as-eleicoes-presidenciais/> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

ESCOBAR – De forma alguma o conselho encampará a questão. O que pretendemos é democratizar a informação para que o número de abortos praticados no país – as estatísticas embora imprecisas falam em 5 milhões ao ano – caia sensivelmente.

Definitivamente a causa do aborto não seria encampada pelo CNDM que, como afirmado anteriormente, apropriou-se de uma série de reivindicações feministas, podendo sim ser considerado de grande relevância para a abordagem sobre as mulheres na Constituição de 1989. No entanto, a questão do aborto não era propriamente um problema encarado pelo Conselho, afinal, a autonomia que acabou sendo um dos grandes motivos de discussão para os movimentos do período, era bastante relativa em um órgão cuja importância era inegável, mas que a vinculação com aparelhos estatais e com partidos políticos era evidente. A deputada na seqüência afirmou que o aborto não era descartado, mas que o planejamento familiar era essencial para que o aborto fosse uma ferramenta apenas em último caso, falando objetivamente sobre as mulheres de baixa renda.

Ao contrário da questão trabalhista, uma das principais reivindicações feministas do período, a questão da legalização do aborto não avançou em relação às discussões encampadas ao longo da década de 1980, bem menos frequentes do que na década anterior, pelo menos no que diz respeito ao contexto nacional. No entanto, faço questão de salientar o fato da revista aqui analisada não ter ignorado o debate sobre a legalização do aborto que estava sendo desenvolvido por instituições, entidades e grupos, feministas ou não. **Veja**, ao contrário do que se pode prever, e o grupo de jornalistas responsáveis pelas entrevistas, mostraram-se dispostos ao diálogo e à reflexão sobre um dos grandes tabus da sociedade brasileira.

Nesse sentido, não chega a ser surpreendente, mesmo sendo singular, o interesse da publicação em questionar artistas, jogadores de futebol e afins sobre o tema feminismo. Suponho que, o comando de **Veja**, além de ter tido a habilidade de identificar assuntos que despertavam a curiosidade de leitoras e leitores, como era o caso da emergência dos feminismo, a contemporaneidade do tema trabalho, ou mesmo a polêmica sobre a legalização do aborto, também acenava algumas de suas simpatias ideológicas, na medida em que, é relevante não esquecer, a circulação da revista passava por grupos de elite, composto também por mulheres frequentemente identificadas com a causa feminista. Percebo, portanto, um projeto de **Veja** de ampliar esse debate, sugerindo-o aos mais variados entrevistados e entrevistadas.

2.2 *A propósito, o que você acha da revolução feminista?*

Aparentemente, essa pergunta também fez parte da pauta de algumas entrevistas de **Veja**. A publicação indagou 9 personalidades entrevistadas na seção Páginas Amarelas sobre suas impressões a respeito dos feminismos. Figuras que a princípio nenhuma relação mantinham com o ideário feminista foram objetivamente questionadas sobre sua opinião a respeito do assunto. Essa ação, no mínimo, denota a existência de um público preocupado em conhecer as convicções políticas e ideológicas de figuras públicas da sociedade brasileira e, ainda, o potencial de formador de opinião que a revista identificava nesses entrevistados e entrevistadas. Mesmo potencial que eu, como pesquisadora, identifico em **Veja**. O tópico que segue, em função do menor número de fontes exploradas, obedece a uma ordem cronológica, o que não foi possível ser realizado no trecho anterior. Dessa maneira, minha escolha foi de acompanhar as entrevistas em sua lógica original de publicação.

Ressalto novamente o alerta dado por Carla Luciana da Silva, quando afirmou que as páginas de entrevistas funcionam como uma espécie de extensão do editorial, denotando que a posição oficial da revista reside na carta escrita pelo editor a cada exemplar e ainda na seção Páginas Amarelas²⁶⁹. Se for levado em consideração o grupo de feministas entrevistado, seria como se a revista reivindicasse para si uma identidade feminista. Resta saber se o aparente acolhimento é sustentado quando **Veja** interrogou outros grupos sobre o assunto, grupos não envolvidos com os rumos feministas. Não intento provar o engajamento da publicação, contudo, percebo que a construção desse paralelo com entrevistados “aleatórios” permite a percepção da revista de maneira mais fluida e menos afixada na idéia da semanal da editora Abril como um sujeito dado, estabelecido e não capaz de mudanças. Para isso, intento refletir sobre o conteúdo das perguntas elaboradas pelos profissionais da revista, principalmente, mas também sobre o conteúdo das respostas, visando entender os tipos de compreensão que recebiam os movimentos feministas no Brasil.

Em tempos de internet, o lançamento da pergunta que intitula o tópico na rede virtual pode surpreender leitoras e leitores que, assim

²⁶⁹ SILVA, Carla Luciana da. Op. cit., 2009. P. 125.

como eu, possuem leituras na área. Considerações dos mais variados tipos podem ser localizadas, como: [...] *movimento ilegítimo do ponto de vista social [...]; [...] não há qualquer serventia em ser feminista [...]; Feminista para mim: uma machista às avessas [...]*²⁷⁰. Minha pretensão não é estabelecer um comparativo entre opiniões de outrora, no caso das entrevistadas e entrevistados de **Veja**, e as impressões que circulam pela rede mundial de computadores. Pretendo sim, refletir sobre essas marcas insistentes, tão características dos estereótipos feministas de ontem e de hoje.

O primeiro a ser questionado a respeito dos feminismos foi Fernando Arrabal, escritor espanhol, em 24 de fevereiro de 1971. Famoso por criar polêmica nos meios teatrais, o entrevistado, ao louvar seu sucesso com as mulheres, foi então interpelado: *A propósito, o que você acha da revolução feminista?*²⁷¹, ao que respondeu: *Ela é muito compreensível, hoje os homens não são mais homens, as coisas se transformaram muito, só se fala em igualdade da mulher, em supremacia do sexo frágil*²⁷². Marco Antônio Rezende, questionou objetivamente o escritor, embora sua biografia denote sua especialidade ser o Vaticano²⁷³. Destaco o fato de Fernando Arrabal residir em Paris, onde os movimentos feministas causavam muita mobilização, talvez um dos motivos da pergunta. Acredito que a fama de polemista aliada a seu local de residência, ainda somada ao sucesso que o escritor faria com as mulheres, colaborou para a intervenção do jornalista acerca da chamada *revolução feminista*. Aproveitando, contudo, de não haver sentido sem interpretação²⁷⁴, afirmo que se o tema não fosse presente, atuante e, principalmente, de muita relevância, não teria sido levantado.

Alguns anos depois, em publicação de 6 de março de 1974, o debate promovido ganhou um teor mais teórico, em vista da entrevista ser com o psiquiatra inglês Ronald David Lang, conhecido por praticar

²⁷⁰ Informação disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061113093347AA28qQ3>
Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

²⁷¹ Entrevista com Fernando Arrabal (Jornalista Marco Antônio Rezende) - Absurdo mas simpático. Op. cit., 1971. P. 5.

²⁷² Idem.

²⁷³ Marco Antônio Rezende trabalhou mais de vinte anos na Europa como correspondente de **Veja**. Viagrou com o Papa João Paulo II de Roma para o Brasil. Disponível em: <http://www.pedromartinelli.com.br/blog/?p=1202>
Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

²⁷⁴ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 21.

uma espécie de antipsiquiatria, contrária a manicômios e métodos tradicionais de tratamento. Após ser indagado sobre o alto número de mulheres com problemas de ordem psíquica, o jornalista não identificado questionou o médico a respeito da relação entre Freud e os movimentos feministas.

P – O movimento feminista, nos EUA, se rebelou contra a psiquiatria e reprova principalmente Sigmund Freud, por sua teoria de que as mulheres sentem a falta de um órgão genital como o masculino. O senhor, que afinal é freudiano, como julga essa posição?

R – As feministas americanas fizeram um trabalho intelectual parecido com o da escritora francesa Simone de Beauvoir, no livro “O Segundo Sexo”. É uma posição de luta. Falta ainda um trabalho profundo e detalhado a respeito dos relacionamentos entre homens e mulheres. Acredito que o próprio Freud não seja suficientemente detalhado na teoria sexual, apesar de ninguém ter ido tão longe quanto ele²⁷⁵.

Saliento no excerto a questão do preparo do jornalista que efetivou a entrevista. Embora não identificado, percebo um forte empenho na produção de um diálogo produtivo que, inegavelmente, foi previamente pensado. Cremilda de Araújo Medina, no seu manual jornalístico de entrevista, apontou que o preparo do entrevistador é determinante para a pauta, o que pode incluir extensa pesquisa sobre o assunto ou mesmo amplo conhecimento adquirido²⁷⁶. Independente das características do repórter não nomeado, ressalto que sua pesquisa ou mesmo sua erudição, o levaram a estabelecer uma relação entre as teorias freudianas e os feminismos norte-americanos. O comparativo proposto pelo entrevistado, por sua vez, pode ainda ser articulado às considerações que faço no capítulo 3, quando realizo um breve debate entre o pensamento da feminista francesa citada e as impressões de Sigmund Freud. Demarco, portanto, a contemporaneidade do assunto feminismos que, não era apenas um gueto a ser debatido separadamente, mas um assunto que era apropriado como sendo atravessado por muitos outros.

No entanto, alguns temas costumam ser impensadamente vinculados às mulheres, sem que seja preciso uma pesquisa ou um grande esforço. É o que ocorre com o debate sobre sexualidade

²⁷⁵ Entrevista com Fernando Arrabal (Jornalista Marco Antônio Rezende) - Absurdo mas simpático. Op. cit., 1971. P. 6.

²⁷⁶ MEDINA, Cremilda de Araújo. Op. cit., 1995. P. 29.

realizado entre as décadas de 1970 e 1980. Não sendo mais um tabu, ou melhor, ainda sendo um tabu, porém iniciando seu processo de desmistificação, a questão angariava cada vez mais espaço nas revistas femininas e também nas páginas de **Veja**. A entrevista com a sexóloga e psiquiatra nova-iorquina Helen Kaplan, feita por Hugo Estenssoro²⁷⁷, confirma essa hipótese em 23 de abril de 1975. Perguntada sobre o *Women's Lib*?²⁷⁸, a entrevistada relativizou o efeito dos feminismos sobre homens e mulheres, porém finalizou sua resposta afirmando que seus reflexos eram positivos no que se refere à melhor compreensão da sexualidade humana. Destaco a objetividade da pergunta, assim como ocorreu na entrevista com Fernando Arrabal. As referências, em meu entendimento, pontuam interesses pessoais dos jornalistas, mas também da revista em publicar impressões sobre o assunto, afinal, se fosse desinteressante ao público ou mesmo às convicções de **Veja**, as informações poderiam ser suprimidas.

A próxima entrevista que trago em destaque é um tanto mais singular, em função de ser com uma das maiores celebridades da música brasileira. Refiro-me ao cantor Roberto Carlos²⁷⁹ que em 2 ocasiões foi entrevistado por **Veja** na seção Páginas Amarelas e em ambas foi questionado sobre o fenômeno feminismos²⁸⁰. Foram as mulheres as principais responsáveis pelo sucesso do artista, famoso por distribuir rosas em seus shows. Nesse sentido, não deveria ser uma surpresa a pergunta feita por Regina Echeverria: *Você tem alguma posição quanto ao feminismo?*²⁸¹. A indagação da jornalista, hoje conhecida como

²⁷⁷ Não localizei informações biográficas do jornalista. No entanto, em um bate-papo publicado *online* consta uma declaração sua em que este declarou ser Mino Carta o maior jornalista brasileiro vivo. Disponível em: <http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/midia/hugo-estenssoro-jornalista.jhtm> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

²⁷⁸ Entrevista com Helen Kaplan (Jornalista Hugo Estenssoro) - Uma terapia para o sexo. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 346, P. 5. 23 abr. 1975.

²⁷⁹ A carreira de Roberto Carlos teve início em 1959 e hoje o cantor atingiu a marca de 100 milhões de discos vendidos, tendo lançado 56 álbuns. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/roberto-carlos> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

²⁸⁰ Não analiso o conteúdo da segunda entrevista em função de ser basicamente o mesmo da realizada em 1981.

²⁸¹ Entrevista com Roberto Carlos (Jornalista Regina Echeverria) - Sou mesmo romântico. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 650, P. 6. 18 fev. 1981.

biógrafa de importantes nomes da história brasileira²⁸², foi assim satisfeita: *Acho que a mulher tem todo o direito de reivindicar certas questões, mas em tudo deve haver o bom senso para que o exagero não ponha em risco a perda de certas características maravilhosas de sua própria natureza*²⁸³. A resposta do cantor recai sobre algumas disputas no que se refere à perda de feminilidade supostamente ameaçada pelos ideais feministas. Talvez o exemplo concedido por Betty Friedan e criticado por Rose Marie Muraro anos antes tenha, de fato, demarcado a mentalidade de brasileiras e brasileiros, estando incluído no grupo Roberto Carlos. Embora o intérprete de clássicos da música brasileira tenha apontado a existência do perigo de enfrentar as maravilhosas características da natureza feminina, natureza questionada por uma série de estudiosas do gênero²⁸⁴, ainda assim ele mostrou-se simpático às reivindicações existentes. Novamente, saliento o interesse da repórter sobre o tema, sem sua biografia indicar maiores relações com o assunto, sendo motivada, portanto, pelo apelo do cantor junto às mulheres e pela contemporaneidade da questão.

Um teor distinto acompanhou a entrevista publicada em 15 de julho de 1981, com a então possível candidata ao governo do Rio de Janeiro, Sandra Cavalcanti. Isso porque o contexto de maior ingresso das mulheres na vida política, de certo modo, levava aos debates sobre feminismos, entendidos como responsáveis pelo fenômeno. Entretanto, a entrevistada tratou logo de negá-lo.

VEJA – O feminismo colabora com sua popularidade?

SANDRA – Nessa de feminismo eu nunca entrei. Não sou feminista, no sentido de que, em minha opinião, a mulher brasileira não enfrenta propriamente uma barreira de preconceitos. No Brasil, faltava um conceito sobre a mulher, que é uma coisa que se está formando agora, a partir das gerações que começaram a ocupar maior espaço na sociedade. Além disso, não falo a um público feminista.

²⁸² Escreveu as biografias de Elis Regina, Cazuza, Gonzaguinha, José Sarney e etc.. Disponível em: http://www.reginaecheverria.com.br/biografias_14.html
Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

²⁸³ Entrevista com Roberto Carlos (Jornalista Regina Echeverria) - Sou mesmo romântico. Op. cit., 1981. P. 6.

²⁸⁴ Discuto sobre essas questões de gênero no capítulo 3, juntamente a uma série de considerações de Millôr Fernandes que sugerem a existência de uma natureza feminina.

Na maioria dos casos que tenho encontrado por aí, as preocupações das mulheres são as mesmas dos homens²⁸⁵.

Assim como Esther de Figueiredo Ferraz, convocada para o ministério da educação, cuja entrevista analiso no tópico anterior, Sandra Cavalcanti afirmou desconhecer preconceitos enfrentados pela mulher brasileira. Sob o argumento da não existência de um conceito claro de mulher. Contudo, também ela salientou a presença de uma geração que estaria buscando elaborar um conceito estabelecido. No mais, com ou sem conceito de mulher, a política brasileira negou a identidade feminista e destacou não falar a um público feminista.

Historiograficamente, Clare Hemmings aponta a década de 1970 como o momento de emergência da categoria mulher, articulada a uma noção de unidade, vinculada ao que se convencionou chamar de feminismo radical, cujo maior expoente era o movimento feminista dos Estados Unidos²⁸⁶. Joana Maria Pedro salienta que a categoria mulher foi muito utilizada em território nacional, bem como conviveu com as categorias mulheres e gênero²⁸⁷. Entretanto, saliento que a circulação dessas categorias pudesse estar mais restrita a meios acadêmicos, mantendo-se distante de outras instâncias.

Já em publicação de 7 de outubro de 1981, foi um jogador de futebol o interrogado sobre os movimentos feministas. Paulo César Lima²⁸⁸, entrevistado por Maurício Cardoso e Osvaldo Martins, apresentou-se como um homem bastante politizado, sendo interrogado sobre seu envolvimento com o sindicalismo e também sobre suas impressões a respeito dos oprimidos, assunto surgido a partir de sua identificação como negro. Quando questionado sobre seu apoio aos movimentos feministas, Caju, como era conhecido, assim respondeu:

Sou a favor das pessoas, homens e mulheres. Claro, apóio as feministas na medida em que elas sustentam uma luta contra as discriminações sofridas pela mulher. Mas temo muito que aconteça como nos Estados Unidos, onde as

²⁸⁵ Entrevista com Sandra Cavalcanti (Jornalista Marcos Sá Correa) - A política atrapalha. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 671, P. 6. 15 jul. 1981.

²⁸⁶ HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. In: Revista Estudos Feministas, vol. 17. n. 1, 2009. P. 222.

²⁸⁷ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Revista Topoi, v. 12, n. 22, jan-jun. 2011. P. 271.

²⁸⁸ Paulo César Lima tornou-se jogador profissional em 1967 e atuou em vários clubes do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/biografias/9112/paulo-cesar-caju/> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

mulheres conseguiram tanta independência que acabaram solitárias²⁸⁹.

Perguntado sobre os movimentos feministas, logo após citar negros e homossexuais como categorias oprimidas, o atleta que havia acabado de retornar dos Estados Unidos estabeleceu uma relação entre eles e cenário daquele país, de *mulheres solitárias*. Na sequência o entrevistado afirmou que *É preciso saber amar as mulheres, sem os excessos da frieza americana ou do machismo latino*²⁹⁰. Levando a discussão para um teor sentimental, Paulo César Lima, em minha leitura, expressou mais um reflexo das diferenças culturais entre Brasil e Estados Unidos, do que de fato um processo de distanciamento das mulheres que se envolviam com os feminismos. Citando a existência do machismo latino e solicitando o equilíbrio, o então jogador do Corinthians ainda colocou em evidência uma discussão que acompanha o próximo capítulo, o debate sobre machismo. Correto ou não sobre a solidão das mulheres estado-unidenses, o que destaco é a reprise, isto é, o insistente interesse do jornalismo de **Veja** de divulgar opiniões sobre os movimentos e reivindicações feministas.

O mesmo se deu em entrevista com Moreira da Silva²⁹¹, compositor e cantor brasileiro, famoso por vender a imagem de malandro, em publicação de 7 de abril de 1982. O entrevistado, em função de sua fama de mulherengo, foi questionado por Osvaldo Martins: *O senhor, que já amou tantas mulheres, tem opinião formada sobre o movimento feminista?*²⁹². A resposta, provavelmente, deve ter desagradado um grande número de feministas: *Está difícil de entender certas coisas. Elas trabalham, são intelectuais, acho mesmo que tem o mesmo direito que os homens para certas coisas, tudo bem. Agora, na hora H tem que chegar e dizer: “Meu amor, sou tua escrava...”*²⁹³. Uma leitura da entrevista sugere que uma possível simpatia do cantor com a mentalidade machista pode ter motivado o questionamento, cuja

²⁸⁹ Entrevista com Paulo César Lima (Jornalistas Maurício Cardoso e Osvaldo Martins) - Meu mal é ter bom gosto. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 683, P. 8. 7 out. 1981.

²⁹⁰ Idem.

²⁹¹ Moreira da Silva é um cantor e compositor brasileiro. Como sambista construiu a imagem do malandro carioca. Faleceu aos 98 anos. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/artistas/moreiradasilva> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

²⁹² Entrevista com Moreira da Silva (Jornalista Osvaldo Martins) - O falso malandro. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 709, P. 8. 7 abr. 1982.

²⁹³ Idem.

resposta foi, no mínimo, problemática, em vista da defesa da submissão da mulher no que se refere às questões de sexo e sexualidade, embora se considerasse válido que as mulheres buscassem a igualdade em outros campos.

Apesar de todos os nomes citados até agora serem de pessoas relativamente conhecidas no cenário nacional, destaco a entrevista com Maria da Graça Meneghel, Xuxa²⁹⁴, de 3 de agosto de 1983, como bastante significativa no que concerne a minha proposta de considerar não só **Veja**, mas também a seção Páginas Amarelas, como um interessante meio divulgador dos feminismos. Apontada como um dos grandes fenômenos televisivos da década de 1980, Xuxa estrelou o programa Xou da Xuxa, conseguindo a partir disso angariar uma legião de fãs, um grande culto a sua personalidade e ainda milhões de discos vendidos²⁹⁵. Narrando sua história como modelo, a então apresentadora do programa infantil Clube da Criança, da TV Manchete, foi questionada sobre os feminismos e, a divulgação, não foi nada positiva.

VEJA – O que você acha do feminismo?
 XUXA - Não gosto do rótulo. Por baixo dele é possível encontrar todo tipo de coisa. Acho que as mulheres da geração passada, da geração de minha mãe, que tem 43 anos, facilitaram muito as coisas para nós. Elas lutaram para sair de casa e trabalhar, por exemplo, e precisaram fazer muita água rolar para isso. Minha geração já pegou a maré mole. Não chamo as mulheres da geração anterior de feministas, mas elas arregaçaram as mangas. Agora, sou contra fanatismo. Tive a oportunidade de conversar com uma dessas feministas da vida num programa de televisão e ela me agrediu porque sou modelo. Ela falava de operárias no programa e disse que eu estava dando mal exemplo às operárias, porque apareço toda arrumada em fotos. Achava que as operárias iam fazer comparações com elas mesmas, que iam ter a ilusão de parecer com a mulher da foto. Não sei o que responder a esse tipo de pessoa. O mundo em que a gente vive muda a cada dia. Existe uma

²⁹⁴ Xuxa nasceu no interior do país e construiu sua carreira como modelo, atriz, cantora e apresentadora. Disponível em: <http://xuxa.globo.com/secoes/pagina/3/biografia> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

²⁹⁵ ÁVILA, Jânio Tomé Matias. Veja, os anos 80 em revista: leitura e memória cultural. Dissertação de mestrado defendida na Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2005. P. 93.

profissão de modelo. Acho que aquela mulher estava pensando nos problemas das operárias antes de resolver seus próprios problemas. Não existe nada de errado numa mulher que se veste bem e seja bonita²⁹⁶.

Xuxa descreveu um episódio pouco positivo no que se refere aos feminismos e, sua experiência serviu de “olho” da entrevista, com a frase: *Uma feminista me agrediu na TV*²⁹⁷. Não foi possível localizar mais informações sobre o ocorrido, portanto, apenas posso pressupor que a apresentadora viveu um momento tenso com uma feminista, provavelmente, de esquerda, adepta da causa das mulheres operárias e contrária à distribuição da imagem da mulher como ser consumível. Jânio Tomé Matias Ávila salienta que [...] *a indústria rapidamente incorporou o produto Xuxa e fez dele um estrondoso sucesso financeiro*²⁹⁸. Independente dos motivos do desentendimento, o que desejo enfatizar é que as mais variadas posições foram divulgadas por **Veja**. É importante levar em consideração sim o impacto que uma declaração como a acima poderia ter sobre leitoras e leitores, porém é relevante também considerar outras posturas que, ainda com ressalvas, percebiam as potencialidades dos movimentos.

A última entrevista que trago em destaque é a publicada em 25 de fevereiro de 1987, feita com a escritora estado-unidense Marion Zimmer Bradley²⁹⁹, autora do clássico da literatura Brumas de Avalon.

VEJA - “As Brumas de Avalon” conta a lenda do rei Arthur do ponto de vista feminino. Considera-se feminista?

BRADLEY – Não necessariamente. Achei que essa seria uma maneira nova de contar uma história velha. É claro que, sendo mulher, esse é o ponto de vista mais interessante para mim. Nós já ouvimos tantas versões da história das batalhas, dos heroísmos masculinos e essa situação toda nunca me chamou muita a atenção. Enquanto os homens se interessam por política e conquistas, as

²⁹⁶ Entrevista com Maria da Graça Meneghel (Jornalista Tales Alvarenga) - O prazer de ser Xuxa. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 778, P. 6. 3 ago. 1983.

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ ÁVILA, Jânio Tomé Matias. Op. cit., 2005. P. 94.

²⁹⁹ Marion Zimmer Bradley nasceu nos Estados Unidos em junho de 1930. Construiu sua carreira como escritora desde a adolescência. Suas obras costumam ser citadas pela perspectiva feminista que a autora concede à escrita de romances. Disponível em: <http://www.leme.pt/biografias/eua/letras/marion.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

mulheres estão atraídas pelo que acontece na cabeça e no coração das pessoas³⁰⁰.

Alheia ao fato da entrevistada não ter pontuado sua identificação com o feminismo, ressalto a sugestão de Marielle Toulze sobre a urgência de se repensar as mulheres nesse período, (re) valorizar suas experiências nos campos literário, musical, artístico, histórico, sexual, analítico, etc³⁰¹. E, é importante lembrar, que essa urgência esteve sim articulada aos movimentos feministas. É impensável imaginar que o ideário que emergiu nesse momento nos mais distintos países do mundo não tenha afetado os modos de se pensar a arte. Insiro esse fenômeno que afetou a literatura, o cinema, o teatro e as artes plásticas, também como produto das novas discussões promovidas sobre o ser mulher. Tanto que Flávia Sekles, jornalista responsável pelo diálogo, promoveu a articulação entre uma visão literária feminina e o feminismo.

A seção Páginas Amarelas de **Veja**, em se tratando de cobertura sobre os movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980, permitiu/possibilitou que diferentes pensamentos fossem expressos. Nela, mulheres identificadas com o feminismo liberal estado-unidense, com o movimento de liberação feminino francês, com o feminismo autônomo, com o feminismo acadêmico, e uma série de outros, tiveram a oportunidade de contatar leitoras e leitores que, talvez, não tivessem acesso a esses debates em outros meios. Alguns “equivocos” podem sim ser identificados, como a apresentação pouco generosa concedida à Betty Friedan, ou mesmo a tendenciosa escolha de frases para compor os “olhos” das entrevistas. Entretanto, para além desses fatos, chamo a atenção para a importância do espaço ao quais essas mulheres tiveram acesso, um espaço prestigiado, embora não despido ideologicamente. Também as celebridades puderam divulgar suas impressões, menos esclarecidas do ponto de vista teórico, acadêmico, visto que não detinham um relacionamento mais intenso com o tema feminismo. Contudo, em minha leitura, de maneira geral as impressões não eram objetivamente prejudiciais às reivindicações feministas, funcionando

³⁰⁰ Entrevista com Marion Zimmer Bradley (Jornalista Flavia Sekles) - Elas são medievais. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 964, P. 5. 25 fev. 1987.

³⁰¹ TOULZE, Marielle. A influência dos feminismos em artistas da França e do Ultramar nos anos 70. Tradução Tânia Navarro Swain. In: Labrys, estudos feministas. Número 3, junho-julho/2003. s/p. Disponível em <http://www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marielle1.htm> Acesso em: 15 de julho de 2011.

mais como um instrumento de promover curiosidade do que um marcador negativo. É pautada nessa breve consideração que aponto a revista **Veja** e sua seção de entrevistas como um importante e interessante meio de divulgação dos feminismos de segunda onda no Brasil. Com seus prós e contras a revista possibilitou a criação da informação que não era simplesmente transmitida na forma de mensagem, mas pensada e interpretada por seu público, livre para trabalhar nos limites dos discursos produzidos.

CAPÍTULO 3

FEMINISMOS, MACHISMO E CHARGES: MILLÔR FERNANDES E AS POSSIBILIDADES DO RISO

*O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris*³⁰², afirmava Millôr Fernandes em 1971, momento em que os movimentos feministas começavam a emergir no Brasil. Quando publicado em uma coletânea de pensamentos do jornalista, esse trecho veio acompanhado de uma defesa/ataque às feministas, em função dessa afirmação ter sido compreendida como uma provocação. Millôr, como ficou conhecido pela imprensa e pelo público, teve sua carreira marcada pela polêmica e pela repercussão que suas impressões causaram em meio às organizações feministas que, arrisco-me a dizer, colaboraram para a projeção do trabalho do então colunista de **Veja** e fundador e colaborador do alternativo **O Pasquim**.

Com humor, Millôr dedicou décadas de sua carreira e centenas de suas páginas aos movimentos feministas nascentes no Brasil e no mundo. Explorando o riso e utilizando-se de estereótipos para, aparentemente, atacar as feministas que na época causavam grande furor na mídia, o jornalista elegeu o tema como um de seus prediletos. Colaborador da imprensa alternativa e também da grande imprensa, o colunista apropriou-se desses espaços para divulgar suas considerações sobre esse movimento que tinha as mulheres como sujeitos e objetos de reivindicações. Em um contexto de pouca preocupação com os politicamente corretos, ao contrário do que ocorre hoje, Millôr Fernandes fez do riso uma arma, não no seu sentido negativo, nem mesmo no seu sentido positivo, mas, em meu entendimento, na sua perspectiva produtiva, na medida em que as reflexões do jornalista e

³⁰² O trecho, por ocasião de sua publicação em uma coletânea de pensamentos, veio acompanhado de uma explicação: “O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris. (Esta frase, homenagem à mulher menina moça de Ipanema, entre os treze e os dezoito anos, cujo balanço ao andar é uma glória que nenhuma ideologia feminista conseguirá ofuscar, foi tomada pelas feministas – ai, meu saco! – como ‘machista’. Pra começo de conversa trocaram, por pura ignorância, a palavra feminino por feminista (a frase vira um trocadilho idiota), além de entenderem e divulgarem a coisa como se eu, grosseiramente, estivesse falando de movimentos dos quadris na cama – não tenho nada contra. 1971)”. FERNANDES, Millôr. Millôr Definitivo: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2002. P. 230-231.

humorista carioca serviram também como uma ferramenta interventora, reflexiva e divulgadora no que concerne as preocupações e reivindicações feministas, mesmo que sua abordagem em muito tenha desagradado às feministas, desagrado que permanece até a atualidade. É pensando nas possibilidades múltiplas do riso e do humor que, nesse capítulo, não privilegio o olhar antifeminista de Millôr, mas sim outras possibilidades que o questionamento das fontes permite.

O humor é frequentemente levado em consideração em vista de seu potencial danoso, capaz de construir estereótipos e fortalecer-se sobre eles, fazendo rir por meio da chacota, da piada, da ridicularização de algo ou alguém. Quentin Skinner destaca que por meio do riso podemos arruinar a causa do adversário e persuadir a audiência por meio do insulto³⁰³. Nessa perspectiva o humor é compreendido como ferramenta eficaz no combate a certas posturas políticas, sociais, culturais e etc., questão relativamente conhecida, na medida em que não chegam a ser novidade os alcances do riso na desqualificação de acontecimentos, pessoas e ideologias. Rachel Soihet, em sua pesquisa sobre os preconceitos (re) produzidos nas charges d'**O Pasquim**, segue essa perspectiva, ao apontar o semanário construindo imagens de feministas como feias e homossexuais³⁰⁴. Henri Bergson afirma que o riso é um gesto com significação e alcance sociais, mas que ao final serve como castigo estabelecido por meio da humilhação³⁰⁵.

Millôr Fernandes não fugiu à regra em sua atuação no alternativo **O Pasquim**. Nele os feminismos e as feministas foram tratadas com deboche, ironia e desrespeito. Contudo, um olhar mais atento à produção do jornalista em outras publicações permite um breve escape a essa má fama que vem acompanhando o chargista e colunista há mais de três décadas. Em **Veja**, Millôr lançou mão de uma série de críticas aos movimentos feministas emergentes do período, sem, no entanto, ser tomado pelo humor danoso e politicamente pouco construtivo que foi explorado em muitas das publicações alternativas nesse momento. Na revista integrante da grande imprensa o humorista aliou crítica e reflexão, apropriando-se ainda de muitas bandeiras

³⁰³ SKINNER, Quentin. Hobbes e a teoria clássica do riso. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002. P. 09.

³⁰⁴ SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. In: Artcultura, Uberlândia, v. 9. n. 14. pp. 39-53, jan.-jun. 2007. P. 50.

³⁰⁵ BERGSON, Henri. O riso: Ensaio sobre o significado do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978. P. 98.

feministas que, com humor, ocuparam muitas páginas de sua coluna. Nesse sentido, mesmo evidenciando a ambigüidade das posturas de Millôr Fernandes, nesse capítulo parto de uma noção de riso e de cômico amparada na idéia de subversão, ou seja, para além do potencial danoso do riso, identifico um potencial interventor que, em **Veja**, obteve espaço significativo. Em função disso, busco amparo nas explicações de Mikhail Bakhtin sobre o riso.

Mikhail Bakhtin, ao dissertar sobre a cultura popular medieval, destaca que o riso [...] *jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém jamais conseguiu torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação nas mãos do povo*³⁰⁶. Nessa perspectiva, penso Millôr Fernandes no espaço autorizado de **Veja** fazendo uso do riso como instrumento de reflexão, e não como castigo e insulto a serem imputados a adversários. Em muitos textos e charges do colunista, o riso assumiu seu potencial político e é esse potencial que pretendo explorar, tendo em vista que, mais do que criticar os feminismos, Millôr deu visibilidade a muitas das causas levantadas pelos movimentos.

Millôr Fernandes, autor da coluna contemplada neste capítulo, possui uma longa história no jornalismo brasileiro, além de sua conhecida trajetória como escritor, tradutor, dramaturgo, desenhista e humorista. Nascido no ano de 1923, no Rio de Janeiro, o autor de uma das mais famosas colunas de **Veja** passou por revistas de renome como **O Cruzeiro** e ainda foi um dos fundadores de um dos jornais de oposição ao regime civil-militar mais conhecidos da época, **O Pasquim**³⁰⁷, jornal que, faço questão de lembrar, foi fundado um ano após Millôr ter passado a fazer parte do quadro de funcionários da revista. No seu ano de fundação, 1968, um dos colunistas de humor mais

³⁰⁶ BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora HUCITEC, 2002. P. 81.

³⁰⁷ De acordo com Andréa Cristina de Barros Queiroz: “*O Pasquim* possuía uma linguagem diferente dos outros alternativos da época. A principal idéia era dar voz a uma intelectualidade boêmia da zona Sul do Rio de Janeiro, mas sem um engajamento político-partidário. Era um grupo interessado em contestar o conservadorismo da classe média, da qual eles mesmos faziam parte, como também criar um canal de debate e oposição à ditadura civil-militar (1964-1985).” QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. Millôr e o Cenário Carioca dos Anos 60. In: Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Memória e Patrimônio, UNIRIO: 2010. P. 8. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_ARQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf Acesso em: 12 de março de 2011.

conhecidos no país já fora convidado para assinar a sessão de humor de **Veja**³⁰⁸, embora os 14 anos que o colunista colaborou com a revista sejam omitidos da biografia que consta em seu *site* oficial. Como destacado no primeiro capítulo, na seleção de colaboradoras e colaboradores, houve grande cuidado na escolha dos nomes que fariam parte do audacioso projeto da primeira revista semanal ao estilo **Time** no Brasil³⁰⁹.

Em meio à discussão sobre a resistência feita por **Veja**, muito lembrada por Maria Fernanda Lopes de Almeida, e sobre o consentimento do qual Anne-Marie Smith acusa a imprensa brasileira ter-se curvado, debate cercado pelo próprio cenário de atuação da revista, emerge um ponto de difícil contestação: Millôr Fernandes foi um dos principais responsáveis pelos riscos raivosos dos censores e também pela chegada de bilhetinhos às redações de **Veja**. Em pesquisa que procurou entender a organização e estrutura da censura, defendendo a idéia de que esta não era aleatória, a historiadora e jornalista Maria Fernanda Lopes de Almeida aponta Millôr como grande alvo de censura durante sua estada na revista. Conforme a pesquisadora: *A coluna de Millôr sempre foi um dos principais alvos do carimbo do censor: foram 505 linhas riscadas e 19 desenhos proibidos*³¹⁰. Pelos números, não é possível negar a difícil relação da censura com Millôr que, conforme a autora, foi um dos responsáveis pelo retorno da autocensura em 1974, além de sua coluna ter de ser enviada por muito tempo a Polícia Federal em Brasília para receber liberação³¹¹. Além disso, julgo relevante

³⁰⁸ Destaco que as informações referentes à trajetória de Millôr Fernandes foram extraídas da página da internet de propriedade do próprio escritor. Saliento ainda que, nesse mesmo endereço eletrônico, consta uma biografia de Millôr. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/biografia/index.htm> Acesso em: 15 de junho de 2011.

³⁰⁹ A chegada de Millôr ao seletivo quadro de funcionários de **Veja** foi anunciada por Victor Civita na edição de número 13, em que dedicou todo o editorial, nomeado de Carta do Editor, a apresentação de seu novo colaborador. Na mesma edição, a coluna intitulada Supermercado Millôr foi publicada, ocupando duas páginas. Carta do Editor. **Veja**. Abril: São Paulo, n. 13. P. 4. 4 dez. 1968.. Apesar do apreço que a revista parecia ter pelo então colunista, a última sessão assinada por Millôr em **Veja** foi a de 4 de janeiro de 1984 de número 800. Uma edição depois, na 802, a coluna de humor passou a ser de responsabilidade de Luis Fernando Veríssimo, sem maiores alardes ou explicações.

³¹⁰ ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Op. cit., 2009. P.135.

³¹¹ Ibidem, p.133-134.

pensar o humor como um potente marcador de memória, como sugere Joana Maria Pedro³¹², visto que charges e piadas são mais facilmente compreendidas, culminando ainda na ampliação do público leitor. Sendo assim, a preocupação da censura com essa forma de comunicar através do riso justifica-se e explica-se por meio do alcance que era capaz de obter.

Com críticas e ironias destinadas a situação econômica, social, política e cultural brasileira, Millôr Fernandes esteve sujeito ao crivo da censura com atenção especial. Essa dedicação e “cuidado” empreendidos aos escritos do colunista que eram publicados por **Veja** pode, e muito provavelmente, tem uma relação com sua atuação n’**O Pasquim**, jornal que não se privava de atacar a ordem vigente. Essa observação permite questionar o que Michel Foucault pontua: *Qual é o status dos indivíduos que tem – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?*³¹³ E, nesse caso específico, é possível indagar ainda: Onde e quando esse discurso pode ser proferido?

Não é possível nesse capítulo, em função do objeto que me proponho a tratar, afirmar se o tema feminismo, alvo repetido dos ataques e risos de Millôr, esteve dentre as preocupações da censura. Entretanto, em função de uma pesquisa mais global sobre os discursos produzidos pela revista de maneira geral sobre o assunto, suponho que o tema, pelo menos no caso de **Veja**, não incomodava, sendo, talvez, bastante interessante ao regime a desmoralização e o descrédito que poderiam causar as críticas de Millôr. Afinal, os feminismo são também integrantes de um movimento social que tem por premissa a transformação de certas estruturas, mesmo que as críticas do próprio Millôr Fernandes recaíssem sobre o fato de considerá-los como algo essencialmente burguês, integrante da classe média, branca e instruída.

Em reportagem especial comemorando as 500 semanas de Millôr em **Veja**, foi destacado que o principal alvo de críticas do colunista eram temas como dinheiro, feminismo, psiquiatria, poluição, exploração imobiliária, burocracia, enfim, tudo que some pretensão com incompetência, poder e arbítrio, ajudando a explicar a predileção da

³¹² PEDRO, Joana Maria. Memória, Gênero e “Artes” do Feminismo. Texto apresentado no **II SIGAM** – Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória, na Universidade de Pelotas, entre 2 e 4/12/2009. pp. 1-14. Disponibilizado pela autora. P. 11.

³¹³ FOUCAULT, Michel. Op. cit., 2010. P. 56.

censura por sua produção discursiva³¹⁴. A própria matéria, louvando o fato do colunista integrar parte da equipe da revista, afirmava a amplitude dos temas que faziam parte dos assuntos prediletos de zombaria do escritor.

Quantitativamente, do total de colunas assinadas por Millôr ao longo das 778 semanas em que se manteve como colaborador da revista, como pode ser verificado na tabela 3 e 3.1, 5,6% fazem uma referência direta aos feminismos e ao machismo. Em números brutos, 41 colunas. Lembrando que, na análise, não foram contempladas referências deliberadamente veladas aos temas aqui enfocados, e sim as citações objetivas, em função de tomar como premissa o fardo histórico das categorias em questão. Nessa porcentagem, aparentemente singela, o colunista delineou traços que abrem uma série de possibilidades quando o objetivo é a efetivação de uma análise qualitativa, permitindo a identificação de estereótipos, modelos, preconceitos e noções que ainda hoje circulam não só nas páginas da imprensa, mas também nos mais diferentes tipos de mídia. Além de, obviamente, constituir sujeitos que direta ou indiretamente tem acesso a esses discursos.

Apesar do poder das palavras, nem a louvação do machismo, e muito menos o aparente repúdio aos feminismos, podem ser simplesmente considerados como traços negativos do caráter de Millôr. É preciso alocá-lo em um contexto maior, de opressão, de imobilidade e também de transformação, cenário encarado pelo referido colunista com deboche e ironia.

Como pretendo evidenciar nas páginas que seguem, admiração ou mesmo tolerância do escritor em relação aos feminismos eram sentimentos raros nos excertos que selecionei de **Veja**. Entretanto, principalmente nas charges destacadas para análise, identifico muito mais um aliado das reivindicações feministas, do que um inimigo. Desse modo, julgo importante questionar: De que feminismo fala Millôr? Trata-se de um movimento estrangeiro? Uma teoria? Um pensamento? Um movimento burguês?

Para compreender um pouco mais sobre a postura de Millôr, julgo adequado conhecer parte de sua história junto ao alternativo **O Pasquim**. De acordo com Rachel Soihet:

Dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em opor-se a ele, através da ridicularização, como, por exemplo, o jornal

³¹⁴ Especial 500 semanas de Millôr. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 512, P. 112. 28 jun. 1978.

alternativo *O Pasquim*, publicado semanalmente naqueles “anos de chumbo”. Boa parte de seus membros, inspirada na cultura norte-americana, afastava-se do dogmatismo de muitos marxistas, caracterizando uma pluralidade suprapartidária, voltando-se para o combate ao autoritarismo e à crítica de costumes³¹⁵.

O Pasquim, nessa perspectiva, apresentava-se como um instrumento de negação e oposição ao regime ditatorial, afirmando-se como contestador e proponente de novos costumes que contrariavam o autoritarismo então vigente. Apesar de a autora o indicar como um órgão suprapartidário, destaco o fato de sua fundação ser marcada por nomes historicamente associados à esquerda brasileira e, não surpreendentemente, o nome de Millôr Fernandes reina como um de seus mais célebres fundadores. De acordo com Paolo Marconi, juntamente com Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil e Jaguar, Millôr fundou o semanário **O Pasquim** em 1969³¹⁶. Dessa forma, Millôr Fernandes tinha seu nome vinculado à esquerda brasileira, mesma esquerda que Céli Pinto apontou como resistente às causas feministas, em função de essas serem fragmentadoras da luta que, do ponto de vista esquerdista, deveria levar em consideração a luta de classes e a exploração do proletariado em benefício da burguesia³¹⁷.

Rachel Soihet salienta o caráter suprapartidário do jornal, ocupado mais em criticar costumes e opor-se ao autoritarismo da ditadura militar. Contudo, considero que os homens que faziam o semanário não estavam completamente alheios aos rumos institucionais da política. Sinal disso são as eleições de 1982, em que Ziraldo apoiava o PMDB, Jaguar o PDT e Henfil o PT, como demonstra texto de Andréa Queiroz³¹⁸. Entrevista concedida por Millôr à TV Cultura³¹⁹ aponta seu

³¹⁵ SOIHET, Rachel. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. In: Revista Estudos Feministas, vol. 13, n; 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 591-611. P. 594. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a08v13n3.pdf> Acesso em: 27 de outubro de 2010.

³¹⁶ MARCONI, Paolo. A censura política na imprensa brasileira (1968-1978). São Paulo: Global editora, 1980. P. 308.

³¹⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 61.

³¹⁸ QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1981). In: História & Perspectivas, Uberlândia (31): 229-252. Jul/Dez, 2004. p. 246.

apoio a Brizola, candidato pelo PDT ao governo do Rio de Janeiro. Apesar de partidário, o que noto é uma simpatia não só com a resistência ao regime civil-militar, mas também com a esquerda da época, inclusive por parte de Ziraldo, visto que nesse momento o PMDB ainda mantinha identificações com a esquerda³²⁰. De todo modo, o objetivo dessa imprensa alternativa seria de crítica dos costumes e do moralismo da classe média, sem ser estabelecida uma crítica da cultura das esquerdas, ainda que tenha sido abandonada como filosofia de vida.

Millôr, portanto, estaria identificado a uma esquerda que considerava as lutas feministas um desvio da verdadeira causa revolucionária, um desvio tipicamente pequeno-burguês diante de um país com problemas considerados maiores. Dessa maneira, apesar de compreender a seriedade da postura de Millôr em relação às mulheres e a causa feminista em **O Pasquim**, postura que era muito mais amena em sua coluna em **Veja**, não por acaso, afinal, não desconsidero que leitoras e leitores da revista estavam muito longe da realidade, mesmo que virtual, das vilas operárias e dos corredores de fábricas; é preciso localizar o desenhista, escritor, dramaturgo e humorista em uma corrente de pensamento bastante específica. É fato que o colunista levou a perseguição aos feminismos e às feministas ao extremo, contudo, sua postura é explicada, datada e localizada. Ao apontar e explorar por meio de sua seção de humor em **Veja** o lado estereotipado dos feminismos e das feministas, Millôr Fernandes estava também marcando seu lugar de fala, o de uma esquerda festiva, porém ainda esquerda, um lugar sexista, misógino e debochado, mas ainda assim um lugar político e defensor de uma causa.

A partir da preocupação de Millôr Fernandes com o tema feminismos e, conseqüentemente, com o tema machismo, pretendo reunir dois nichos nesse capítulo: a imprensa, no caso a coluna Millôr que, por 14 anos, começando no período da ditadura civil-militar, recheou as páginas da revista com críticas ácidas e, com frequência, muito mal recebidas pela censura; e o humor, pensando-o, também, como propagador de sentidos. Para isso não vislumbro fazer uma análise global da produção do jornalista, e sim uma análise bastante específica

³¹⁹ Entrevista realizada em 02 de abril de 1989. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0131> Acesso em: 10 de agosto de 2011.

³²⁰ O PMDB, mesmo declarando-se um partido de centro, foi contrário ao regime civil-militar instaurado no Brasil em 1964. Disponível em: <http://www.pmdb.org.br/historia.php> Acesso em: 06 de janeiro de 2012.

que, do ponto de vista dos estudos de gênero, pode render bons frutos: a análise dos discursos textuais sobre feminismos e sobre machismo produzidos por ele durante sua trajetória na revista **Veja** entre 1968 e 1982³²¹, que, não raro, tratou de imortalizar os temas em suas colunas nos mais variados jornais e revistas dos quais fez parte; e também a análise dos discursos imagéticos que, ou criticaram os feminismos então vigentes, ou atuaram como divulgadores de reivindicações feministas.

3.1 Feminismo tinha sim

Millôr Fernandes, em livro dedicado a expressar suas considerações mais ácidas sobre variados assuntos, desde sua reflexão sobre bonecas infláveis, até seu conceito de liberdade de expressão, trouxe uma breve e confusa reflexão sobre feminismos, o que é explicado pelo fato de ser uma síntese de diferentes escritos.

Quer dizer que as mulheres queriam se liberar apenas para imitar os homens: beber mal, se locupletar em ministérios e entrar pra Academia Brasileira de Letras? (1980) As mulheres, afinal, já estão com tudo. Isto é – só falta um pedacinho. O movimento feminista, como tudo o mais, está a reboque da tecnologia. Quando surgiu a construção vertical, o telefone e o automóvel, para dizer só isso, o sistema já não conseguia mais controlar o comportamento sexual das pessoas. E as mulheres começaram a se liberar, a partir do sexo. O bom pai zeloso não tinha mais como controlar a “coisinha” da filhinha. Ela ia pro apartamento de baixo, ou o automóvel passava depois de uma conversa ao telefone e em 15 minutos o “mal” estava feito. Depois a televisão. Depois a pílula. Só depois veio o “movimento”, a ideologia, que, como todas, serve apenas pra dar uma arrumada no avanço incontrolável. Basta olhar os adeptos de hoje para você ter certeza de que Casanova, Jack, o Estripador, Landru e o estrangulador de Boston seriam todos fervorosos feministas. Está bem que a mulher não queira

³²¹ Millôr Fernandes voltou a fazer parte da equipe de **Veja** em 2004, entretanto, deixou a revista no ano de 2009, quando do lançamento do acervo da **Veja online**. O humorista estaria descontente por não ter autorizado a disponibilização de sua coluna no acervo digital, o que, ironicamente, possibilitou a construção dessa dissertação.

mais ser o “descanso do guerreiro”. Mas não precisava ser a aporrinhção do pacifista³²².

Logo após uma definição polêmica de feminino³²³, Millôr reproduziu trechos de pensamentos e elucubrações sobre feminismos que compuseram as mais variadas páginas da imprensa brasileira. Início com essa reflexão, não retirada de **Veja**, por pensar que ela, de alguma maneira, engloba as percepções de Millôr Fernandes sobre o assunto, tão criticadas por feministas do passado e do presente. A citação faz uma referência inicial à igualdade almejada pelas feministas, igualdade essa que seria alcançada, na visão do escritor, com a exploração de uma vida boêmia, e com a inserção das mulheres em uma vida burocrática, já vivenciada por homens. Segue o segundo tópico de crítica, o suposto desejo feminista de se liberar sexualmente, o que seria atingido com o auxílio da tecnologia, do telefone e do carro, como bem descreve a citação. Nesse sentido, a ciência estaria colaborando para o alcance desses objetivos. Por último, Millôr destacou que o movimento, que ele situou entre aspas, e a ideologia, seria um ato final, surgido atrasado para coroar o avanço dos tempos e fazer-se contextualizado. O jornalista, então, atacou as feministas mais agressivas, ao destacar nomes um tanto singulares de assassinos e psicopatas que poderiam ser feministas na atualidade.

No trecho o jornalista reuniu desde a então recente eleição de Rachel de Queiroz para a Academia Brasileira de Letras, passando pela constatação de que, apesar dos feminismos, o *pedacinho* permanece ausente, até o saudosismo em relação ao espaço de *descanso do guerreiro*, o lar. No compêndio, Millôr evidenciava não só a atualidade de suas impressões, bem como a disposição crítica e debochada que ele dedicava a tratar o tema feminismos. Acredito que essa definição me permite pensar o colunista para além de seu sempre lembrado machismo, na medida em que evidencia o trabalho diferenciado que Millôr desenvolveu nos variados veículos de comunicação dos quais fez parte. Se n’**O Pasquim** ele reservou pouca consideração às feministas, em **Veja** Millôr ressaltou a existência de movimentos feministas emergentes e combativos.

Em coluna de 12 de abril de 1972, intitulada “O Seqüestro”, Millôr salientou, ora com clareza, ora com discrição, algumas características desses feminismos que estavam emergindo em diferentes

³²² FERNANDES, Millôr. Op. cit., 2002. P. 231.

³²³ Definição integrante da primeira nota do capítulo 3, em que Millôr afirma ser o movimento dos quadris o melhor movimento feminino.

países ao redor do mundo. Ao narrar um suposto sequestro sofrido por um homem, paralelo a um esforço mais que humano de sua esposa para libertá-lo com o pagamento do resgate, o escritor finalizou seu conto da seguinte maneira:

Mas aí, ao que parece, o esforço terrível de lutar contra o destino já a tinha tirado de sua submissão, do seu conformismo de mulher-objeto. Ela tinha amadurecido tanto, que pensou bastante e decidiu: “Ora, depois desse esforço todo eu sou, naturalmente, uma líder feminista; não dependo, nem posso depender, de um único homem para sobreviver nesta sociedade patriarcal, cheia de porcos chovinistas. A essa altura meu marido deve estar um monstro, sem nem sequer o encanto do seu machismo. Sabe o que é?, vou guardar o dinheiro, comprar ações do Banco do Brasil preferenciais ao portador, entrar prum desses Movimentos de Libertação da Mulher e arranjar um outro marido inteirinho. Falei et dix”³²⁴.

Começo destacando a expressão *lutar contra o destino*. Simone de Beauvoir fez uso da palavra destino inúmeras vezes para argumentar contra a função biológica a qual às mulheres estavam sujeitas. Em um ataque à perspectiva de Freud, que afirmava ser a anatomia o destino, Simone de Beauvoir contestou o fator biológico do destino das mulheres, afirmando-o como fruto do social³²⁵. Millôr, portanto, se apropriou de uma expressão símbolo para demonstrar a “superação” da mulher, o que a tornou uma *líder feminista*³²⁶. O emprego do termo também é bastante significativo, visto que no Brasil os movimentos feministas acabaram emergindo vinculados a nomes específicos que, dentro de possibilidades marcadas, conseguiram encabeçar esses ideais. Essa mesma expressão é utilizada repetidamente em outras seções da revista. Em seguida o escritor apontou a esposa contestando a

³²⁴ Millôr – O Sequestro. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 188, P. 10. 12 abr. 1972.

³²⁵ BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. P. 66.

³²⁶ Com isso a proposta não é afirmar que o colunista leu a obra considerada fundadora teórica do movimento feminista de segunda onda, mas sim demonstrar como Millôr estava familiarizado com as discussões que estavam sendo empreendidas. Vale lembrar que, Joana Vieira Borges, em sua dissertação de mestrado que aborda as apropriações de O Segundo Sexo pelas feministas brasileiras, aponta que muitas dessas mulheres foram ter contato com a obra tardiamente ou, até mesmo, um contato mais superficial, que impedia maiores reflexões sobre o assunto.

necessidade de depender de um único homem, fazendo referência a tal promiscuidade sexual que seria o objetivo feminista, ao afirmar: [...] *não dependo, nem posso depender, de um único homem*. Finalizando, a mulher consciente de sua submissão resolveu adquirir ações do Banco do Brasil, instituição então dirigida pelo regime civil-militar, e deixou seu marido a mercê de sequestradores.

Nessa leitura, a mulher feminista, além de colaborar com o regime, mesmo indiretamente, ainda comprova-se egoísta e egocêntrica (talvez autônoma), uma alegoria aos feminismos que, ao invés de darem foco a uma luta considerada mais global, contra a ditadura, a censura, estariam preocupados com seu próprio bem estar, no caso, o bem estar das mulheres. Destaco que com o desmonte da formação discursiva não proponho a revelação de uma verdade oculta atrás do texto, mas sim a busca de um sentido para ele³²⁷. Por isso, não pretendo revelar a verdadeira intenção de Millôr, porém refletir sobre as diferentes possibilidades que a interpretação do discurso permite. Desse modo, compreendo que o trecho destacado não sinaliza uma crítica aleatória e machista aos feminismos, mas uma preocupação aparentemente política, visto que o colunista ressaltou o individualismo dessa mulher que se liberta, enquanto muitas outras e outros permanecem presas e presos a um sistema opressivo encabeçado pelo regime ditatorial.

Na coluna de 28 de julho de 1976, em uma frase curta no topo da página, Millôr afirmou que *O Movimento Feminista Brasileiro está com tal ímpeto que vai acabar arrombando todas as portas abertas*³²⁸. A partir da citação, infiro que os movimentos feministas brasileiros estavam utilizando toda sua disposição para derrubar portas já abertas, ou seja, estariam brigando em casa que, com *todas as portas abertas*, o estava acolhendo. Millôr poderia estar referindo-se ao fortalecimento dos feminismos no Brasil um ano antes, 1975, apontado como momento inaugural pela historiografia.

Destaco aqui o tom relativamente contido de Millôr Fernandes em relação ao tema, muito diferente do nível de declarações que reservava ao jornal **O Pasquim**. Certamente, as diferenças de tratamento não eram acidentais. **O Pasquim**, um jornal alternativo, era produzido por intelectuais esclarecidos de esquerda, para um público também de esquerda que compartilhava do pensamento libertário, pelo menos no sentido da luta de classes. Como jornal alternativo sua maior fonte de receita provinha da venda e não dos anunciantes. Já **Veja** era uma

³²⁷ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 26.

³²⁸ Millôr. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 412, P. 14. 28 jun. 1976.

revista integrante da grande imprensa, produzida por uma grande editora, comandada por homens ricos, cuja verba era fruto, em sua maioria, de anúncios publicitários, muitos deles financiados pelo governo, sendo que seu público alvo era a classe média, a chamada pequena-burguesia. Além disso, em **Veja**, Millôr estava submetido a uma hierarquia, enquanto n' **O Pasquim** o escritor e humorista fazia parte do topo da hierarquia. Apesar da aparente liberdade, o próprio colunista alertava, no primeiro número de **O Pasquim**, a impossibilidade de existência de uma imprensa independente³²⁹.

Demonstrando novamente sua intimidade com o assunto, Millôr Fernandes, em coluna de 8 de setembro de 1976 questionou: *E se, de repente, nós provarmos que o feminismo faz parte do eterno feminino?*³³⁰. Forçando uma relação bastante problemática entre os feminismos e o *eterno feminino*, categoria muito criticada por vincular a figura da mulher, à figura de mãe, santa, em um sentido naturalista e essencialista, perspectiva profundamente recusada pelas teóricas feministas, Millôr levantou a possibilidade de os feminismos fazerem parte da natureza das mulheres. O escritor, assim, buscou biologizá-los, como resposta à tentativa das mulheres de não-biologizar o sexo feminino. Uma nítida tentativa de provocação.

Muitas edições depois, na primeira coluna do ano, buscando construir um calendário que justificasse a “existência da estupidez humana há mais de dez mil anos e no esforço de amenizar a culpa da sua geração”, Millôr Fernandes sinalizou: *790 a. C – Começa (?) o feminismo. Uma mulher reina como alta sacerdotisa de Tebas*³³¹. Destaco o fato de o feminismo ser citado em um calendário em que o colunista buscou explicar a história da estupidez humana (homens e mulheres), acompanhado ainda de uma dúvida, expressa pela interrogação que questiona essa origem. Anteriormente já foi citada a desconfiança de Millôr no que se referia a emergência dos feminismos que teriam surgido como ideologia de maneira tardia, apenas coroando o avanço dos tempos. No desfecho da era uma *mulher reinaria* em um posto de comando. O colaborador de **Veja** reafirmou a coerência do seu discurso, reforçando o vínculo dos feminismos a uma ideia de tomada do lugar considerado, naturalmente, dos homens, impressão bastante comum já no final do século XIX. Apesar de dar ênfase a essa inversão

³²⁹ FERNANDES, Millôr. Millôr no Pasquim: o inventor da liberdade de imprensa. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

³³⁰ Millôr – Livre-pensar. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 418, P. 15. 8 set. 1976.

³³¹ Millôr – Efemérides. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 539, P. 14. 3 jan. 1979.

de papéis, é importante perceber que a escrita de Millôr, além de provocar, evidencia uma série de constatações, visto que, ao ter apontado uma mulher reinando como alta sacerdotisa, o colunista deu visibilidade à mudança dos tempos, tempos em que mulheres não estavam restringidas ao espaço considerado de menor valor, o doméstico.

Em coluna dedicada a dar uma versão muito própria para a história da abertura da caixa de Pandora, Millôr salientou:

A terra ainda estava vazia de mulheres. Não estou dizendo que isso fosse bom ou ruim, mas feminismo não tinha não. Pensando bem, até que podia ser bom porque hoje, depois do feminismo, tem muito home aí já jogando as muié pra escanteio e muita muié também fazendo o mesmo com os home, e deve ser porque isso é bom, não é mesmo?³³²

Na publicação de 30 de abril de 1980 o humorista reconstruiu a história de Pandora, para afirmar que naquela época não haviam feminismos o que *até podia ser bom*, em função de homens e mulheres estarem se dispensando mutuamente, lembrando que o colunista parte de uma noção biológica de homem e de mulher. O trecho apontou os feminismos como um acontecimento típico daquele momento. A constatação de que *feminismo não tinha não*, leva a sua presentificação, ou seja, se antes não tinha, é porque agora os feminismos fazem-se presentes, caso contrário, a expressão não estaria no passado e poderia ser facilmente extraída do texto. Entretanto, os feminismos existiam no plano do acontecimento e, por isso, existiam também no discurso do humorista e escritor. Saliento que, de acordo com o pensamento de Michel Pêcheux, são a essas lacunas que deve ser dispensada atenção, visto que, todo enunciado, ou toda série de enunciados, oferece um lugar de interpretação³³³. Millôr, mesmo negando aparentemente a importância do movimento, ao fazer dele um movimento presente, confirma sua existência e sua repercussão. Além disso, da citação, ressalto que os feminismos eram destacados como “coisa de mulher”, visto que, ao relacionar a não-existência de mulheres à não-existência dos feminismos, Millôr Fernandes o vinculava a algo tipicamente “feminino”, o que permite uma relação com a citação anterior, em que

³³² Millôr – A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 608, P. 10. 30 abr. 1980.

³³³ PÊCHEUX, Michel. Op. cit., 1990. P. 53.

se articulou os feminismos e o eterno feminino. Isso confirma a constatação de Orlandi: os discursos relacionam-se³³⁴.

Das colunas pesquisadas, é a coluna que reescreve a história de Pandora a primeira a trazer uma imagem que dialoga diretamente com o texto escrito analisado, permitindo algumas inferências. Ocupando meia página, a imagem ilustra o castigo dispensado por Júpiter a Prometeu e ampliado a todos os mortais: a mulher. No texto Millôr afirmou que Pandora seria a “guardadora” de uma caixinha preta triangular que, depois de ser docemente convencida por um homem, fora aberta, permitindo que os males ali guardados fossem espalhados.

Imagem 12



Millôr – A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora - Ilustração. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 608, P. 10. 30 abr. 1980.

³³⁴ ORLANDI, Eni. P. Op. cit., 2009. P. 89.

Na imagem a mulher com curvas voluptuosas e rechonchudas despenca dos céus sob o olhar atento e espantado dos centuriões rusticamente vestidos, enquanto deuses com aspecto raivoso lançavam raios e alguém que pode ser identificada como uma mulher, em seu estado “natural”. Metaforizando histórias de super-heróis, o diálogo se estabeleceu na dúvida do que seria aquele ser que cruzava o céu: *É uma hipóbole?! É uma quádriga?!* A primeira interrogação era motivada pelas formas exageradas do então desconhecido ser, a segunda levantava a possibilidade de aquela estranha visão ser uma carruagem de deuses. Eis que o último centurião revelou a resposta: *É uma gata, aliás a primeira, centuriões!* Não era uma hipóbole, nem mesmo uma quádriga que se aproximava da terra, mas sim uma *gata*, apenas a primeira delas, já que, a partir de então, elas poderiam ser reproduzidas infinitamente. Millôr atualizou a história em sua escrita e também na produção do diálogo: não era uma mulher que se aproximava, e sim uma *gata*.

No texto escrito e na imagem que o acompanha o colunista concedeu a um mundo sem feminismos: a existência de uma *gata* que desceu dos céus acompanhada de raios e trovões; a possibilidade de procriação dessa *gata*; a constatação de fragilidade da *gata*, evidenciada por ser facilmente convencida pelo homem. Não espanta que as feministas da época pouco apreço dedicassem a Millôr, sempre disposto a ironizar e a atacar questões fundamentais para os feminismos, como a compreensão da mulher como ser reprodutor, frágil e vinculada à ideia de castigo. É intrigante, porém, o amplo conhecimento do colunista sobre questões capazes de, efetivamente, perturbar as feministas do período, demonstrando, em minha leitura, bastante intimidade com os temas de preocupação feminista. Além disso, ressalto que essas impressões são articuladas a um contexto sem feminismos, isto é, considerar as mulheres como meras reprodutoras e frágeis é algo do passado.

Em 26 de novembro de 1980, listando uma série de pensamentos que Millôr intitulou “Reflexões sem dor”, o escritor e humorista afirmou: *Todo mundo com tanto medo de ser chamado de machão que tem até feminista fingindo feminilidade*³³⁵. Saliento primeiramente a expressão *medo de ser chamado de machão*, medo que, provavelmente, estava vinculado a uma disseminação dos feminismos a ponto de instigar homens e mulheres a conterem seus comportamentos de “macho”, figura nitidamente associada ao sexo masculino, à ideia de

³³⁵ Millôr – Reflexões sem dor. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 638, P. 11. 26 nov. 1980.

másculo e viril. Para finalizar Millôr Fernandes ressaltou que *tem até feminista fingindo feminilidade*. Primeiro o verbo fingir remete à dissimulação, fazer-se passar por outro. Assim, feministas fingiriam feminilidade, algo que seria típico do sexo feminino. Nesse excerto destaque dois sentidos não opostos, mas complementares: o primeiro é que feministas seriam automaticamente “machões” no que se refere à construção histórica da palavra; e o segundo, o mais importante e opaco, é que feministas buscavam velar a identificação com os feminismos por medo de represálias, ou seja, o medo mesmo de ser taxada de *machão*. Nesse trecho Millôr lembra muito sua versão em **O Pasquim**, em que piadas das mais primárias sobre feministas tinham lugar de destaque. Entretanto, no último texto o que gostaria de salientar é a questão da negação de uma identificação com os feminismos, negação que, é imprudente recusar, não é rara, seja no sentido estratégico, seja na falta de tato para lidar com preconceitos e estereótipos que assolam a profundamente lembrada “identidade feminista”.

Finalizando esse tópico de análise, trago uma última asserção de Millôr Fernandes que, se não toca pelo humor, toca pelo apoio fonético recorrente: *Feminista é uma mulher que só pensa em ser chofer*³³⁶. No trecho a feminista já se tornou mulher, não estando citada sua posição de “macho”, no entanto, ela *só pensa em ser chofer*, isto é, deseja guiar o automóvel, a vida, a casa, a política, o mundo e, para não escapar do senso comum, o homem. Trazendo à tona a versão mais simplificada de feminismos, Millôr, com sua rima mulher-chofer, definiu a feminista como uma desejosa figura almejando o comando de seja lá o que for, desde que seja o comando. Até mesmo o dicionário concede uma definição mais elaborada e acertada: *Teoria que sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos*³³⁷, e isso, independente de quem guie o carro. Mesmo que leitoras mais letradas no tema feminismos sintam-se incomodadas com a simplicidade do trocadilho, destaque que o colunista elaborou mais uma brincadeira simplória, do que um ato de violência simbólica. É importante lembrar ainda a existência de um movimento feminista liberal³³⁸, que se desenvolveu

³³⁶ Millôr – Sacadas Rimadas. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 698, P. 14. 20 jan. 1981.

³³⁷ DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Versão monousuário 3.0. Junho de 2009. Instituto Antônio Houaiss. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA. Programa.

³³⁸ De acordo com Annete Goldberg, o feminismo norte-americano desenvolveu-se em duas frentes. A primeira seria a identificada com as

principalmente nos Estados Unidos liderado por Betty Friedan, neste, efetivamente são os altos postos de comando que são valorizados em detrimento da valorização do trabalho doméstico, por exemplo.

Em meio a referências irônicas e críticas sobre a luta contra o destino empregada pelas mulheres, imerso em um discurso essencialista que determinava uma forma específica de ser mulher, passando pela inevitável constatação de que os feminismos existem de fato como movimentos organizados, finalizando com um modelo bastante específico de feminismos marcados pela ideia de “macho-comandante”; Millôr Fernandes traçou linhas que, na revista **Veja** divulgaram uma visão sobre os feminismos. Essa ideia está longe de ser a proposta pelas feministas que entre as décadas de 1970 e 1980 buscaram espaço para divulgar sua luta e, também, espaço para contestar um cenário que se apresentava, de ditadura, de censura, de falta de liberdade, de exploração dos mais pobres, de tentativa de reconstrução de uma democracia. Enquanto Millôr atacava com palavras os movimentos feministas, eles buscavam se organizar em um contexto pouco propício à emergência de movimentos sociais, mesmo que se tratasse de um movimento que não era popular, mas que, efetivamente, buscava e ainda busca representar todas as mulheres, independente de classe, raça/etnia, profissão. Todavia, um olhar mais generoso, o que tento lançar, aos excertos selecionados para análise, é capaz de constatar que o colunista, além de ter demonstrado bastante conhecimento sobre questões concernentes aos feminismos, demonstrava ainda outras possibilidades de tratamento do tema. Mesmo não sendo adequado apontar Millôr Fernandes como um aliado dos movimentos feministas a partir dos trechos que compuseram esse tópico, julgo não ser acertado nomeá-lo como inimigo dos ideais feministas, em função do jornalista mais dar visibilidade ao assunto, do que propriamente desmoralizar a causa feminista.

Respaldo essa inferência ainda no tratamento concedido por Millôr ao tema machismo em sua coluna, lugar em que o jornalista além de ter assumido a condição de homem machista, também debochou do próprio ser machista, apresentando uma série de contradições que nos ajudam a refletir mais profundamente sobre o seu fazer humorístico. É relevante não perder de vista que o olhar lançado por Millôr Fernandes aos feminismos estava profundamente articulado às concepções de machismo da época, machismo que o colunista tomou para si não

esquerdas, combatente do patriarcado, e a segunda tinha orientação liberal, em que é valorizado o esforço individual e as figuras excepcionais. GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 40.

apenas como condição, mas como objeto de análise e deboche. Sendo assim, para pensar esses feminismos criticados pelo colonista, é preciso refletir ainda sobre esse machismo assumido e desacreditado pelo próprio jornalista.

3.2 Machismo tinha não?

Antes de ingressar na análise dos escritos de Millôr sobre machismo considero interessante refletir sobre o significado da expressão. O dicionário contém uma definição simplificada, resumindo o teor do que é considerado machismo: seria qualificado como qualidade, ação ou modos de macho e, no seu uso informal, representaria exagerado senso de orgulho masculino, virilidade agressiva. Em última análise, seria um comportamento que tende a negar à mulher a extensão de prerrogativas ou direitos do homem³³⁹. Conceitualmente, portanto, o machismo é apontado como louvação do que é considerado essencialmente masculino, com a consequente desvalorização do que é considerado feminino.

Apesar da clareza e objetividade trazida pelo dicionário, é preciso compreender também o que Millôr Fernandes entendia por machismo, dentro de sua perspectiva debochada e crítica, visto que, sua ocupação e preocupação não era apresentar conceitos definidos. Para esse fim é importante refletir acerca de três considerações breves sobre machismo, considerações integrantes da mesma obra que utilizei para “conceituar” feminismo na perspectiva do autor.

Conforme Millôr, em sua máxima sobre machismo também integrante do seu livro de verbetes:

As feministas deviam protestar. Pelo número inacreditável de comerciais de desodorantes femininos que são exibidos na televisão, e pelas somas gigantescas que se gastam nesses comerciais, as mulheres brasileiras podem ser consideradas as mais fedorentas do mundo.

Bata em uma mulher hoje mesmo – amanhã ela pode estar no poder.

Hoje em dia, se você vai para a cama já de pau duro, a liberada te rosna: “Machista!” (1981)³⁴⁰

Em uma primeira consideração Millôr evocou o protesto das feministas, visto que o número de propagandas de desodorantes

³³⁹ DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Op. cit., 2009.

³⁴⁰ FERNANDES, Millôr. Op. cit., 2002. P. 348.

femininos seria gigantesco. Em seguida pontuou a sua incidência no Brasil, salientando a fama que as brasileiras teriam pelo mundo. Do trecho saliento dois argumentos: o primeiro é que Millôr, em sua consideração sobre o machismo, logo de início refere-se às feministas, direcionando-se ao debate sobre o domínio sobre o corpo empreendido por elas; o segundo é o ataque contumaz às feministas brasileiras que, segundo o número de propagandas, precisariam aperfeiçoar sua vaidade, remetendo ao famoso senso-comum de feministas como mulheres feias e pouco vaidosas. Nesse excerto, portanto, o colunista articulou suas elucubrações sobre o machismo, aos feminismos, justificando a articulação que busquei empreender nesse capítulo que, ao pensar as referências de Millôr Fernandes ao machismo, exige perceber sua relação com os feminismos.

Na segunda parte foi sugerido se bater em uma mulher hoje mesmo, visto que amanhã ela pode estar em uma posição de comando. Apesar do desconforto que a frase causa, exatamente por seu caráter machista, o importante de se extrair dela é a evidência de que o contexto está passando por transformações, afinal, o amanhã indica a existência de movimentos feministas hoje, dispostos a construir um futuro diferente, combatente do machismo. Entretanto, ele indica ainda uma visão rasa de feminismos que, ao contrário de buscar a igualdade, busca apenas a troca de posições: mulheres tomariam a condição de dominadores até então pertencente aos homens, visão bastante comum.

No último trecho da citação, Millôr fez referência à mulher como objeto sexual que, diante de uma perspectiva recente, consideraria a própria ereção como confirmação desse status. Fazendo uso de um nítido exagero, o colunista ressaltou que as combatentes do machismo daquele momento estariam ampliando em excesso suas acusações.

Nessas três colocações Millôr articulou seu posicionamento e sua crítica à emergência dos feminismos que, a partir da citação, defende a liberdade sobre o corpo, a tomada do lugar de poder e, ainda, combate a representação da mulher como objeto sexual. Com os extremos, Millôr ironizou os feminismos articulando-os ao machismo de maneira a denunciar, criticar e ironizar o enfrentamento de forças empreendido pelos movimentos e pela mentalidade machista. Nesse sentido, destaco que, ao refletir sobre os discursos produzidos por Millôr, atento ao próprio contexto de emergência dos feminismos, não apenas como cenário bibliograficamente relatado, mas como uma relação que o próprio discurso do colunista trata de demarcar.

É interessante salientar que a produção da teoria feminista pouco dissertou sobre o machismo e a bibliografia que reflete sobre esse

tema, em específico, não costuma apontá-lo como foco de luta dos movimentos feministas. Portanto, destaco como uma tentativa complexa a de conceituar o machismo, embora seja relevante, ao menos, buscar compreender do que se trata, visto que Millôr, ao fazer amplo uso da expressão, partiu de uma série de referências concretas. De acordo com Mary Pimentel Drumond:

[...] o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher...O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino, como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela liderança masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher ‘tornam-se’ homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos³⁴¹.

Para a referida autora, o machismo é um sistema ideológico, de representações simbólicas que afirmam as condições de submissão entre homens e mulheres, reforçando padrões de masculinidade e feminilidade. Baseando-se na relação entre os sexos, o machismo se impõe entre homens e mulheres, com a aceitação da sociedade em geral, mas, mediado pela liderança masculina.

Robert Bascham, em artigo intitulado *Machismo*, apontou-o como uma síndrome cujo objetivo maior é cultuar a figura do macho, em toda sua virilidade. Conforme o autor, os traços do machismo são bem comuns em sociedades e classes em que o papel social da mulher é restrito à maternidade e à reprodução, sendo menos comum em sociedades em que a ênfase nessas questões não é muito definida³⁴². Nesse sentido, o artigo em inglês, que leva o título de uma palavra latina, destacou o machismo como uma característica constituinte das bases das famílias latinas com formação católica. O autor ressalta ainda que, dentro de uma ótica capitalista, o machismo serve de justificativa

³⁴¹ DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. In: *Perspectivas*, São Paulo, 1980. p. 81-85. P. 81.

³⁴² BASHAM, Richard. Machismo. In: *A Journal of Women Studies*, Vol. 1, Nº. 2 (Spring, 1976), p. 126-143. P. 136. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3346074> Acesso em: 15 de março de 2011.

para a desvalorização do trabalho feminino, com consequente valorização do trabalho masculino.

Apesar dos variados argumentos que podem ser levantados sobre o tema, no sentido de relativizar as palavras do referido autor, saliento o discurso de Millôr que não deixa de evidenciar a existência do machismo no Brasil, um país eminentemente católico que fazia extenso uso da mão-de-obra barata de milhões de mulheres. Na convicção de que não existe uma verdade oculta atrás do texto, estabelecer essas relações não deve promover a constatação de uma origem, apenas a identificação de discursos promotores de sistemas de pensamento e comportamento. Da mesma maneira, a produção discursiva de Millôr Fernandes, datada, localizada e tematizada, não deve ser simplesmente justificada, mas complexificada, dentro de uma exterioridade composta por redes de sentidos que estão vinculadas aos mais variados acontecimentos e discursos.

A primeira referência ao machismo é a de 12 de abril de 1972, já analisada anteriormente, mas sob a ótica do discurso sobre feminismo com a narração de um suposto sequestro sofrido por um homem. Desse excerto, extraio o momento exato em que Millôr afirmou: *A essa altura meu marido deve estar um monstro, sem nem sequer o encanto do seu machismo*³⁴³. Ressalto a expressão *o encanto do seu machismo* que, em um país como o Brasil, pode ser vinculada a noção de que mulheres de maneira geral tem uma preferência no que tange aos homens, preferência que estaria centrada no homem cafaeste, viril, eventualmente violento, o característico “homem com H”, que não é, senão, uma vertente do homem considerado machista. No entanto, para comprovar a multiplicidade dos sentidos, destaco que a referência a um machismo natural que provocaria encanto também possa ser entendido como uma ironia. Nessa perspectiva, o colunista estaria revelando o fato do machismo nada ter de encantador.

Em edição de 5 de junho de 1974, Millôr Fernandes, ao realizar um compêndio com máximas dedicadas exclusivamente ao que ele intitulou de clichês das mulheres intelectualizadas, como as que foram publicadas no livro anteriormente citado, *Millôr Definitivo: a biblia do caos*, afirmou, no tópico *letra M: Machismo – Já era. Mas confesso que não saberia viver sem um homem ao meu lado*³⁴⁴. Representando o suposto pensamento de uma mulher, não de qualquer mulher, uma

³⁴³ Millôr – Lugares-comuns femininos (classe A). **Veja**. São Paulo: Abril. n. 188, P. 10. 12 abr. 1972.

³⁴⁴ Millôr. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 300, P. 12. 5 jun. 1974.

mulher intelectualizada, Millôr destacou que, apesar de dispensar o machismo como sistema de pensamento, a mulher não dispensa um homem ao seu lado. Millôr Fernandes entregou-se a uma visão clichê de feminismo que, dentro do ponto de vista do senso comum, nada mais seria do que a dispensa da própria existência masculina. No discurso de Millôr, portanto, se expressa uma mistura de conhecimento considerado popular e teórico baseado na anedota, na comédia, no desejo de fazer rir e provocar. Além disso, a referência à *mulher intelectualizada* demarca o espaço em que residiria esse combate ao machismo, o de mulheres instruídas e de classe média.

Em publicação de 15 de janeiro de 1975 Millôr produziu uma cena de rompimento entre um homem e uma mulher, em um mundo nomeado de *vastamente analisado e liberado*. Na cena, o casal discute quem de fato estava tendo a iniciativa de rompimento. Na descrição de Millôr, *Ela* afirmava: *Por mais que isso fira teu orgulho masculino, o seu machismo natural, a verdade é que sou eu que está rompendo com você*³⁴⁵. Apesar de todo o diálogo ser uma fonte interessante de análise, destaco esse primeiro momento e o desfecho que é encerrado por uma promessa de ligação por parte do homem, seguido de uma afirmação de que ele nunca iria ligar; e por uma afirmação da mulher de que mandaria dizer que não está. Ressalto a expressão *machismo natural* em que o machismo é apresentado como absolutamente regido pelas leis da natureza, o que o desvincula da intervenção humana, visto que, se é natural, não pode ser transformado. O machismo, nesse sentido, seria algo tipicamente natural, portanto, impossível de ser eliminado. Com o desfecho da história, entretanto, Millôr não salientou uma possível característica temperamental das mulheres, como seria de supor, mas sim, a complexidade dos seres humanos em geral que, marcados por traços de suas subjetividades, armaram o que o colunista nomeou de “Cena urbana”. Nessa análise não suponho o alcance dos sentidos literais do texto, busco apenas compreender como sujeitos e sentidos constituem-se em processos³⁴⁶, o que é justificado pelo próprio discurso do autor que, ora ridicularizava os feminismos, ora ridicularizava o próprio ser humano.

Em edição de 8 de outubro de 1975, em coluna intitulada “O homem deve bater na mulher?”, Millôr fez um ataque feroz a uma das mais conhecidas feministas brasileiras do período, Rose Marie Muraro.

³⁴⁵ Millôr – Cena Urbana 1975. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 332, P. 8. 15 jan. 1975.

³⁴⁶ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2009. P. 60-61.

Elaborando uma resposta para a enquete como sendo de autoria da referida estudiosa, Millôr questionou o relativismo cultural dos nascentes movimentos feministas brasileiros. Na íntegra, a suposta resposta da socióloga:

“Depende do *aproach* antropológico. Em certas ilhas da Melanésia é comum até o contrário: as mulheres batem diariamente nos maridos. No mundo ocidental, subdesenvolvido, sul-americano e machista a prática é a conhecida. Dever ou não dever é uma questão de época e costume” (Mose Marie Ruraro, 54 anos, socióloga especializada em aparecer na tv)³⁴⁷.

Invertendo o pensamento de Rose Marie Muraro, Millôr relativizou a própria questão da violência contra as mulheres. Nessa perspectiva, a hipotética opinião apontou o *bater na mulher* como uma questão de época e de costume, estando, portanto, justificado. A feminista teria afirmado ainda que a prática seria comum no mundo subdesenvolvido, sul-americano e machista. Millôr, ao promover esse discurso em nome da pesquisadora, fez forte crítica à perspectiva historicizada dos movimentos feministas que exploram argumentos históricos para afirmar que a condição das mulheres não foi sempre àquela. Para finalizar ainda a nomeou como *socióloga especializada em aparecer na tv*, insinuando uma inclinação da referida feminista pelos holofotes.

Millôr, na edição de 10 de agosto de 1977, em uma lista de verbetes apontou: *Hoje em dia basta um cara assassinar a amante sem motivo justo para ser considerado machista*³⁴⁸. Superficialmente a afirmação do colunista provoca desconforto, no entanto, o que se evidencia é uma crítica ao próprio machismo. A expressão *sem motivo justo* é a linha que separa a crítica da afirmação da violência e do machismo. Millôr, no excerto, não louvou o machismo, muito pelo contrário, o colocou em confronto com uma de suas formas de expressão, a violência, problema que se tornou um dos mais combatidos pelos movimentos feministas brasileiros a partir de 1980³⁴⁹. Relembro que, um ano antes, Ângela Diniz havia sido assassinada por Doca Street, absolvido inicialmente sob a alegação de legítima defesa da honra. Esse caso tornou-se um caso símbolo, como destaque no capítulo 1, em função

³⁴⁷ . Millôr – O homem deve bater na mulher? **Veja**. São Paulo: Abril. n. 370, P. 14. 8 out. 1975.

³⁴⁸ Millôr – Livre-pensar é só pensar. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 466, P. 15. 10 ago. 1977.

³⁴⁹ PINTO, Celi Regina Jardim. Op. cit., 2003. P. 80.

da notoriedade do casal, no entanto, a mídia divulgava com frequência situações semelhantes.

Em edição de 15 de outubro de 1980, promovendo uma “Radiografia essencial do gordo”, Millôr destacou: *Se você chama um gordo de gordo está apenas dando nome aos bois; se você chama uma gorda de gorda é um sórdido machista que só pensa em mulher-objeto (magra)*³⁵⁰. Em novo jogo de palavras, Millôr evidenciou as críticas que vinha recebendo por seu trato com as mulheres e também com os feminismos, críticas que não se referiam apenas a **Veja**, mas também a sua postura em **O Pasquim**. Mesmo diante da eminência dos politicamente corretos na atualidade, não posso deixar de concordar com o jornalista que, de certa forma, tem razão ao apontar alguns exageros promovidos quando o assunto era o machismo.

Em edição de 4 de março de 1981, propondo algumas reflexões sobre o ser brasileiro, Millôr afirmou: *Brasileiro não é muito chegado a coisas violentas, como touradas. O Brasil também não dá grandes lutadores de boxe. Nosso machismo conhece suas limitações*³⁵¹. Ironizando o estereótipo do ser brasileiro, o colunista afirmou que a não-adequação do brasileiro ao que seria considerado um tipo violento, apontaria que *nosso machismo conhece suas limitações*. Lembrando que a ideia de machismo está vinculada ao culto da virilidade, não supondo a violência, embora preveja características físicas e sexuais atribuídas à masculinidade.

Listando “Alguns supérfluos para serem taxados”, em edição de 9 de outubro de 1981, o colunista apontou: *A palavra machista empregada na TV pelo menos 422 vezes por dia por sociólogos, psicólogos e psicanalistas cobrindo assim a ausência de qualquer raciocínio*³⁵². Nesse excerto o colunista denunciou a contemporaneidade do tema que, conforme a citação, era noticiado na TV *pelo menos 422 vezes por dia* por estudiosos que se dedicavam a estudar a sociedade e o comportamento humano. O trecho apontou o machismo como uma preocupação típica daquele momento. A constatação da recorrência ao tema, leva à cobertura da mídia sobre o assunto. Além disso, Millôr pontuou a *ausência de qualquer raciocínio* estimulada pelas fórmulas de

³⁵⁰ Millôr – Radiografia essencial do gordo. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 632, P. 14. 15 out. 1980.

³⁵¹ Millôr – Brasil. Meu Brasil brasileiro. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 652, P. 8. 4 mar. 1981.

³⁵² Millôr – Alguns supérfluos para serem taxados. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 692, P. 14. 9 out. 1981.

explicação de especialistas que, suponho, explicavam o fenômeno como algo socialmente justificado, ou ainda, psiquicamente legitimado. Novamente o colunista criticou o próprio tratamento concedido ao tema, não incorporando uma postura machista, nem mesmo reforçando o aspecto humorado do machismo, mas reivindicando um outro tipo de acolhimento para o problema.

Millôr Fernandes, ao ironizar a implicância das feministas com as palavras, ao debochar do relativismo cultural ao qual essas mulheres estavam se detendo, ao sugerir o machismo como algo tipicamente natural, tinha um alvo certo, os movimentos feministas brasileiros. Acusado pela esquerda de ser um segregador da luta, os feminismos no momento de sua emergência no Brasil encontraram um cenário pouco propício ao desenvolvimento de movimentos sociais e, ainda, precisaram enfrentar ataques como os de Millôr que não poupou críticas às bandeiras levantadas por um movimento composto por mulheres instruídas, de classe média que, em teoria, não representariam a maioria das mulheres brasileiras. Millôr, com a acidez que ainda hoje compõe as páginas da imprensa brasileira, reforçou modelos, reivindicou estereótipos, provocando os movimentos feministas no que lhes era considerado mais caro, a vontade de transformação. Porém, a postura do colunista aqui contemplado para análise, não se resumiu a uma crítica gratuita, nem sem reflexão.

Millôr, mesmo assumindo uma postura considerada machista, não poupou críticas a essa mentalidade, apontando que, a forma de luta empreendida pelas feministas e por estudiosos naquele momento, seria ineficaz para combatê-lo. Com referências à questão da violência contra as mulheres e ironizando o próprio temperamento humano, Millôr, apesar do deboche que preencheu a maioria de suas linhas, provocou a reflexão e a crítica, ou seja, chamou atenção para o tema, mesmo que, para isso, tenha se afirmado também como um machista. Não parece uma decisão interessante ignorar que o deboche tão típico dos textos de Millôr era e é característico de seu fazer artístico. Infelizmente essa reflexão não estava aliada ao que seria considerada uma prática feminista, no entanto, ela estava alinhada a uma ideia de contestação do sistema vigente, um sistema opressor, propagador da violência e do arbítrio, tanto em relação aos homens quanto em relação às mulheres. Não cabe aqui uma defesa do colunista, tantas vezes acusado de machismo e antifeminismo, porém, é relevante evitar a imprudência e precipitação de juízos, visto que Millôr Fernandes estava fazendo parte de um momento bastante específico da história brasileira.

Pensar os temas feminismos e machismo através dos discursos de Millôr deve ser entendido como algo maior do que a simples busca de respostas para a má-vontade do colunista em relação ao primeiro. Refletir sobre os seus discursos em **Veja** deve ser um exercício de descrição e interpretação no que se refere ao seu suporte, seu contexto adjacente, seu contexto abrangente, suas relações com a esquerda brasileira e, também, com o próprio regime, afinal, em história, discursos, sujeitos e acontecimentos são reativos a própria história.

Até aqui me ative aos textos escritos que, como poderá ser evidenciado nas páginas que seguem, foram menos generosos com o tema feminismos, apesar de não se igualem ao tratamento dispensado pelo alternativo **O Pasquim**, tratamento que na historiografia marcou Millôr Fernandes como machista e antifeminista. Porém, no próximo tópico, a proposta desse capítulo faz-se mais consistente, na medida em que as charges produzidas pelo colunista de **Veja** são muito significativas para meu esforço de construir novos discursos sobre as publicações de Millôr e também sobre o próprio jornalista. É através das charges que, do meu ponto de vista, o colunista rompeu com mais força com os rótulos que o caracterizavam, visto que por meio de traços coloridos foi elaborada não só uma crítica aos feminismos emergentes desse período, mas também uma espécie de divulgação de muitas das causas feministas, como o combate à violência contra as mulheres, a discussão sobre sexo/gênero, a questão do divórcio.

3.3 Propaganda, por que não?

Para a compreensão desse apanhado que aponta como um dos nomes mais lembrados do jornalismo produziu sentidos sobre os feminismos de segunda onda, abordo agora o último tópico do capítulo 3, dedicado a refletir sobre o tratamento concedido aos feminismos brasileiros por meio das charges. Ressalto que a seleção das charges foi baseada na problematização objetiva do tema feminismos e na apropriação de temas caros aos movimentos feministas do período³⁵³. Desse modo, finalizo a abordagem temática e não cronológica que optei por dar a esse capítulo até então, em função de entender que os textos escritos sobre feminismos estão intrinsecamente ligados aos textos sobre machismo que, por sua vez, culminam em uma abordagem bastante singular concedida às charges, interessantes marcadores de memória.

³⁵³ Na análise selecionei um número reduzido de charges, não abarcando todas as charges levantadas. Na tabela 3. 1 consta a lista completa.

A primeira charge destacada para análise, de um universo de mais de 30, explora o mito de Adão e Eva, estratégia bastante comum de Millôr Fernandes para satirizar os mais variados assuntos.

Imagem 13



Millôr – Charge. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 86, P. 13. 29 abr. 1970.

A charge que em sua versão original ocupou mais de metade da página representa uma cena muito comum na coluna de Millôr que, com bastante frequência, utilizava-se do casal Adão e Eva. Os personagens, habitantes do paraíso, onde poderiam circular nus, protagonizam a imagem onde se destaca ainda a macieira e a serpente. Eva, receptiva e com um sorriso largo, afirma para um Adão assustado e com uma postura resistente: *Adão, nós somos unisex!* Respeitando a sugestão de Eni Orlandi sobre a determinação histórica das palavras³⁵⁴, é relevante

³⁵⁴ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 27.

refletir sobre o que diz o texto imagem e o texto escrito, relacionando-os e ainda articulando-os ao contexto imediato e amplo de sua produção.

De acordo com Zaíra Ary, dissertando sobre a desvalorização do feminino no imaginário católico, a partir do relato javista do Gênesis sobre a criação do mundo por Deus, Eva foi feita da costela de Adão para acabar com sua solidão e com ele procriar. Como herdeiras de Eva as mulheres incitaram o homem ao pecado original, sendo responsáveis pela expulsão do paraíso e pelos males que afligem a humanidade como o trabalho e o parto doloroso. Sendo vulneráveis às tentações, essas seriam consideradas frágeis e ainda sexualmente perigosas e prejudiciais³⁵⁵. Millôr Fernandes reelaborou um dos mitos da criação incorporando nele um sentido bastante contemporâneo que remete, exatamente, não só as mudanças sócio-culturais no que se referem à vestimenta da década de 70, como também aos feminismos que se ocupavam em contestar a visão estanque e binária dos sexos, que serve a manutenção da desigualdade.

Apesar da carga histórica dispensada à figura de Eva, a representação de Millôr Fernandes permite extrapolar os sentidos *a priori* estabelecidos a ela. A fala *Adão, nós somos unisex!* remete às rupturas que estavam sendo empreendidas no período, em que mulheres, felizes com os avanços, assim como Eva, partiam em direção ao rompimento de velhas estruturas, mantidas também por homens assustados e resistentes, como Adão, às possibilidades que o *unisex* permitiria. Independente dos variados sentidos que podem ser extraídos da charge em questão, destaco o que essa imagem sinaliza, visto que, mesmo a expressão *unisex* não sendo uma expressão de uso corrente no campo dos estudos de gênero e feministas, ela, e todo o cenário armado pelo jornalista, apontam uma mudança dos tempos, mudança estreitamente articulada aos movimentos feministas da época, movimentos que ainda discutiam sobre os limites da categoria sexo quando se desejava discutir as problemáticas sócio-culturais implicadas com ele.

Joana Maria Pedro destacou que os movimentos feministas na década de 1980 passaram a fazer uso da palavra gênero no esforço de reforçar a idéia de que as diferenças entre os homens e mulheres são

³⁵⁵ ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico*: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000. P. 76-77.

pautadas na cultura e não no sexo, tido como uma questão biológica³⁵⁶. Joan Scott, citada a exaustão na década de 90, em função de ter buscado teorizar sobre a categoria gênero, circulante, mas ainda nova, afirmou que gênero é criação social imposta sobre um corpo sexuado³⁵⁷. Portanto, as diferenças entre homens e mulheres estariam vinculadas ao gênero, e não meramente ao sexo. Entretanto, anos depois, Linda Nicholson afirmou que [...] *diferenças sutis na forma como o próprio corpo é pensado podem ter algumas implicações fundamentais para o sentido do que é ser homem ou mulher e representar, conseqüentemente, diferenças importantes no grau e no modo como o sexismo opera*³⁵⁸. Assim, pesquisas recentes têm refletido sobre a mútua relação que se estabelece entre sexo e gênero.

Millôr, nessa primeira charge, apresentou a leitoras e leitores uma sátira da história de Adão e Eva, apontando a mudança dos tempos e o rompimento de barreiras biológicas no seu sentido sexual sem, em minha leitura, mostrar-se desconfortável ou mesmo negativamente crítico em relação a isso. Pelo contrário, o chargista sequer relativiza a feminilidade de Eva que comemora seu *status* de *unisex*.

A próxima charge selecionada para análise é bastante conhecida. Ocupando uma página inteira a imagem que traz uma marionete vestida de verde e azul, movida por títeres comandados por uma mão de unhas pintadas e com um antebraço vestindo os temas da bandeira dos Estados Unidos, não deixa dúvidas: trata-se de uma mulher brasileira sendo manipulada pela feminista militante Betty Friedan que um ano antes visitou o Brasil.

³⁵⁶ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. 2005, vol.24, n.1, pp. 77-98. P. 78.

³⁵⁷ SCOTT, Joan. Op. cit., 1995. P. 75.

³⁵⁸ NICHOLSON, Linda. Op. cit., 2000. P. 31.

Imagem 14



Millôr – Charge – Millôr e as nossas grandes reivindicações. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 216, P. 9. 25 out. 1972.

Rachel Soihet também utilizou essa charge como comprovação da acusação que se fazia aos feminismos brasileiros de segunda onda da época, que estes se tratavam de mera imitação³⁵⁹.

³⁵⁹ SOIHET, Rachel. Op. cit., 2007. P. 52.

Inserida pela enunciação *Millôr e as nossas grandes reivindicações*, a marionete que representa uma mulher brasileira afirma: *Devemos mostrar aos homens brasileiros a nossa total independência*. Fazendo alusão às influências dos movimentos feministas norte-americanos sobre as feministas brasileiras, o jornalista relativizou a liberdade que essas estariam buscando ao mostrarem-se totalmente independentes aos homens brasileiros, embora se mantendo submetidas à ideologia feminista “estrangeira”. Rachel Soihet aponta a resistência das esquerdas no que se referia aos feminismos, acusados de ser “coisa” de burguesas e não representantes de mulheres trabalhadoras que encaravam diariamente problemas mais graves dos que os enfrentados pelas donas de casa nos Estados Unidos ³⁶⁰.

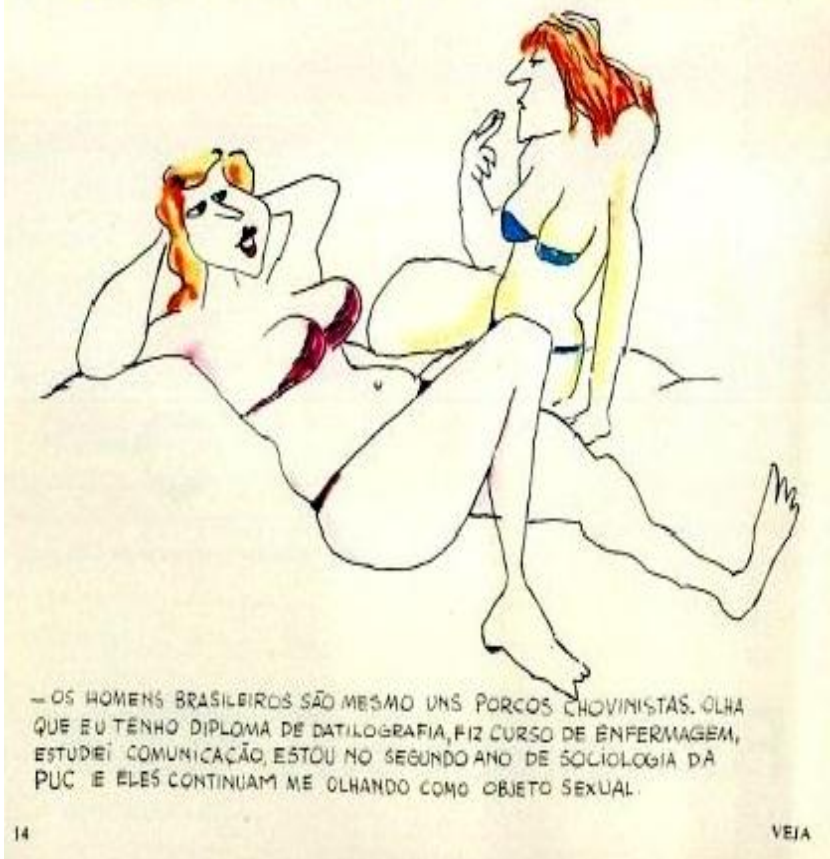
Contudo, lembro que o cenário de ditadura permitiu que no país se construísse um projeto feminista de esquerda. Sendo assim, a crítica de Millôr, expressada no domínio de um fantoche brasileiro por uma mão estrangeira, estava essencialmente articulada a uma perspectiva de esquerda que considerava a causa feminista uma causa menor, como afirmado anteriormente. O que essa perspectiva não levava em consideração, no entanto, era o tipo de engajamento político ao qual essas mulheres feministas submetiam-se, exatamente dentro da esquerda que, mesmo sendo esquerda, mantinha-se conservadora quanto às expectativas de gênero.

Algumas edições depois, **Veja** publicou nova charge que permite novo debate sobre a relação de Millôr com os feminismos.

³⁶⁰ Ibidem, p. 43.

Imagem 15

Millôr e o eterno masculino



Millôr – Charge – Millôr e o eterno masculino. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 221, P. 14. 29 nov. 1972.

Na imagem cujo título é *Millôr e o eterno masculino*, frase que remete ao ideal de eterno feminino invertendo suas possibilidades, uma das mulheres que se expõe em pouca vestimenta, afirma: *Os homens brasileiros são mesmo uns porcos chovinistas, olha que eu tenho diploma de datilografia, fiz curso de enfermagem, estudei comunicação, estou no segundo ano de sociologia da PUC e eles continuam me olhando como objeto sexual*. Antes de refletir sobre o conteúdo da

imagem e de que maneira ele dialoga com o texto escrito, é preciso elucidar alguns aspectos da expressão *eterno masculino*.

Simone de Beauvoir, na obra O Segundo Sexo, dedicada a apontar o caráter cultural dos sexos, ocupou preciosas linhas para refletir sobre o mito do eterno feminino através de excertos da literatura, da filosofia e de discursos religiosos. Apontou, então, como as mulheres foram fixadas na noção de eterno a partir do que se considerava adequado ao seu sexo, o feminino. Articulando o mito a um cenário divino, a mais célebre das feministas destacou como a “função fêmea” demarcou de maneira fixa o que se esperava de uma mulher, reduzida a um sexo biológico que determinaria todo o seu destino, destino que, no sentido psicanalítico, vinculava à mulher ao seu papel biológico³⁶¹.

A expressão eterno feminino, portanto, remonta a séculos de expectativas de gênero. Millôr, para a introdução de sua charge, com frase em letras chamativas que exige a leitura antes mesmo do conhecimento do texto no pé da página, apropriou-se da expressão, novamente, e deu um novo sentido a ela, fazendo amplo uso do interdiscurso, estratégia usual em sua produção. Na imagem, o eterno masculino aparece articulado inicialmente à charge, reforçada pelo texto posterior, ou seja, ele é incitador da noção de que o eterno masculino passa pelo gosto por mulheres como objeto sexual. Ao contrário do eterno feminino, que delimita e restringe funções, o eterno masculino não passa de um gosto, uma preferência.

Ela afirma [...] *eu tenho diploma de datilografia, fiz curso de enfermagem, estudei comunicação, estou no segundo ano de sociologia da PUC e eles continuam me olhando como objeto sexual*, e sua fala reforça que, a situação conjetural das mulheres muda, mas o olhar dos homens sobre elas, ainda é o mesmo, porque é o eterno masculino atuando. Não só por isso, mas também porque a mulher que agora se dedica ao estudo mantém-se com a postura de objeto sexual, postura relacionada à exposição do corpo. Além de ser importante atentar às capacitações dessa mulher, historicamente “femininas” e ainda à menção à PUC, universidade privada, em que a mulher representada cursa sociologia, um dos cursos mais procurados por mulheres do período, como atesta Anette Goldberg³⁶², vale perceber como a mulher é culpabilizada pelo que Millôr chama de eterno masculino. Talvez, se a imagem fosse extraída e o texto fosse mantido, a leitura poderia ser outra, afinal, a visão de objeto sexual seria responsabilidade do homem

³⁶¹ BEAUVOIR, Simone de. Op. cit., 2009. P. 317.

³⁶² GOLDBERG, Anette. Op. cit., 1987. P. 33.

e do eterno masculino. Nessa perspectiva, o jornalista responsabilizou homens, mas principalmente as mulheres pelo tipo de tratamento que estas recebem socialmente, sendo entendidas como objetos sexuais, independente da formação intelectual que ostentem.

A próxima charge que apresento para reflexão também traz o corpo de uma mulher exposto, sem roupas, embora seja caracterizado por um humor pernicioso, refletindo sobre um problema social sério através da sátira.

Imagem 16



Millôr – Charge – Triângulo passional. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 305, P. 13. 10 jul. 1974.

A imagem com o título “Triângulo passional” faz uma alegoria com uma situação complexa que nessa época já vinha causando comoção no país: a violência contra as mulheres, mais especificamente, a violência conjugal justificada por atos de amor, tema que Millôr

também abordou em textos escritos, como pode ser evidenciado pelo tópico anterior.

Millôr, na charge que permite uma série de elucidações históricas no que se refere à violência contra as mulheres, enquadrou a mulher como principal figura do triângulo amoroso, visto que é ela quem sofre a violência. O jornalista, com essa imagem, trouxe à tona um tema ainda não muito difundido pela imprensa e, mais especificamente, por **Veja**, revista que se restringia a pequenas notas que noticiavam casos de morte de mulheres pelas mãos de seus companheiros. Somente alguns anos depois a revista dedicaria páginas mais densas ao assunto. A charge que ocupou uma página inteira, explorando a figura geométrica como instrumento letal, metáfora para apontar os resultados de casos amorosos a três, denunciou o contexto de violência daquele momento, colaborando para a divulgação do problema. Sem fazer julgamentos de ordem moral, Millôr restringiu-se à divulgação crítica e humorada, apesar da complexidade do tema. Por último ressaltou que essa mulher “atravessada” pelo triângulo mantém sua mão no alto, com o dedo em riste e os lábios abertos. A mulher que sofre violência é a mesma que combate a violência contra mulher.

Também na ordem das charges que abordavam questões referentes às reivindicações feministas, a próxima analisada representa uma cena cotidiana cujo mote é o tema divórcio.

Imagem 17



Millôr – Charge. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 466, P. 15. 10 ago. 1977.

Em um cenário doméstico, aparentemente uma sala de estar, encontram-se um homem e uma mulher. Ele foi representado sentado ao sofá, de costas para ela, com um copo na mão assistindo, talvez, ao noticiário. Ela está de pé, acariciando a cabeça do companheiro com a mão esquerda e empunhando um revólver na mão direita. Na legenda: - *E não adianta vir com agradinhos não, Catarina, eu não dou o divórcio.* Nesse ponto confirmo a desconfiança de que se trata de um casal que, se pela cena cotidiana e estereotipada pode ainda deixar dúvidas, pela menção ao divórcio, encerra essa mesma dúvida. Deduzo que essa é a fala mental do homem, que está cinicamente, sendo acarinhando com uma mão e ameaçada com a outra. Privilegio essa primeira dedução, todavia destaco que a fala poderia ser da mulher, talvez uma ambigüidade buscada por Millôr.

A partir da charge faz-se relevante ressaltar que o ano de 1977 foi o exato ano de ferrenha discussão sobre a Lei do Divórcio, também chamada de Lei Nelson Carneiro, seu proponente. O proponente, inclusive, figurou em 2 capas da revista, analisadas no capítulo 1. A charge de Millôr foi publicada em agosto, portanto, durante o debate que agitou os parlamentares de forma muito intensa, bem abaixo do texto analisado anteriormente em que o colunista ironizou a alcunha de machista concedida a um homem que assassinou a amante. Na charge, a esposa estaria cedendo agradinhos motivada por interesses pessoais, nesse caso, a Lei do Divórcio, lei muito festejada pelas feministas na época de sua aprovação. No cenário conjugal saliento ainda a

representação do homem sentado a frente da tv, em aparente postura de passividade. Não são raras as charges do colunista em que os homens estão alocados no “descanso do guerreiro”, o lar.

Já na edição seguinte, de 7 de maio de 1980, Millôr Fernandes voltou a presentear leitoras e leitores com suas impressões sobre os feminismos a partir dos traços coloridos e vivos de suas charges. Dessa vez a referência foi objetiva, apesar de não estar ligada a nenhum outro texto da coluna.

Imagem 18



Millôr – Charge. **Veja**. São Paulo: Abril. n. 609, P. 13. 7 mai. 1980.

Se não estivesse acompanhada de uma legenda, talvez as reflexões possíveis de serem extraídas da imagem fossem mais frágeis, todavia, em função da pequena frase no topo, é viável o estabelecimento de uma relação mais clara entre a crítica de Millôr e o momento pelo qual passavam os feminismos de segunda onda brasileiros. Ocupando mais de meia página a legenda da charge anunciou: *Enquanto isso, o*

feminismo burguês alcança a jângal... O pequeno enunciado apontou a infiltração do *feminismo burguês* na *jângal*. O cenário é de uma natureza intocada pela mão humana em que figuram no plano de fundo, plantas, flores e árvores. Na paisagem bucólica uma mulher afirma: *Me Tárzan! You Jane!*

Nessa charge em **Veja**, talvez, o colunista tenha se permitido pontuar com mais veemência essa questão, já muito discutida nas páginas d'**O Pasquim**. Nela o feminismo foi absolutamente caracterizado como um evento não nativo, o que é reforçado pela referência à *jângal*, para afirmar o Brasil como terra incultivada no que concerne às idéias feministas. Rachel Soihet, analisando os preconceitos e estereótipos sobre mulheres nas charges do jornal alternativo fundado por Millôr, pontuou a percepção de diversos grupos de esquerda que compreendiam os feminismos como fenômeno burguês³⁶³. Sobre isso destaque ainda as considerações de Ana Alice Alcântara Costa que afirmou serem os feminismos brasileiros da década de 1970 uma espécie de alinhamento entre as lutas contra a opressão das mulheres e a luta pela redemocratização³⁶⁴, alinhamento que não foi levado em consideração na charge anterior.

O debate sobre a “nacionalidade” dos feminismos brasileiros é possível de ser reforçado pela fala presente na charge. O uso do *me* e do *you*, palavras da língua inglesa na releitura da clássica cena de cinema, apresenta-se como artifício de reforço da idéia já assumida na legenda que anuncia a cena. É importante destacar ainda que, ao contrário do convencional, nessa releitura, a “proprietária” do balão de fala é a mulher, sendo ela, portanto, o Tarzan, ou seja, o homem, nova referência aos feminismos como troca sumária de sexos, se assim posso dizer. Mais uma vez o colunista ignorou os feminismos em si, para privilegiar uma visão estereotipada e superficial de um movimento que, em outros momentos, ele demonstrou compreender. A mulher que se autodenominava Tarzan, tem o rosto com traços grosseiros, longo nariz, queixo cumprido e cabelos crespos, remontando a própria moda da época, em que permanentes eram frequentemente adotados pelas mulheres que desejavam cabelos mais volumosos. Pêlos nas axilas também caracterizam essa mulher que, talvez, como feminista, foi representada como despreendida de maiores cuidados com o corpo. Já o homem foi apresentado com cabelos claros, lisos, quase angelicais.

³⁶³ SOIHET, Rachel. Op. cit., 2007. P. 41.

³⁶⁴ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op. cit., 2005. P. 15.

Portanto, a feminista da jângal tem atributos muito distintos da mocinha imortalizada nas telas de cinema.

Também as cores podem ser sinalizadoras e confirmadoras das afirmações anteriores, já que, como pode ser observado na imagem, os tapas-sexo foram coloridos pela cor vermelha e azul. Das cores levanto duas possibilidades: a primeira é mais nítida, seria pautada na separação entre homens e mulheres a partir das cores, isto é, aos homens cabe o azul e às mulheres cabe o rosa, mas também o vermelho; a segunda e mais interessante, seria a possibilidade de também essas vestimentas fazerem uma alusão ao feminismo estado-unidense, na medida em que a bandeira desse país carrega as cores azul, vermelho e branco.

Millôr Fernandes, constantemente lembrado por feministas e pela historiografia por ter sido um dos grandes perseguidores de um movimento social disposto a transformar não só as condições sociais das mulheres, mas também das pessoas, independente de sexo e/ou gênero, em sua atuação em **Veja**, publicação em que dedicou dezenas de charges e textos para a crítica dos feminismos, mais do que reproduzir modelos simplistas de homem e de mulher, contribuiu para a divulgação dos embates empreendidos pelas feministas do período. Mesmo que essa divulgação estivesse muito aliada em variados momentos a perspectivas reducionistas, até mesmo machistas e pouco reflexivas, de alguma maneira, Millôr fez em **Veja** o que não foi efetivado n' **O Pasquim**: contribuiu para a divulgação de temas caros à perspectiva feminista.

A revista **Veja**, como impresso que tinha como público alvo a classe média brasileira, o que inclui mulheres instruídas e com relativo poder aquisitivo, exatamente àquelas que são acusadas de serem as agentes dos feminismos, com menor ou maior grau, permitiu que os feminismos brasileiros de segunda onda circulassem nas coloridas e festivas páginas de humor da coluna Millôr, circulação muitas vezes positiva no sentido produtivo e também otimista, em função de possibilitar que os assuntos se tornassem tema de debate. O que não foi possível n' **O Pasquim**, espaço tido como libertário e contestador que, de acordo com pesquisa de Rachel Soihet, restringiu sua atuação a uma perspectiva misógina, agressiva, desrespeitosa em relação a tudo e a todas que pudessem estar vinculados à causa feminista.

Não é conveniente a defesa de Millôr em função dessas considerações, contudo, é importante não desconsiderar as possibilidades de negociação que o jornalista encontrou nos diferentes impressos, exatamente o que permitiu a construção desse (breve) paralelo entre o Millôr d' **O Pasquim** e o Millôr de **Veja**. Se no primeiro foi levada ao extremo a possibilidade de ridicularizar o tema

feminismos, no segundo o que percebo são “escapadas” que mais ajudaram do que atrapalharam um feminismo preocupado em incitar a reflexão. Reflexão absolutamente possível em variadas colunas do, sobretudo, crítico, Millôr Fernandes. Nesse caso, o riso, costumeiramente acusado de danoso, serviu como ferramenta política capaz de levar à crítica.

Millôr Fernandes, com seus discursos sobre feminismos e, conseqüentemente, sobre machismo, não apenas transmitiu informação, mas formou opinião e ajudou a (des) construir estereótipos e modelos dos assuntos que foram alvo de suas reflexões. Dessa maneira, essas impressões produzidas pelo colunista, não desapareceram no ar, nem ficaram presas às páginas da revista **Veja** que já estão empoeiradas e amareladas pelo tempo. Elas continuam circulando, tendo seus sentidos mantidos e (re) significados, comprovando, ou melhor, reforçando a noção de que o discurso constrói a realidade com a qual nos relacionamos³⁶⁵.

³⁶⁵ ORLANDI, Eni P. Op. cit., 2007. P. 38-39.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da dissertação explorei o modelo de organização de **Veja** por pensar que fosse uma estratégia de análise interessante no tratamento da imprensa. Se fosse obedecer a essa mesma estrutura nas considerações finais a intitularia como Ponto de Vista ou ainda como Em Foco, colunas da revista escritas por intelectuais que ocupam uma página inteira para expressar suas opiniões sobre algum acontecimento. Embora tenha me restringido à ordem da revista apenas na divisão dos capítulos, saliento que minhas últimas considerações não deixam de estar articuladas a essa noção de ponto de vista. Afinal, é o espaço que tenho para elaborar um balanço sobre uma pesquisa que consumiu 2 anos e que chegou ao final, o que é em história nunca é definitivo.

É certo que muitas outras colunas de **Veja** poderiam ter sido tomadas como objeto de análise, assim como outra bibliografia poderia ter sido levantada e outras ferramentas metodológicas poderiam ter sido úteis na análise das seções da revista. Era a essa certeza que me mantive aliada durante a escrita da dissertação, como pontuei inúmeras vezes: o sentido sempre pode ser outro. E outros sentidos poderiam ter sido construídos por uma outra pesquisadora que, certamente, escolheria caminhos diferentes dos meus. Levando isso em consideração, afirmo que a semanal da editora Abril preserva ainda incontáveis relatos sobre os movimentos feministas durante as décadas de 1960 e 1980, material lido, organizado e listado por mim, mas que acabou não sendo foco de análise. Sendo assim, não só é possível elaborar novos sentidos para a documentação que explorei, a partir de outras subjetividades e perspectivas políticas, como é possível fazer uso de uma série de colunas que noticiaram feminismos brasileiros que ainda continuam inéditas.

No capítulo 1 busquei historicizar a revista **Veja**, narrar parte da história dos feminismos brasileiros e relacioná-la às capas da publicação. A construção do histórico da revista, ainda que seja uma publicação muito famosa e que foi alvo de uma série de trabalhos acadêmicos, alguns citados no decorrer do texto, mostrou-se mais complexa do que imaginei. Ao contrário do que previa, não existem trabalhos objetivamente dedicados a compreender a relação de **Veja** com a censura e os que existem, geralmente, se dedicam ao maniqueísmo de acusar a revista de conivência, ou ainda, a afirmar que ela foi extremamente combativa no que se refere aos mandos e desmandos do regime civil-militar. Procurei não me ater a essas

possibilidades e demonstrar que a revista, mesmo que tenha sido movida por interesses financeiros, em função de seu caráter empresarial, mostrou-se sim descontente com o aparato da censura que, em última análise, não poderia agradecer nem mesmo os aliados dos governos militares.

Para complementar a breve narrativa de **Veja** não selecionei como contexto ou “pano de fundo” a cronologia dos presidentes, nem mesmo a decretação dos inúmeros atos institucionais e sim a emergência dos feminismos no Brasil e no mundo, informação que, embora não conste dos livros didáticos e em boa parte da historiografia que se dedica a contar a história da ditadura, colaborou para a construção da história desse período. Para isso explorei obras e textos que (des) marcam o ano de 1975 como fundador dos feminismos com caráter nacional em função da decisão da ONU o instituir como Ano Internacional da Mulher. Sem desconsiderar os impactos que o acirramento da opressão ou seu enfraquecimento tinham sobre os feminismos, busquei colocar a história dos movimentos feministas brasileiros e de suas relações com os feminismos internacionais em foco.

Esse esforço de historicizar **Veja** e narrar a história dos feminismos no Brasil foi articulado as 10 capas da revista que traziam temas concernentes a causa feminista. No intento de investigar essa história sem construí-la como um bloco independente da própria fonte, julguei adequado elaborar esse paralelo entre as notícias da capa, uma das partes mais importantes da publicação, e os acontecimentos que marcaram a história dos feminismos. Esse recurso apontou que, apesar da censura e dos interesses da revista, os feminismos foram notícia dignas de capa, ou seja, o assunto vendia, o que denota grande interesse do público. Além disso, é importante destacar que o tema não figurou como uma das preocupações da censura, o que é sugerido não só pelas capas, como pelas outras colunas analisadas. Dessa constatação saliento o descrédito que talvez os movimentos feministas tivessem, ou mesmo o interesse que despertavam em vista do potencial humano de milhões de mulheres que a causa feminista buscava atingir.

No capítulo 2 procurei refletir sobre a latente divulgação dos feminismos na seção Páginas Amarelas a partir de 2 motes: o primeiro das feministas que foram entrevistadas pelos profissionais jornalistas e o segundo das figuras que foram indagadas sobre o assunto sem terem maiores identificações com suas bandeiras de luta. No exame das entrevistas me empenhei em dar nomes aos sujeitos, tanto entrevistados quando entrevistadores. Esse empenho foi fruto de minha concepção

crítica a respeito do tratamento que se tem concedido à imprensa por pesquisas acadêmicas. Geralmente os trabalhos tratam revistas e jornais como blocos opinativos homogêneos, a ponto do veículo tornar-se quase um sujeito. Evitei essa perspectiva a partir do levantamento de dados e biografias que explicassem os sujeitos componentes das entrevistas. Sendo assim, não estou considerando **Veja** como um sujeito em si, mas como uma revista produzida por sujeitos e articulada aos mais diferentes nichos (financeiros, ideológicos). Saliento ainda que as Páginas Amarelas compõem uma das partes mais importantes da publicação e que as entrevistas com feministas ou mesmo o debate do assunto com outras figuras notórias demonstra o potencial divulgador da seção.

A análise das entrevistas com feministas anunciou não só uma grande variedade de opiniões como também permitiu a divulgação dos feminismos, bem como a de uma série frentes de luta. Enquanto reportagens e matérias estavam submetidas a interferências concretas dos jornalistas responsáveis, as entrevistas eram fruto de diálogos que permitiam a fala de entrevistadas e entrevistados, mas também das/dos jornalistas. Sendo assim, considero o processo dialógico da entrevista uma oportunidade muito interessante de exposição de opiniões, de crenças, de projetos. Obviamente entrevistadoras e entrevistadores intervinham nesse processo, enfatizando certos temas, ou no trabalho final, editando o que deveria ou não figurar nos “olhos” em letras maiores, o chamariz para o público. No entanto, ainda assim a divulgação acontecia e as intervenções nas falas das entrevistadas, em meu entendimento, apenas enriqueceram o trabalho de quem se dedica a analisar essas relações hoje. Destaco ainda o papel fundamental da publicação das cartas de leitores e leitoras para a reflexão sobre as entrevistas. Foram as cartas publicadas que me permitiram estabelecer conexões com um contexto para além do universo da publicação, denotando brevemente o tipo de repercussão que as falas de feministas tinham junto ao público.

Já as entrevistas com pessoas de destaque, como cantores ou jogadores de futebol, mais do que denunciar **Veja** como dispositivo de propaganda dos embates feministas durante sua emergência no Brasil, em minha leitura, sinalizaram a efervescência do tema, isto é, os feminismos tornavam-se de tal maneira um assunto estabelecido que formadores e formadoras de opinião também foram questionados e questionadas sobre eles. Assim, jornalistas mostravam que o tema era de interesse público. Notadamente, essas entrevistas apresentam um número significativo de visões mais restritas e estereotipadas sobre as feministas e suas reivindicações. Contudo, saliento que, ainda assim, os

feminismos eram notícia. A seleção dos temas a serem debatidos nas entrevistas foram temáticos, sendo assim, uma série de outras questões poderiam ser levantadas das mesmas entrevistas.

No capítulo 3 busquei articular o potencial subversivo que identifico no humor com as dezenas de referências que Millôr Fernandes fez em sua coluna de **Veja** sobre os nascentes feminismos brasileiros, o que inclui textos escritos e charges. Esse trecho foi motivado pela frequente acusação de antifeminismo que recaía sobre o colunista de **Veja** e sobre jornalistas e chargistas que se dedicavam a ironizar os movimentos feministas e as feministas durante os anos 1970 e 1980. Apropriei-me, portanto, do riso e do humor como interventores e divulgadores dos feminismos na coluna Humor. Para isso refleti sobre as concepções do jornalista sobre os feminismos e sobre o machismo em seus textos escritos e, ainda, analisei uma seleção de charges que, em minha leitura, promoveram a divulgação dos movimentos feministas no Brasil. Empreendi esforços, portanto, para evitar reproduzir discursos muito correntes que culpam profissionais como Millôr pela produção de uma espécie de violência simbólica contra as mulheres. Não nego essa possibilidade, no entanto procurei perceber que em diálogo com outros impressos, como **Veja**, os discursos constituídos por ele tomaram outras formas que, em minha perspectiva, colaboraram na divulgação dos feminismos e de suas reivindicações.

O tratamento concedido pelo chargista ao tema feminismos costuma causar muito debate, em função de seu humor ser considerado danoso e prejudicial a um movimento que buscava libertar as mulheres de suas amarras sociais, culturais, econômicas e políticas. Entretanto, na análise das colunas de **Veja**, embora tenha identificado a propagação de muitos modelos e discursos, aparentemente, preconceituosos, saliento que uma reflexão sobre a produção de Millôr Fernandes deve perpassar: primeiro, o conhecimento sobre os vínculos que o colunista estabeleceu com a esquerda, muito crítica às ideais feministas; segundo, ao potencial subversor do humor que com as ferramentas da análise do discurso tornam-se especialmente visíveis; terceiro, ao fato do jornalista estar cumprindo uma função a que se propôs, a de fazer rir.

No encaixe do tratamento concedido aos feminismos, julguei relevante também debater as concepções e impressões do colunista sobre o machismo, tema pouco tratado nas outras seções da revista, mas que na coluna Millôr tinha lugar de destaque. Estabeleci essa relação também em função do próprio jornalista referenciar os feminismos quando ironizava o machismo. No tópico a postura de Millôr Fernandes é bastante interessante, na medida em que o colunista afirma-se como

um machista e, paralelamente, critica o próprio machismo. Assim, identifico em Millôr, além de alguns conhecimentos sobre os feminismos, uma postura muito crítica sobre uma mentalidade que ele, em muitas passagens, insinuou ser algo ultrapassado.

Embora perceba em muitas das colunas assinadas por Millôr um grande potencial crítico, é nas charges que percebo maiores possibilidades de divulgação, principalmente em função de algumas bandeiras que o colunista tratou de incorporar a sua coluna, fazendo uso da ironia para problematizar questões complexas, como a da violência. Nessa análise, ao invés de tentar localizar o machismo de Millôr, em representar mulheres frequentemente nuas, focalizei o fato das charges serem um instrumento de informação quase universal, visto que, em tese, pode ser compreendido por praticamente todas as pessoas. Ou seja, um adolescente de 15 anos, ao folhear a revista na escola, por exemplo, muito provavelmente iria se deter na coluna com charges. Pelo extenso número de charges publicadas em **Veja** fui obrigada a selecionar apenas algumas para compor o terceiro capítulo. As que foram selecionadas dialogavam diretamente com os feminismos brasileiros ou ainda com suas reivindicações. Dezenas de outras não foram analisadas e constam da tabela 3. 1. Elas, sem dúvida, são um excelente tema de pesquisa para quem deseje investir na compreensão do potencial subversor do humor em publicações brasileiras.

Ver os feminismos em páginas analisadas, complexificadas, problematizadas e contextualizadas durante 1968 e 1989 foi meu grande desafio. No processo de escrita muitos desvios foram tomados, principalmente no que se refere a minha compreensão da fonte. De um olhar receoso que construí sobre **Veja** restou-me um olhar, talvez, otimista, na medida em que percebi na revista a concessão de espaços que em muitas outras publicações foi negado aos embates feministas. Uma leitora ou leitor mais atento pode me lembrar que essa atitude não estava livre de interesses, e de fato, não estava. Essa mesma leitora ou leitor pode me lembrar ainda que a circulação da revista era restrita a grupos de elite, o que também concordo, embora seja importante destacar que **Veja** faz parte do revisteiro de escolas públicas e de postos de saúde. Posso ainda ser lembrada que nas páginas da revista eram mulheres da classe média que foram entrevistadas ou ironizadas na coluna Millôr. Efetivamente, essas mulheres eram o principal alvo, no entanto, a tão controversa identidade mulher estava em jogo nesse momento em que as feministas buscavam mesmo era a articulação com movimentos de mulheres populares. Por último, poderiam salientar que **Veja** tinha como projeto político angariar mulheres para engrassar o

mercado de trabalho e promover o desenvolvimento econômico capitalista e liberal. O que, efetivamente, é uma possibilidade.

Acredito que todas essas possibilidades sejam possíveis e devem ser consideradas, mas nesse trabalho procurei demonstrar que os movimentos feministas, ignorados pela historiografia ocupada em narrar datas de golpes, embates políticos institucionais e nomes de presidentes, foi notícia, ao mesmo tempo que hoje é considerado fazedor de história por poucos. Os movimentos feministas mobilizaram mulheres engajadas nas lutas por melhores salários, por direito ao corpo, por considerações políticas, e também mobilizaram opiniões. Se revermos (todos nós, homens e mulheres) o conceito de história de Marc Bloch³⁶⁶, teremos que a história é a ciência dos homens e das mulheres no tempo. Sendo assim, a história dos movimentos feministas, uma história construída por mulheres, tem sido desconsiderada a despeito de tudo que significou.

366 Ver, a esse respeito, BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FONTES

Veja. São Paulo: Abril. n.1. 11 set. 1968 – n. 1111. 31 dez. 1989.
Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. Veja sob censura (1968-1976). São Paulo: Jaboticaba, 2009.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ARY, Zaíra. Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. Jornalismo e Comportamento: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. Mestrado em Comunicação e Informação. Programação de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ÁVILA, Jânio Tomé Matias. Veja, os anos 80 em revista: leitura e memória cultural. Dissertação de mestrado defendida na Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2005.

BADINTER, Elisabeth. Rumo Equivocado: Feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora HUCITEC, 2002.

BASHAM, Richard. Machismo. In: A Journal of Women Studies, Vol. 1, Nº. 2 (Spring, 1976), p. 126-143. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3346074> Acesso em: 15 de março de 2011.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERGSON, Henri. O riso: Ensaio sobre o significado do cômico. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BLAY, Eva Alterman. Entrevista concedida a Joana Maria Pedro (1 fita cassete). São Paulo, Brasil, 04/08/2005. Acervo do LEGH/UFSC.

_____. O tardio reconhecimento de que a mulher tem direitos humanos. p. 39-48. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Joana Vieira Borges. Para além do tornar-se: ressonâncias das leituras feminista de *O Segundo Sexo* no Brasil. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2007.

BUTLER, Judith. Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2002.

CAPPELLIN, Paola. Promover a integração das mulheres no século XXI. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

CARTA, Mino. In: Pela Democracia, contra o arbítrio: a oposição democrática, do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COSTA, Albertina. É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação — São Paulo, 1970. Cadernos de Pesquisa, n.66, ago. 1988.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. In: Gênero. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1 sem, 2005. Disponível em:

<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-115122costa.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2011.

COSTA, Claudia de Lima. As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 11 (1): 336, jan-jun/2003.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos Feministas, Feminismos. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (N.E): 264, setembro-dezembro de 2004.

_____. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. In: Revista Estudos Feministas. (2) 2002.

COSTA, Tania... Et al. Naturalização e Medicalização do Corpo Feminino: o Controle Social por Meio da reprodução .In: Interface (Botucatu), July/Dec. 2006, vol.10, no.20. Disponível em www.scielo.br. Acesso em: 20 de setembro de 2008.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. In: Perspectivas, São Paulo, 1980. p. 81-85.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: Morre a feminista que estremeceu a América. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 14 (1): 336, janeiro-abril, 2006.

ENGEL. Magali. História e Sexualidade. In: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, G.; PERROT, M. (org) História das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamento, 1994.

FÁVERI, Marlene. Desquite e Divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. In: Caderno Espaço Feminino, Vol. 17, n. 01, Jan -. Jul. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/445/414> Acesso em 10 de março de 2011.

FERNANDES, Millôr. Millôr Definitivo: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. Millôr no Pasquim: o inventor da liberdade de imprensa. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p. 29-60 – 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf> Acesso em 12 de abril de 2011.

FONTELES, Ana Rita. Memórias em disputa e jogos de gênero: O Movimento Feminino Pela Anistia no Ceará (1976-1979). Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2009.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRIEDAN, Betty. Mística Feminina. Editora Vozes, São Paulo: 1971.

GOLDBERG, Anette. Feminismo e Autoritarismo: A Metamorfose de uma Utopia de Libertação em Ideologia Liberalizante. Tese de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Outubro de 1987.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. In: Revista Estudos Feministas, vol. 17. n. 1, 2009.

HITE, Shere. O Relatório Hite – Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina. Editora Difel, 21ª edição. São Paulo, 1992.

HOBSBAWM, Eric. A revolução social 1945-90. In: Era dos extremos. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, Companhia das Letras: 1997.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fonazari; ATHAYDE, Maria Cristina de Oliveira. Sexualidade e erotismo nas páginas dos periódicos feministas (Brasil e Argentina – Décadas de 1970 – 1980). In: PEDRO, Joana Maria; Wolff, Cristina Scheibe; Veiga, Ana Maria (org). Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

_____. Erotismo na cultura dos anos 80: censura e televisão na revista Veja. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. – UFSC - 2008. Disponível em: http://unicentro.academia.edu/LucianaKlanovicz/Books/165777/Erotismo_o_na_cultura_dos_anos_1980_censura_e_televisao_na_revista_Veja_Eroticism_in_the_1980s_culture_Censorship_and_Television_in_Veja_Magazine Acesso em: 30 de julho de 2011.

LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MAESTRI, Mário; JAKOBSKIND, Mário Augusto. A historiografia envergonhada. In: Revista Espaço Acadêmico – Ano III – Nº 24 – Maio de 2003 – Mensal. s/n. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_gaspari.htm Acesso em: 20 de novembro de 2011.

MARCONI, Paolo. A censura política na imprensa brasileira (1968-1978). São Paulo: Global editora, 1980.

MEDINA, Cremilda Araújo. Entrevista – Diálogo possível? São Paulo: Editora Ática, 1995.

MELLO, Soraia Carolina de. Feminismos de segunda onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1970-1989). Florianópolis, Março de 2010.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº45. pp. 11-23, 2003.

MUNSLOW, Alan. Desconstruindo a História. Tradução de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MURARO, Rose Marie. Os seis meses em que fui homem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2001.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena Coller. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In: Psicologia e Sociedade, volume 18, n. 1, pp. 49-55, jan-abr/2006.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete. São Paulo: Annablume, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: vol.8, n.2/2000.

ORLANDI, Eni P. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PATARRA, Judith Lieblich. Iara: reportagem biográfica. Editora Rosa dos Tempos: São Paulo, 1991.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PEDRO, Joana Maria Pedro. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. In: Revista Brasileira de História. Vol. 23 nº 45. São Paulo, ANPUH, jul/2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100010&script=sci_arttext Acesso em: 10 de agosto de 2008.

_____. (org). Práticas Proibidas – Práticas Costumeiras de Aborto e Infanticídio no Século XX. Cidade Futura, Florianópolis: 2003.

_____. Memória, Gênero e “Artes” do Feminismo. Texto apresentado no II SIGAM – Simpósio Internacional Gênero Arte e Memória, na Universidade de Pelotas, entre 2 e 4/12/2009. pp. 1-14.

_____. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In: Revista Brasileira de História, v. 26, p. 249-272, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n52/a11v2652.pdf> Acesso em: 11 de junho de 2011.

_____. O feminismo que veio da França. In: PEDRO, Joana Maria. ISAIA, Artur Cesar. DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (org.). Relações de poder e subjetividades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

_____. Os feminismos e os muros de 1968 no Conesul. In: Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica – N. 26-1, 2008. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/57/52> Acesso em: 12 de maio de 2011.

_____. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Revista Topoi, v. 12, n. 22, jan-jun. 2011.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História. 2005, vol.24, n.1, pp. 77-98.

_____. Trajetórias Políticas em mudança: tornar-se feminista no Cone Sul. In: PEDRO, Joana Maria; AREND, Sílvia Maria Fávero; RIAL, Carmen Silvia de Moraes (org). Fronteiras de Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Danda. Memórias Feministas. In: TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

_____. O que é aborto. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1983.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros Queiroz. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1981). In: História & Perspectivas, Uberlândia, (31): 229-252. Jul/Dez, 2004.

_____. Millôr e o Cenário Carioca dos Anos 60. In: Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Memória e Patrimônio, UNIRIO: 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_A_RQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf Acesso em: 12 de março de 2011.

SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. Texto preparado para apresentação no XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, 24-26 de setembro de 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Sarti.pdf> Acesso em: 07 de fevereiro de 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, jul./dez. 1995.

SENA, Tito; LAGO, Mara Coelho Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades, estatísticas e normalidades configurando a Persona Numerabilis. In: GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho Souza; NUERNBERG, Adriano (org). Estudos in(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. Disponível em: http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/tito_sena.pdf Acesso em: 15 de maio de 2011.

SENRA, Stella. O último jornalista: imagens de cinema. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SILVA, Carla Luciana da. Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002). Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2005.

SKINNER, Quentin. Hobbes e a teoria clássica do riso. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002.

SMITH, Anne-Marie. Um acordo Forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. In: Artcultura, Uberlândia, v. 9. n. 14. pp. 39-53, jan.-jun. 2007.

_____. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. In: Revista Estudos Feministas, vol. 13, n; 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 591-611. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a08v13n3.pdf> Acesso em: 27 de outubro de 2010.

TELES, Maria Amélia Almeida. Caminhos Transversais dos feminismos e dos movimentos sociais. In: Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade. RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; FÁVERO, Sílvia Maria. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

TORNQUIST, Carmen Susana ... [et al]. Leituras de resistência: corpo, violência, poder – Vol. 2. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. pp. 345-417.

TOULZE, Marielle. A influência dos feminismos em artistas da França e do Ultramar nos anos 70. Tradução Tânia Navarro Swain. In: Labrys, estudos feministas. Número 3, junho-julho/2003. s/p. Disponível em <http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/marielle1.htm> Acesso em: 15 de julho de 2011.

WOLFF, Cristina Scheibe. Narrativas da guerrilha no feminino (Cone Sul, 1960-1985). In: História Unisinos. 13(2), Maio-Agosto 2009. p. 124-130. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/V13n2/art02_wolff.pdf Acesso em: 20 de julho de 2011.

Sites pesquisados

<http://www.grupoabril.com.br/arquivo/perfilRC.pdf> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://www.algosobre.com.br/biografias/victor-civita.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm Acesso em: 10 de julho de 2011

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249902,00.html> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://www.notablebiographies.com/Fi-Gi/Friedan-Betty.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012

<http://www.notablebiographies.com/Br-Ca/Brown-Helen-Gurley.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

<http://www.wix.com/amuraro/icrmm#!vstc0=about> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

<http://www.leme.pt/biografias/80mulheres/giroud> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=8 Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

<http://www.martasuplicy.com.br/bio-em2010.php> Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249786,00.html> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

<http://www.wook.pt/authors/detail/id/14025> Acesso em: 12 de janeiro de 2012.

http://omundodemarinacolasanti.blogspot.com/2008/09/biografia_25.html Acesso em: 18 de janeiro de 2012.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=839 Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://www.notablebiographies.com/A-An/Abzug-Bella.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/authors/all_author/792/news Acesso em 13 de janeiro de 2012.

http://www.migalhas.com.br/mostra_noticia.aspx?cod=69688 Acesso em: 24 de janeiro de 2012.

<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-aborto-e-as-eleicoes-presidenciais/> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061113093347AA28qQ3> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://www.pedromartinelli.com.br/blog/?p=1202> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/midia/hugo-estensoro-jornalista.jhtm> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/roberto-carlos> Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

http://www.reginaecheverria.com.br/biografias_14.html Acesso em: 20 de janeiro de 2012.

<http://www.leme.pt/biografias/eua/letras/marion.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://xuxa.globo.com/secoes/pagina/3/biografia> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://esporte.uol.com.br/futebol/biografias/9112/paulo-cesar-caju/> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://www.samba-choro.com.br/artistas/moreiradasilva> Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/biografia/index.htm> Acesso em: 15 de junho de 2011.

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0131> Acesso em: 10 de agosto de 2011.

<http://www.pmdb.org.br/historia.php> Acesso em: 06 de janeiro de 2012.

Programas:

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS 3. Versão monousuário 3.0. Junho de 2009. Instituto Antônio Houaiss. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA. Programa.

APÊNDICE

TABELA 1
Capas (1968-1989)^{}**

Edição	Data	Capa	Título
338	26/02/75	Nelson Carneiro	Divórcio – um debate livre
459	22/06/77	Nelson Carneiro	Divórcio
475	12/10/77	Mulher operária	A mulher no Trabalho
566	18/07/79	Regina Duarte	A mulher descasada
581	24/10/79	Doca Street	Um crime sem castigo
629	24/09/80	Mulher olhando para o horizonte	A mulher de hoje
646	21/01/81	Símbolo masculino e feminino	Como evitar a explosão
839	03/10/84	Bruna Lombardi	O erotismo da nova mulher
884	14/08/85	Globo terrestre	Aids
961	04/02/87	Planalto	O que pensa a constituinte
Número total de exemplares: 1111			
Número total de capas: 10			
Porcentagem: 0, 09%			

^{**} Tabela elaborada com base nas matérias de capa publicadas por Veja entre 1968 e 1989. Uma série de outras capas poderiam ser utilizadas para a promoção do debate que elaborei no capítulo 1, contudo a seleção do material analisado foi feita a partir das capas que noticiavam assuntos que preocupavam objetivamente os movimentos feministas brasileiros no período citado.

TABELA 2
Páginas Amarelas (1968-1989)^{§§}

Ed.	Data	Entrevistada/o	Ocupação ^{***}	Categoria ^{†††}	Jornalista	Título	Cartas ^{†††}
129	24/02/71	Fernando Arrabal	Escritor e dramaturgo espanhol.	Opinador	Marco Antônio Rezende	Absurdo mas simpático	
137	21/04/71	Betty Friedan	Ativista estado-unidense.	Feminista	Ronald de Freitas	Guerra às Panelas	
276	19/12/73	Xá do Irã	Governante do Irã.	Citador	Oriana Falacci	Não posso beber petróleo	
287	6/03/74	Ronald D. Laing	Psiquiatra escocês.	Opinador	Não assinada	Quem são os loucos?	

^{§§} A tabela contém um esquema com todas as entrevistas realizadas por Veja entre 1968 e 1989 que contemplaram a temática feministas.

^{***} A ocupação foi delineada de acordo com a apresentação elaborada pela própria revista, ou seja, se a revista delimitou uma entrevistada como professora e omitiu outras informações, na tabela foi contemplado o dado informado por Veja. Além disso, optei por informar ainda a nacionalidade de entrevistadas/os, visto que em se tratando de feministas é importante que possamos analisar criticamente os locais de produção teórica.

^{†††} Entrevistados/as foram separados em 3 categorias distintas: as feministas foram nomeadas como tal a partir de afirmações pessoais, isto é, só foi categorizada como feminista quem se identificava com o feminismo, isso em qualquer instância, não apenas na entrevista; os identificados como “opinadores/as” são aqueles/as a quem foi questionado sobre os feministas; os classificados como “citadores/as” são os/as que citaram os feministas, independente do teor do questionamento feito. A última categoria não foi analisada, mas julguei pertinente manter a informação, na medida em que denota a circulação do tema

^{†††} Entrevistas que obtiveram repercussão, no que se refere ao debate sobre feministas, na seção Carta dos Leitores, nas cinco edições seguintes após sua publicação.

315	18/09/74	Helen Gurley Brown	Autora, publicitária e executiva estado-unidense.	Feminista	Odillo Licetti	Um modelo de mulher	
329	25/12/74	Françoise Giroud	Jornalista e escritora suíça.	Feminista	Pedro Cavalcanti	O poder das mulheres	Ed. 331 Ed. 332
346	23/04/75	Helen kaplan	Médica e sexóloga austro-estado-unidense.	Opinadora	Hugo Estenssoro	Uma terapia para o sexo	
378	03/12/75	Alberto Moravia	Escritor jornalista italiano.	Feminista	Carla Ravaioli	Um escritor feminista	
472	21/09/77	Eva Alterman Blay	Socióloga e professora brasileira.	Feminista	Lígia Martins de Almeida.	Os Trabalhos da Mulher	Ed. 477
507	24/05/78	Shere Hite	Sexóloga estado-unidense	Feminista	Judith Patarra	Contra os favores do homem	Ed. 509
555	25/04/79	Benjamin Spock	Médico-pediatra estado-unidense.	Citador	Judith Patarra	Eu era intolerante	
598	20/02/80	Branca M. Alves	Historiadora brasileira.	Feminista	Eva Spitz	A conquista do Corpo	Ed. 601 Ed. 602
617	2/07/80	Giuseppe Alberigo	Historiador italiano.	Citador	Marcos Sá Corrêa	O papa irradia certeza	
630	1/10/80	Joffre Dumazedier	Sociólogo francês.	Citador	Marília Pacheco Fiorillo	A defesa da preguiça	

650	18/02/81	Roberto Carlos	Cantor compositor brasileiro.	e	Opinador	Regina Echeverria	Sou mesmo romântico	
671	15/07/81	Sandra Cavalcanti	Política brasileira.		Opinadora	Marcos Sá Corrêa	A política atrapalha	
683	7/10/81	Paulo César Lima	Jogador de futebol brasileiro.	de	Opinador	Maurício Cardoso Osvaldo Martins	Meu mal é ter bom gosto	
709	7/04/82	Moreira da Silva	Cantor compositor brasileiro.	e	Opinador	Oswaldo Martins	O falso malandro	
729	25/08/82	Esther de F. Ferraz	Advogada, professora política brasileira.	e	Feminista	Mirian Guaraciaba	Sou mulher, e insistente	
778	3/08/83	Maria da Graça Meneghel - Xuxa	Cantora, modelo e apresentadora brasileira.		Opinadora	Tales Alvarenga	O prazer de ser Xuxa	Ed. 782
823	13/06/84	Marta Suplicy	Psicóloga apresentadora brasileira.	e	Feminista	Mirian Paglia Costa	Abortar é um direito	Ed. 825 Ed. 826
880	17/07/85	Marguerite Duras	Escritora de cinema francesa.	e	Citadora	Paulo Moreira Leite	A vitória de um estilo	

892	9/10/85	Marina Colasanti	Escritora e jornalista ítalo-brasileira	Feminista	Isabel Cristina Mauad	A felicidade até existe	Ed. 894
895	30/10/85	Elisabeth Badinter	Historiadora e filósofa francesa.	Feminista	Paulo Moreira Leite	Pobres dos homens	Ed. 899
910	12/02/86	Roberto Carlos	Cantor e compositor brasileiro	Opinador	Okky de Souza	Coração verde-amarelo	
917	02/04/86	Ruth Escobar	Atriz e produtora cultural luso-brasileira.	Feminista	Paulo Moreira Leite	O despertar da mulher	
941	17/09/86	Susan Brownmiller	Jornalista e escritora estado-unidense.	Feminista	Flávia Sekles	O estupro é político	
964	25/02/87	Marion Zimmer Bradley	Escritora estado-unidense.	Opinadora	Flávia Sekles	Elas são medievais	Ed. 967
994	23/09/87	Bella Abzug	Advogada e política estado-unidense.	Feminista	Sarah Cristina Coelho	O planeta das mulheres	
1100	11/10/89	Shere Hite	Sexóloga teuto-americana.	Feminista	Élio Gaspari	O homem deve mudar	
<p>Total de entrevistas nos anos analisados: 1072 Total de entrevistas fazendo referência aos feminismos: 31 Porcentagem de referências ao feminismo: 2,89%</p>							

TABELA 2. 1
Páginas Amarelas por temas (1968-1989)^{§§§}

Entrevistada	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5
Betty Friedan	Casamento/Cuidados com o lar	Movimento de libertação feminino	Feminismo no Brasil	Feminilidade	Trabalho
Helen Gurley Brown	Casamento	Movimento de libertação feminino	Feminilidade		
Françoise Giroud	Política	Trabalho	Cuidados com o lar/ Cuidados com o lar	Movimento de libertação feminino	
Alberto Moravia	Sexo	Amor	Maternidade	Casamento	
Eva Alterman Blay	Educação de homens e mulheres	Trabalho	Filhos/ Cuidados com o lar	Domésticas	
Shere Hite	Sexo	Movimento feminista	Orgasmo feminino	Pílula	
Branca M. Alves	Planejamento familiar	Legalização do aborto	Movimentos feministas no Brasil	Domésticas	Feminilidade
Esther de F. Ferraz	Educação	Mercado de Trabalho	Legalização do aborto		
Marta Suplicy	Legalização do aborto	Pílula	Feminismo	Planejamento familiar	
Marina Colasanti	Feminismo	Emancipação da	Amor	Relacionamento	

^{§§§} Tabela elaborada a partir dos temas debatidos nas entrevistas com feministas. A seleção foi elaborada com base nos diálogos temáticos, isto é, destaquei como tema apenas assuntos que eram relevantes a um número significativo de entrevistas.

Entrevistada	Tema 1	Tema 2	Tema 3	Tema 4	Tema 5
		mulher			
Elisabeth Badinter	Amor	Feminismo	Maternidade	Trabalho doméstico	Trabalho
Ruth Escobar	Política	Movimentos feministas	Feminismo no Brasil	Violência contra as mulheres	Legalização do aborto
Susan Brownmiller	Violência sexual	Casamento	Delegacias da mulher		
Bella Abzug	Feminismo norte-americano	Mulheres na Política	Trabalho		
Shere Hite	Sexo	Casamento			

TABELA 3
Millôr (1969-1982)****

Ed.	Data	Coluna/Título	Pág.	Ocorrência	Charge	Ilustração
86	29/04/70	Millôr – Sem título	13	Debate - feminismo	X	
188	12/04/72	Millôr - O Seqüestro	10	Feminismo/Machismo		
216	25/10/72	Millôr – Millôr e as nossas grandes reivindicações	09	Debate - feminismo	X	
221	29/11/72	Millôr – Millôr e o eterno masculino	14	Debate - feminismo	X	
300	15/06/74	Millôr - Lugares-comuns femininos (classe A)	12	Machismo/Machista		
305	10/07/74	Millôr – Triângulo passional	13	Reivindicações feministas	X	
332	15/01/75	Millôr - Cena Urbana 1975	8	Machismo/Machista		
370	8/10/75	Millôr Fernandes - O homem deve bater na mulher?	14-15	Machismo/Machista		
412	28/06/76	Millôr – “chamada”	14	Feminismo/feminista		
418	08/09/76	Millôr - Livre-pensar: É só pensar.	15	Feminismo/feminista		
466	10/08/77	Millôr - Livre-pensar é só pensar	15	Machismo/Machista		
466	10/08/77	Millôr – Sem título	15	Reivindicações feministas	X	
539	3/01/79	Millôr - Efemérides	14	Feminismo/feminista		

**** Tabela elaborada com bases nas referências de Millôr Fernandes aos temas machismo e feminismo. Constatam também as charges analisadas, embora nem todas façam referências objetivas ao assunto.

Ed.	Data	Coluna/Título	Pág.	Ocorrência	Charge	Ilustração
541	17/01/79	Millôr – Dicionário definitivo	8	Machismo/Machista		
608	30/04/80	Millôr – A caixa (ou lá que outro nome tenha) de Pandora	10	Feminismo/feminista		X
609	7/05/80	Millôr – Sem título	13	Debate - Feminismo	X	
632	15/10/80	Millôr - Radiografia essencial do gordo	14	Machismo/Machista		
638	26/11/80	Reflexões sem dor	14	Feminismo/feminista		
652	4/03/81	Brasil. Meu Brasil brasileiro	8	Machismo/Machista		
692	09/10/81	Alguns supérfluos para serem taxados	14	Machismo/Machista		
698	20/01/82	Sacadas Rimadas	14	Feminismo/feminista		
<p>Número total de exemplares: 731 Número total de colunas: 41 Porcentagem: 5,6% (Cálculo feito com base na tabela 3 e na tabela 3. 1)</p>						

TABELA 3. 1
Charges – 1969-1982^{††††}

Ed.	Data	Pág.	Tema	Conteúdo e/ou Título
73	21/01/70	9	Mulher liberada	Homem questiona o que mais as mulheres querem.
74	04/02/70	11	Feminismo	Sobre a igualdade entre os sexos.
86	29/04/70	13	Adão e Eva	Eva festeja o fato de ser unissex, juntamente com Adão.
128	17/02/71	8	Gênero	Homem e mulher celebram as vantagens do unissex.
138	28/04/71	14	Feminismo	Título: “Millôr e o Women’s Lib”. Amante escondido em armário questiona o marido sobre a liberação.
173	29/12/71	13	Feminismo	Título: “Millôr e Biologia”. Women’s Lib é apresentado como perdedor no sentido biológico.
216	26/10/72	9	Feminismo	Alegoria de uma mulher fantoche dos EUA.
220	22/11/72	11	Machismo	Mulher dá aula sobre reconhecimento de machistas.
221	29/11/72	14	Mulher objeto	Título: “Millôr e o eterno masculino”. Mulher representada como objeto, mesmo quando instruída.
226	03/01/73	11	Mulher liberada	Quadro dos males do ano que entra, mulher liberada é um deles.
277	26/12/73	11	Feminismo	Título: “Millôr e o Rato’s Lib”. Metáfora entre ratos e o women’s lib.
290	27/03/74	13	Feminismo	Título: “Millôr e o Women’s Lib”. Mulheres representadas como aderindo ao women’s lib, mas presas em futilidades.

^{††††} Tabela contendo todas as charges que problematizaram os feminismos ou temas relativos aos feminismos na coluna Millôr. O conteúdo integral desse material não foi explorado no texto.

Ed.	Data	Pág.	Tema	Conteúdo e/ou Título
305	10/07/74	13	Violência	Mulher sendo morta por um triângulo em analogia a triângulos amorosos.
313	04/09/74	13	Feminismo	Mulher limpando a casa enquanto se anuncia a criação da secretaria de assuntos femininos na França.
349	14/05/75	9	Aborto	Pintinhos atiram seus ovos de um penhasco.
353	11/06/75	8	Vida doméstica	Título: “Marido X Mulher”. Cenas cotidianas de um casal.
391	03/03/76	14	Feminismo	Título: “Millôr e o Women’s Lib”. Mulher lamenta que seu marido não a entende.
393	17/03/76	14	Mulher liberada	Título: “Poeminha com estaco de Vieira”. Sobre liberação das mulheres, mas também dos homens.
466	10/08/77	15	Divórcio	Mulher ameaça marido sentado no sofá sobre o tema divórcio.
487	04/01/78	14-15	Feminismo	Título: “Ainda falta algum Lib?” Analogias sobre a expansão dos “Lib’s”.
555	25/04/79	555	Revolução sexual	Pequeno desenho de mulher falando sobre vitória e um homem afirmando o fim do ato sexual.
604	02/04/80	9	Mulher liberada	Duas mulheres falam de individualidade.
609	07/05/80	13	Feminismo	Título: “Enquanto isso o feminismo alcança a jãngal”. Mulher confronta homem afirmando-se Tarzan.
643	31/12/80	14	Gênero	Homem lamenta a “ereção” a perda da ereção para a mulher.
650	18/02/81	8	Mulher submissa	Homem representado no sofá questionado a esposa sobre 30 anos de sua submissão.
654	18/03/81	15	Machismo	Homem tira a roupa na frente de mulheres e é acusado de machista.